

**QUADROS  
DE UMA  
EXPOSIÇÃO**

Luis GonzagaVieira

1º

Zaga nasceu numa cidade de interior. Havia uma igreja bonita, dois padres, um cinema, um jardim perto da igreja. Uma cidade de interior igualzinha às outras, com ruas calçadas e morros. Havia até uma piscina suja, mas Zaga não sabia nadar. Morava numa casa grande e tinha seis irmãos. O pai morreria de câncer, quando Zaga tinha apenas quatro anos de idade. A mãe era professora, muito católica, acreditava na misericórdia de Deus. Educava os filhos na religião e ensinava as primeiras orações, mandava os filhos à missa e preparava com escrúpulo aqueles filhos de Deus que eram filhos dela também. Zaga não era desobediente nem nada. Menino comum, o rosto redondo, cabelos curtos. Respeitava a mãe e não pensava nunca em desobedecer. Mas, algumas vezes, desobedecia assim mesmo. Era menino raivoso e tinha vontade de xingar a mãe de todos os nomes feios que ouvia na rua, quando a mãe batia nele. Mas não xingava porque gostava da mãe e a mãe batia com razão. Depois ele esquecia tudo.

Na casa de Zaga não entravam revistas em quadrinhos, a mãe achava que aquilo era perigoso para a alma. Nem Zaga nem os irmãos procuravam ler essas revistas proibidas, a mãe sabia o que estava fazendo. A obediência era assim, o amor que os filhos tinham à mãe censurava tudo. Só existia o amor da mãe pensando neles, trabalhando o dia inteiro na escola para sustentá-los. O lar era, de certo modo, rigoroso, um rigor de afeição. Todos viviam bem e a mãe se matava para alimentar o egoísmo dos filhos. Mas Zaga e os irmãos não sabiam disso. Todos viviam bem com Deus, a mãe ensinava o amor de Deus como sendo uma afeição mais certa. Nas horas da refeição, todos ficavam em pé e rezavam primeiro. De noite, depois do jantar, a mãe reunia os filhos na sala principal da casa e rezava o terço. Aos domingos eles eram obrigados a assistir à missa, porque a mãe não gostava que um filho dela aprendesse a cometer um pecado mortal deliberadamente. Como os filhos ficassem com preguiça, a mãe não deixava que fossem ao cinema, então eles assistiam à missa dos domingos para poder ir ao cinema. E a mãe ficava triste com isso, não compreendiam ainda a

importância da religião. Mas a mãe se esforçava de todo modo. Falava bem dos padres e das freiras, contava estórias comoventes dos santos, suspirava jaculatórias assim: Pai São Francisco, rogai por nós! Comungava sempre e era uma verdadeira alma eleita, como se dizia por lá.

Zaga via os padres com a batina preta e achava bonito. A mãe convidava os padres para almoçar em casa, hospedava os padres visitantes e tratava deles como se trata um ministro de Deus. Procurava desculpar a falta dos padres. Mas Zaga ainda não percebia essas coisas, era muito criança ainda. Às vezes diziam que era uma honra para a mãe ter todos os filhos padres e todas as filhas freiras. Mas quando Zaga saía na rua, ouvia dizer que os padres eram urubus. Não podia acreditar naquilo, era mentira dos amigos. A casa era piedosa, falava-se em Deus com devoção. Zaga achava bonito, gostou dos padres e da batina preta dos padres. Um dia até pediu à mãe que arrumasse um altarzinho para ele brincar de padre. A mãe arrumou e, desde então, as irmãs dele ajudavam como coroinhas. Periodicamente Zaga "celebrava" a missa e imitava os gestos do padre na igreja. Fazia até procissão dentro de casa. Mas continuava com aquele gênio esquisito, com raiva de tudo. Certo dia, soltou uma bombinha no quintal de casa e a mãe ficou brava. Era o dia da paixão de Cristo, dia de recolhimento. Zaga não entendia aquele silêncio de todos os anos, Jesus morrendo todos os anos e não se esgotando nunca. Obedecia à mãe.

Na rua ele se encontrava com os amigos de escola, Walter era colega dele e vinham sempre juntos depois das aulas. Tímido e retraído, Zaga não acompanhava os colegas, ficava sempre de lado. Quando algum amigo dizia que ele tinha namorada, ficava envergonhado. Ao meio dia pegava livros e cadernos e ia assistir às aulas na Escola Normal. O sino da igreja batia com desânimo, o sol dava preguiça, e os colegas uniformizados entravam pelo portão da escola. Aquela hora do dia dava sonolência, um gosto esquisito. Zaga ainda usava calças curtas, mais tarde se sentiria orgulhoso de vestir calça comprida. E ouviria certas pessoas dizendo assim:

- Você desceu as calças e não me chamou!

Mas ele não entenderia direito. Agora ele apenas olhava para os colegas que entravam pelo portão da escola e alguém cantando:

- Meio-dia/macaco assobia/fazendo careta/prá dona Maria!

Na sala de aulas, dona Delorme escrevia no caderno ou no quadro, uma letra redonda e bonita. Zaga procurava imitar a letra da professora, chegando mesmo a ter uma letra igualzinha. Depois a professora passava exercícios para casa. Zaga chegava e pedia que a mãe ajudasse a fazer os exercícios. A mãe ocupada, dizendo pra ele almoçar primeiro e ele atrás da mãe, insistindo. Deitava-se de bruços no assoalho, os cadernos espalhados, as letras e os números muito bem escritos. E a mãe ensinava o filho, Zaga fazia a obrigação e almoçava. Disse para a mãe que ia escrever um caderno com caneta, a professora que mandou. Era um grande acontecimento aquele, a primeira vez que ia escrever com caneta. Disse ainda que a professora estava ensinando o hino nacional. Zaga dizia assim:

- Oibiram do Ypiranga as margens plácidas...

- Não é oibiram, meu filho, corrigia a mãe.

Mas Zaga dizia que era, que a professora tinha ensinado assim e teimava com a mãe. Então a mãe precisou contar para a professora e pedir que ela ensinasse de novo como era a letra do hino nacional. Zaga não discutiu mais, a professora havia falado.

A vida era tímida e retraída como o próprio menino. Mas não havia tristeza em nada. Os irmãos estudavam, brincavam e somente a mãe carregava as preocupações dos sete filhos. Os filhos chegavam assim, descarregavam os probleminhas no coração da mãe e saíam pra rua, brincavam na casa dos amigos, em qualquer lugar. Zaga não era briguento, tinha medo de brigas, o corpo não aguentava nada e ele recebera uma educação em casa que desaprovava as brigas. Certos amigos não podiam apanhar na rua porque, se apanhassem, os pais batiam neles e, se não apanhassem, os pais não batiam. Zaga aprendeu diferente, a mãe não gostava de briga de espécie alguma e ele não brigava, tinha medo de apanhar. Quando alguém quisesse brigar com ele, dizia:

-Você bate em mim, mas eu quero ver você bater no Ernani.

Ernani era um amigo forte, sabia gritar com os outros e tinha um cachorro preto que amedrontava a rua. Quando o cachorro saía, Zaga fechava o portão de casa e ficava olhando. Foi naquele dia em que a irmã mais velha estava brincando e tropeçou na cadeira. Caiu no chão, bateu com o rosto não sei onde e cortou o rosto pertinho dos olhos. Os irmãos ficaram assustados porque saía sangue. Rosária ficou mais assustada ainda e perguntou para a mãe:

- Eu vou morrer, mamãe?

Passado o susto, os irmãos riam e começavam a brincar de novo, esquecidos do cachorro preto na rua. Um dia Rosária cortou os joelhos numa lata de lixo. Era assim, ela parecia vítima.

Às vezes Zaga enjoava de ir à escola porque não gostava daquele horário do meio dia. Vivia reclamando, pedia para não ir. Mas a mãe obrigava. Só uma vez é que não foi. Saiu de casa e ficou sentado no banco do jardim. Mas Zaga nascera numa cidade de interior e todos conheciam o filho de dona Benedita. Lá pelas duas horas da tarde, abriu a bolsa e começou a merendar. A mãe apareceu na esquina, pegou no braço dele e o levou para a sala de aulas. Os colegas olharam, ele sentiu os risinhos de gozação dos colegas e foi sentar-se no seu lugar. Mas ele ainda era pequeno e não sofria, aquilo até que lhe dava certo orgulho. Mas, depois, a mãe procurou fazer com que ele gostasse das aulas e o matriculou no Grupo Escolar. O curso primário do Grupo só funcionava de manhã. E agora o problema era outro. Zaga gostava de estudar de manhã porque tinha toda a tarde disponível, podia brincar, tinha mais tempo. Nas, quando terminavam as aulas, ficava jogando bolinha de vidro na rua e demorava para chegar em casa. Ficava tão entretido no jogo que se esquecia da bolsa num canto da calçada. Quando ia procurar a bolsa, não estava mais lá. Ia para casa tristonho e sem jeito, a mãe ralhava com ele, comprava outra bolsa e ele perdia de novo. Demorou para aprender.

Apesar de criança ainda, Zaga gostava de solidão.

Sonhava com os olhos abertos e qualquer coisa criava uma estória longa dentro dele. Quando a casa ficava silenciosa, deitava-se na cama de casal da mãe ficava passando a escova de roupa no

lençol, como se fosse carro de passeio. À medida que empurrava a escova, sonhava uma porção de coisas. No tanque ele brincava com pedaços de pau. Enchia o tanque de água e mergulhava o pedaço de pau no tanque. O pedaço de pau era Tarzan, Zaga vivia assistindo filmes de Tarzan. Aproveitava-se também do tanque cheio de água e colocava uma caixa de fósforos que servia de navio. Punha uma formiga dentro da caixa e ficava observando os movimentos confusos da formiga. Fazia ondas com a mão. Assim ele passava algumas horas distraído, procurando alguma coisa para matar o tempo. Mas, em geral, brincava com os amigos, com as irmãs e com as amigas das irmãs.

Havia um amigo especial, o Zé Antônio. Zaga e Zé Antônio nasceram na mesma cidade, tinham quase que os mesmos gostos e uma pequena diferença na idade. Zé Antônio tinha umas brincadeiras diferentes, matava bichos pequenos e depois colocava num vidro, enterrava o vidro em determinado lugar para no outro mês ver se ainda estava enterrado. Brincadeiras assim. Zaga ficava quase que o tempo todo com ele. A mãe de Zé Antônio era pianista, ensinava música para as meninas da cidade. Zaga também gostava do amigo porque era o único que deixava pôr a mão no ombro. Depois Zé Antônio nunca mais deixou. É que, um dia, Zaga estava com a mão suja e ficou uma porção de tempo andando com o amigo. Quando chegaram em casa, Zaga deu uma risada e mostrou a mão. A camisa branca do amigo ficou amarela. Mas Zé Antônio não ligou para isso, trocou de camisa e foi brincar. Zaga perdera um belo gesto de egoísmo, mas havia ainda outras coisas. O amigo tinha um revólver que ganhara no natal e os dois brincavam de mocinho como em cinema, metade do revólver para cada um. Subiam nos dois balaústres do alpendre e galopavam como se estivessem numa corrida de faroeste. O irmão vinha brincar também e os três passavam a tarde. Saíam para a rua, andavam pela cidade. Zaga, com os pés descalços, sentava-se no meio-fio do passeio e levantava os dois pés para cima, batendo um no outro. Fazia isso só por molecagem e porque os dois amigos estavam ali para rir dele. Voltavam para casa, entravam dentro do porão, a terra amarela e fofa. Ali eles passavam "Cinema". Colocavam fotografias na parede do porão, bem no escuro. Um deles ficava lá de fora com um espelho pequeno, o sol batia no espelho e o

espelho clareava as fotografias lá dentro do porão. Aquilo era cinema! Em outros dias eles assistiam "circo" na casa do turco. O turco fazia o circo no terreno grande, tinha até pó de serragem para proteger a queda. A entrada custava três paus de fósforo. Quando chegava na cidade um circo mesmo, Zaga e os irmãos riam da caçula de casa, Lucinha tinha medo. O palhaço em cima do caminhão, todo fantasiado, com pé-de-pato, Lucinha tinha medo do pé-de-pato. Os moleques gritavam:

- É hoje é hoje é hoje, o circo Irmãos Gonçalves.

Repetiam e faziam coro com os artistas do circo. De noite Zaga e os amigos assistiam o espetáculo. Zaga se lembrava, impressionado, de um circo que tinha roda gigante, trapezistas que faziam a gente tremer, palhaços que subiam nas arquibancadas para brincar com o distinto público. Era um grande divertimento, pelo menos era diferente. Como os cavalinhos de pau que eram instalados perto da igreja e que excitavam a turma. Melhor, no entanto, era brincar de coisas que inventavam, tinha gosto de criação, coisa original. Uns três ou quatro saíam de noite na rua, colocavam chicletes nas campainhas e corriam. Se a casa não tivesse campainha, o que era mais frequente, batiam na porta e sumiam na primeira esquina. A mãe não proibia a brincadeira dos filhos, mas zangava-se com a folia. Zangou com o irmão porque os dois compraram pipoca e depois chuparam sorvete, depois vomitaram, a mãe ficou brava porque os dois filhos vomitaram.

Zaga jogava futebol na rua, machucava os pés e, quando ia lavar, os dedos ardiavam. Uma única vez tentou entrar escondido no cinema, mas não foi bastante esperto para enganar o porteiro. Ele invejava os amigos que sempre faziam isso, ele não sabia fazer. Seus brinquedos eram mesmo os de rua, podia brincar sem que ninguém impedisse e não precisava comprar bolinha de vidro porque sabia jogar muito bem e geralmente não perdia. De tanto jogar, o bolso da calça se rasgava e o dedo ficava rachado, nem sangrava mais. Outro dia enfiou o pé num prego enferrujado e arrancou o prego de uma vez. Os gestos sempre foram mais ou menos assim, repentinos. Ele não ia ficar com o prego enterrado no pé! Foi mancando para casa, o sangue avermelhando a

calçada e ele, com medo. Não disse nada a ninguém, deitou-se na cama da mãe, sentiu uma dor forte no pé e começou a chorar baixinho. Rosária, irmã dele, ouviu o choro e perguntou o que ele tinha. Não disse. Mas a irmã viu o buraco no pé e chamou a mãe. Zaga não conseguia andar. A mãe chamou o primo que morava perto e o primo levou Zaga para a farmácia do Ditinho. Dias depois, o menino estava pronto para outros pregos, o sofrimento dele se resumia nisso, impossível o menino inquietar-se por outra coisa.

Já agora se misturava de novo com os amigos, chegando mesmo a ter vagos desejos de sexo. No porão de casa Zaga via os amigos se revezando, o pênis pequenino na traseira dos amigos. Não era pederastia, mas curiosidade. Aquilo era negócio de homens, de machos, fazer coisas proibidas. Os outros meninos, que não chegavam a ser amigos, também atraíam Zaga, aguçavam a curiosidade diante dessas coisas que ninguém dizia, ninguém devia dizer, pois era impuro, era pecado. Entravam num buraco feito na terra, cobriam por cima, e cada um deles começava mostrar o próprio pênis. Eles se orgulhavam daquilo, a maior honra do mundo era ser macho. E Zaga não entendia direito, não sabia por que ficavam medindo o próprio pênis e combinavam deflorar tal ou tal menina. Tudo era diferente do que a mãe ensinara. Mas ele também era macho e não queria tomar uma atitude que decepcionasse os outros. Não contava nada para a mãe, sumia na rua e nos cantos escuros, andava com os amigos ou com os estranhos, nenhum ato se gravava na cabeça do menino. No outro dia já esquecia tudo, brincava do mesmo modo e evitava os moleques.

Zaga brincava mais frequentemente no terreiro de casa, sozinho ou com os companheiros. Zé Antônio estava sempre junto, os dois se entendiam. Corriam em volta da casa e brincavam de pique. Celeste, irmã de Zé Antônio, estava com eles, mas vinha raramente. Saía um pegador de cada lado e quem prendesse uma das meninas, podia dar um beijo nela. Zaga não prendia as irmãs, mesmo que elas se deixassem pegar, beijo de irmã não tem gosto.

De tarde, logo depois do jantar, as crianças saíam na rua. As mães ficavam no portão observando o brinquedo dos meninos. Dois quarteirões tomados pelos meninos. Zaga jogava futebol e depois fazia outra coisa qualquer. A mãe proibiu e ninguém mais jogou



futebol depois da janta, diziam que era perigoso tomar uma bolada na barriga e morrer na hora. Jogavam antes do jantar. As meninas, sempre mais ajuizadas, brincavam de roda. A roda girava de mansinho, enquanto cantavam músicas de ciranda. Inventavam brincadeiras, pulavam corda, jogavam peteca, brincavam de bonecas e de comidinha, enquanto alguns meninos ficavam ridicularizando tudo. Uma fila vinha de um lado e ia encontrar-se com a outra fila que se aproximava. Seguia-se uma estória cantada, explicada também por meio de gestos. Mas depois as crianças se cansavam e brincavam mais calmas, várias turmas se olhando e se medindo, brincavam de casamento chinês. Algumas meninas em fila, com o rosto virado para a parede. O mesmo número de meninos do outro lado, quase no meio da rua e olhando para as meninas. Um daqueles meninos batia no ombro da menina que ele escolhera, a menina virava-se de frente e recebia um cumprimento com a cabeça. Se ela gostava do menino, também cumprimentava. Se não gostasse, voltava novamente o rosto para a parede. E o menino, por sua vez, voltava ao seu lugar antigo. Assim, sucessivamente, todos os meninos que estavam no brinquedo escolhiam a namorada. Quando os casais ficavam todos formados, fazia-se um baile no meio da rua. Antes de terminar o baile, as mães chamaram os filhos e muitos foram dormir. Os últimos sentavam-se num lugar qualquer, pediam às mães que esperassem só mais um pouquinho e brincavam de passar anel. A menina, com o anel fechado nas mãos postas, passava a mão na mão dos outros até deixar o anel com alguém. E assim se repetia. Zaga e os amigos gostavam daquele contato, a mãozinha branca de Anita roçando a mão de Zaga.

Mas Zaga tinha que lidar também com os homens grandes, esses que falavam uma coisa e ele tinha que ficar calado, não sabia o que dizer. A mãe era uma pessoa grande, mas era diferente, ela trabalhava bem, amava, fazia tudo. Os outros eram grandes e Zaga não conhecia direito a seriedade deles, não sabia dizer. Como quando quis ser padre e o tio disse que ele não ia ser padre coisa nenhuma. Ele chegou em casa, contou para a mãe e chorou, era a única defesa. Zaga sentia uma raiva danada contra esses homens. Por que ficavam rindo daquele jeito? Por que olhavam diferente para ele? Por que faziam

aqueles gestos de agrado que uma criança não entendia? Em compensação, lá do Rio a avó sempre mandava uma infinidade de moedinhas. Mas vinha também aquela mala cheinha de injeções, tudo dado. Em casa de Zaga tinham mania de injeção e vermífugo, todo ano ele era obrigado a tomar vermífugo e passava o ano todo tomando injeções de cálcio.

Também na própria casa ele via os gestos estranhos dos homens grandes. Quando a mãe se casou, o pai era um viúvo com cinco filhos. Logo depois que o pai morreu, a mãe foi obrigada a suportar os cinco filhos do marido. Será que a família não é a coisa mais sagrada que existe? Zaga não sabia, era pequeno demais para saber. Via aquilo contra a mãe dele, vozes altas, e até a filha do pai dele que jogara uma faca nas coxas da outra. O irmão delas ficou com o cartório do pai de Zaga. E só a mãe punha solenidade em tudo aquilo, o menino chorava nas saias da mãe. Ele não entendia direito, só sabia que a mãe gostava muito dele, muito mesmo.

Mas existia uma raça de homens grandes que ajudava os meninos a brincar. Seu Fontão era um deles. Roubavam frutas na horta do seu Fontão, pulavam o muro. Quando seu Fontão morreu, a horta perdeu o encanto. Também havia um casal de alemães, vizinhos de Zaga, seu Paulo e dona Ema. Logo que terminou a guerra contra a Alemanha, os meninos não davam mais sossego para os vizinhos alemães, ainda não compreendiam o que era humanidade. Os grandes ensinaram que a pátria de cada um é mais importante que a dos outros, assim a cidade em que Zaga nascera era mais importante que tudo no mundo, os alemães queriam destruir a cidade dele, os alemães não prestavam. Os meninos repetiam sempre:

- Alemão batata/come queijo com barata.

Por isso Zaga não gostava dos vizinhos que eram alemães, embora nunca houvessem feito nada de mal. Os maiores homens do mundo eram os americanos, Zaga delirava com esses filmes de guerra dos americanos. Não sabia explicar também por que era preciso cartão para comprar as coisas, por que é que havia pouca coisa para se comer, não entendia e não pensava muito nisso, até se alegrava com a novidade. A mãe ocultou tudo o que pudesse ferir a grande

ignorância dos filhos, os filhos não desconfiaram realmente do que se passava. E não havia tempo para ficar pensando numa coisa só. Aquele casal novo, com pronúncia de carioca, vivia se beijando bem na porta da casa deles. Uma grande novidade para os meninos! O marido chegava do serviço, encontrava a mulher no portão e os dois se beijavam na boca como pombinhos. Essa mulher não gostava que os meninos jogassem futebol na rua, os meninos quebravam os vidros da janela e sujavam a parede. Mas jogavam assim mesmo. Zaga gostava muito de futebol e o goleiro Mauro era seu ídolo.

O tempo ia passando, sem que notassem que estavam perdendo alguma coisa e lucrando uma situação duvidosa. Cresciam inconscientes, Zaga inconsciente. Com aquela mania de sonhar acordado, Zaga interrogava as coisas muito a seu modo e tirava conclusões que mais tarde teria que abandonar. Não podia ter pensamentos de criança a vida toda. Zaga não sabia que era criança, apenas sentia que era diferente dos homens grandes, estava satisfeito com isso. Tinha a mãe, os irmãos, os amigos. Os amigos falavam em casamento, mas Zaga não sabia que era preciso dormir com a mulher na cama, ele teria nojo de fazer uma coisa dessas. Não era o instinto pecaminoso que herdara, mas era como se os tecidos do corpo não adotassem aquela ideia. Como faria então, se casasse? Isso o perturbava. No entanto nunca pensou na mãe dele que dormira com o pai, nunca lhe passou isso pela cabeça. Instintivamente foi criando um pensamento crítico, uma coisa ainda bastante primária, própria mesmo da idade. Viu, algum tempo depois, que a calcinha de uma das irmãs tinha sangue. A irmã levantou as pernas na cadeira e ele viu. Foi como um raio na cabeça do menino, mas que passou depressa. A mãe falou em defloração, menstruação, não sabia. Diziam os amigos mais entendidos que Luiz fizera uma coisa na irmã dele. Zaga não sabia o que era, mas a mãe disse que não era nada e o escândalo passou. Zaga não sabia o que era escândalo. A casa, porém, era abençoada por Deus, a mãe conseguia distrair os filhos com o amor dos santos preferidos, e os padres visitantes ajudavam a mãe. Os padres e as freiras continuavam frequentando a casa, adulando a piedade da

exemplar mãe de família. Eles eram amigos, alegres, conversavam e comiam com muito apetite. Alguns padres abusavam da piedade da mãe, viviam levando crianças para almoçar na casa. Padre Jorge comeu tanto que teve de vomitar depois. A mãe achava engraçado, não reprovava. Zaga se comovia com o vômito sagrado dos ministros de Deus. Compartilhava tudo com a mãe sabia compreender porque não compreendia nada. Diante dos padres, das freiras e da mãe piedosa é que Zaga sentiu-se chamado por Deus, quis ser padre. Antes, queria ser franciscano porque uns padres franciscanos foram pregar missão na cidade. Depois queria ser jesuíta porque os jesuítas eram instruídos, conforme diziam. Mas os padres assíduos na casa de Zaga eram seculares e ele resolveu ser padre secular, iria mais tarde para o seminário. Enquanto isso, teria que estudar muito e esperar. Continuará brincando, vivendo normalmente, pois o chamado de Deus já se fizera sentir. Tinha acessos de raiva, mas isso era perdoável, disseram que Deus se importa mais com um pecador do que com 99 justos. Zaga sentiu vontade de ser pecador inveterado, para atrair assim a misericórdia infinita de Deus. Pensava nisso muito de leve, como se nem pensasse. Deus era a voz da mãe apontando um caminho, só podia ser o caminho certo. E continuou tendo raiva. Foi então que descobriu o sadismo. Não com esse nome, é claro, mas com os gestos. Zaga tinha prazer imenso em puxar o cabelo das irmãs. Não podia judiar dos amigos porque os amigos eram fortes e brigariam com ele, judiava das irmãs. Fazia uma bola de meia e jogava futebol com elas. Chutava a bola com força, para que a bola batesse com força nas irmãs. E as irmãs não o desanimavam, riam mesmo e continuavam brincando com o sadismo do irmão. Costumava também subir lá em cima da escada, perto da cozinha, de onde jogava as bolinhas de vidro. Quando as irmãs se agachavam para pegar as bolinhas, jogava as outras bolinhas na cabeça delas. Gostava disso, ver as irmãs gritando de dor e ele perdendo todas as bolinhas. Ficava só com uma, para ganhar tudo de novo, ele ganhava sempre. Vinha a mãe, batia no menino, chamava-o de mau. A mãe pegava a escova de roupa, batia na mão do menino e ele ficava mole de dor. Queria falar nomes feios contra a mãe, mas não conseguia, só conseguia chorar. Ia chorar atrás

do guarda-roupa, cansava-se de chorar. Deitava-se no assoalho da casa, começava a cantar aquela música que ele achava muito triste, Despertar da Montanha, cansava-se também de cantar. A mãe se esquecia do filho chorão e, quando sentia falta nele, ia encontrá-lo dormindo atrás do guarda-roupa. Isso se repetia com frequência e Zaga misturava uma porção de atitudes inconscientes: sadismo, raiva de tudo, amor pela música, consolo no sono. A mãe contava mais tarde como, aos três ou quatro anos de idade, ele acabava de almoçar ou jantar e jogava o prato no chão. Contava que vira a avó dormindo sossegada, disse para a avó dormir que ele não ia fazer barulho e quando a avó começara mesmo dormir, pegou a lata de talco e atirou a lata na testa da avó. Era assim, de fato era uma revolta inconsciente, ou um gênio mau. Quando falava os nomes feios que aprendia com os amigos e com os estranhos, a mãe o obrigava a engolir pimenta. Ele ficava com a boca queimando, nem por isso deixava de falar. Havia uma sensação especial em desobedecer, um gosto esquisito lá dentro. Por isso falava nomes feios, judiava das irmãs, mesmo que tivesse de engolir pimenta depois.

Quando o sino da igreja tocava, a mãe dizia que o sino estava chamando o filho. Era bonito aquilo, a mãe sabia dizer as coisas. O sino dizia vem, vem, vem, vem, vem! E Zaga ia para a missa dos domingos, para as rezas, para a via-sacra nos tempos da quaresma. Até que fez a primeira comunhão, o terno branquinho e um livro de oração na mão direita. A mãe encaminhava o filho para o sacerdócio, já que ele demonstrara vontade de ser padre. Devia ser muito bonito usar batina preta, rezar o breviário, confessar os outros, converter os pecadores. Ele não pensava converter a si mesmo, isso não, ainda não tinha idade para pensar nisso. O menino fantasiava tudo, idealizava. Ir para o seminário era quase uma questão de orgulho. Zaga vivia como qualquer menino comum, só que iria estudar em outra cidade, era isso, seria diferente.

Por enquanto ficava sozinho em casa, não encontrava Zé Antônio e deitava-se no alpendre de ladrilhos frios. Olhava para as nuvens

passando, via as nuvens formando imagens de bichos, um bicho se transformando em outro. Se as irmãs não estivessem em casa, ia às vezes no quarto delas, pegava uma boneca e beijava a boneca. Não sentia novidade alguma com isso, apenas viu que os outros faziam daquele jeito, a boneca era mulher. Levantava a saia da boneca e achava gozado. O amigo falou que ele nunca vira mulher pelada, ele disse que já. E pensou nas bonecas. Achava gozado aquilo. Mas precisava tomar cuidado para que a mãe não visse, ninguém visse, senão ele estaria perdido.

Abria a pequenina estante da mãe e começava a folhear o Tesouro da Juventude, as figuras viravam fantasia. Zaga viajava longe com aquelas figuras, sonhava. Olhava os livros e sonhava, ficava horas e horas sonhando com os olhos, tudo sempre novo. Era como se tivesse alma de poeta, vendo essas coisas repetidas como se fosse pela primeira vez. A figura etérea de Alice no país das maravilhas, os braços levantados de Alice erguendo os cabelos compridos, Alice na pontinha dos pés. O rato, o gato, tudo aquilo pertinho de Alice, Zaga gostava imensamente de Alice. No Livro dos Contos via pequenote subindo no pé de feijão até chegar quase ao céu. Via os três porquinhos. Depois, deixava o Tesouro da Juventude e começava a olhar as músicas no papel, principalmente os desenhos da capa. Os desenhos da capa traziam fantasias melhores, expunham homens e mulheres abraçados, beijando-se ou apenas insinuando. Zaga ficava longe longe, tudo muito puro, muito direitinho, pois ele não tinha conhecimentos para ir além daquilo. Gostava das mulheres expostas, mas não pensava. Encostava-se no piano e ouvia o rádio que a filha do pai dele havia ligado, não conseguia prestar atenção com o rádio ligado, desviava-se. A filha do pai dele ligava o rádio nas novelas. O locutor anunciava:

- Esmeralda no Vale das Sombras.

Zaga sonhava com a novela, a empregadinha também chamava-se Esmeralda. Numa outra novela ouviu o nome da personagem principal, chamava-se Madalena. Zaga não se esquecia do nome, ele já sabia daquela Madalena que Jesus Cristo perdoara. E a novela falava sobre essa Madalena, não era só no nome não. Zaga ficou tão triste com os acontecimentos da novela que chorou. Perguntaram por que ele estava

chorando, ele falou um nome feio e fugiu. A solidão de Zaga era assim, não profunda como a solidão dos homens grandes, mas uma coisa de criança, embora pouco natural. Sentia a presença das pessoas, aquilo que as pessoas faziam, aquilo por que elas se interessavam. Principalmente sentia a música que as pessoas grandes ouviam. Tocavam música no piano, ligavam o rádio. A mãe de Zé Antônio tocava piano para que as alunas aprendessem, corrigia as alunas enquanto fazia o almoço. Todas sabiam tocar Pour Elise, e a professora tocou Adeus ao Piano, disse que Beethoven havia composto aquilo meia hora antes de morrer. Zaga cansava-se das músicas e entrava embaixo do piano, perto dos pedais. Apertava os pedais, rodava o assento, as pianistas ficavam com raiva dele. Ligavam a vitrola, uma agulha para cada disco de 78 rotações. Zaga sentia aquela mistura, não conseguia distinguir um som do outro. Na verdade, seus brinquedos eram mais interessantes do que as músicas. Só quando estava sozinho é que sentia cada coisa. De noite, ouvia lá da cama o relógio de parede cantando as horas. O relógio parava de cantar, mas era como se ele continuasse ouvindo. Dormia com a música do relógio, a única hora de silêncio na casa.

Zaga não se importava realmente com nada, uma criança não se importa com nada. A mãe vivia ocupada, sempre tinha alguma coisa para fazer. Aos poucos ele foi tomando gosto pelos livros, a mãe estimulava. Tanto mais que passara para o quarto ano primário e devia interessar-se mais pelos livros. A mãe o ameaçava, se não estudasse muito não poderia ir para o seminário. Precisava ir para o seminário, insistiu com a mãe, falava nisso o dia todo. A mãe, querendo livrar-se de algum peso na consciência e instigada pelo filho, conversou com o padre. Concordaram mandá-lo antes de fazer o quarto ano primário. Ainda não completara 10 anos e foi estudar para ser padre, a mãe ficou satisfeitiíssima.

Duas vezes por ano Zaga vinha visitar a família, no mês de agosto e janeiro. É verdade que ele agora era um seminarista, mas isso não modificou quase nada sua vida de menino e criança. Em tempo de férias brincava como antigamente, só que a mãe vigiava os brinquedos,

tinham que ser brinquedos apropriados e que o padre não reprovasse. Os outros meninos o olhavam de modo diferente, os amigos já não eram tão íntimos. O irmão também fora para o seminário um ano antes dele. Zaga precisava frequentar mais assiduamente a igreja, confessar-se mais e comungar, deveria ter uma vida mais devota, mais fervorosa. A mãe ajudava nisso. Lá no seminário aprendera a estudar ou a ficar sentado na cadeira, uma hora sentado na cadeira e olhando para as letras dos livros didáticos. No entanto ele preferia agora era ler os livros de seu gosto, copiar coisas bonitas ou tentar escrever alguma coisa. Ia estudando e tomando mais gosto pelos livros alheios ao estudo. Até que chegou naquele ponto em que não se pode mais passar sem livros, começou então a devorar os livros, toda a literatura brasileira e portuguesa que conseguia, devorava livros de ficção, de palavras bonitas, pensamentos bonitos. Fazia-se herói em cada romance, como é costume, e sonhava. Na biblioteca do seminário conheceu também Júlio Verne e leu a Família sem Nome pelo menos umas cinco vezes. Leu as obras completas de José de Alencar, gostou muito do Tronco do Ipê. Ouviu falar em Bernardo Guimarães e leu O Seminarista, porque diziam que o livro era proibido. Ia aos poucos sentindo melhor a novidade do sexo, embora encoberta pela religião. Pensava na volúpia de seminarista, sentia lá por dentro que aquilo não devia ser lembrado nem lido, ficava lutando sem vontade. E acabava por pensar, sentia um prazer novo nessas coisas. A imagem das mulheres era mais perfeita, Zaga sentia maior necessidade da presença delas e os livros fabricavam uma situação singular para ele. Ou então, ele criava situações mais singulares ainda. Leu Humberto de Campos, porque sabia que Humberto de Campos era triste, isso era uma lógica que refutava tudo. Gostava de coisas tristes, bastava uma coisa ser triste para que não fosse condenada. Contudo, sentia medo do pecado que estava cometendo, ele colocar-se em condições de pecado. Mas, de qualquer modo, a confissão o aliviava. Lembrou-se então de um livro que a professora lia para os alunos, quando começara a fazer o quarto ano primário. Dona Conceição tinha um dia especial para ler estórias e ela soube escolher as estórias para os meninos. Abria O Coração de Edmundo de Amicis e lia. Zaga vendo o rapazinho que viajou dos



Apeninos aos Andes, sentia tudo. A mãe também lia coisas bonitas para Zaga e os irmãos, mas somente os três filhos mais velhos é que compreendiam. Rosária, Zé Ronaldo e Zaga sentavam-se no chão perto da mãe ou ficavam de pé, escutando. A mãe começava assim:

- Era uma vez um cão, chamava-se Veludo.

À medida que a mãe lia e que a estória ficava mais triste, Rosária começava chorar. Zaga e Zé Ronaldo queriam ridicularizar o choro da irmã e não conseguiam. Zé Ronaldo, como se quisesse justificar-se diante dos outros e diante da mãe, falava desse jeito:

- Ah boba, isso é poesia!

E também saía chorando para algum canto da casa. Quem realmente ria do sentimento dos três era a mãe. Mas Zaga não ficava só nisso, lia uma porção de outras coisas e provavelmente não assimilasse direito. Buscava sensações novas nos livros que chamavam de pornográficos. Mas se houvesse literatura, não haveria sujeira. Literatura era tudo o que os autores, escreviam tudo de que ele gostava. Tanto falaram contra A Carne de Júlio Ribeiro que ele foi ler, queria ver o que havia naquilo. Ficou excitado. Era isso, a mãe e os padres não queriam que o filho se excitasse, porque o desejo é pecaminoso, ainda mais para ele que ia ser padre e que só deveria ler obras piedosas. Mesmo assim, leu As Grandes Famílias e ficou impressionado. Confessou-se e comungou. Leu, mais tarde, Contos Galantes. Confessou-se e comungou. Até que a confissão era bastante proveitosa! Também, o menino não se sentia devidamente protegido, talvez porque todos quisessem protegê-lo do pecado. Se olhasse para uma revista e visse mulheres de maiô ou nuas, ficaria excitado. Olhava as moças bonitas e ficava excitado. Tudo o excitava, tudo era proibido. Começava a sentir a adolescência no sangue, no coração, no mundo. Adolescência religiosa. Lembrava-se com vergonha daquela empregadinha que segurava o pênis dele, punha nas coxas dela e ficava esfregando. Ele era pequeno e não sabia nada. Agora ele já sabia mais ou menos, porque sentia desejos confusos, lutava contra a proibição das coisas e oscilava constantemente. Lia tudo, pecava, reconciliava-se com Deus. E isso era feito com dores de consciência, remorsos de alma, aquilo que ensinaram como sendo a luta da carne

contra o espírito. Repetiam sempre que a carne é fraca e, de certo modo, havia uma justificativa, a carne era fraca.

Zaga foi passando a adolescência no seminário. Fez o ginásio e o científico com os padres e depois vestiu uma batina preta e foi estudar filosofia e teologia no Seminário Maior. Estudou filosofia tomista com os padres e viu que não aguentava mais aquilo. A mãe ficaria muito triste, os amigos ficariam decepcionados. E que os amigos pensavam que Zaga chegaria mesmo a ser padre. O irmão saía do seminário, Zé Antônio também ficara pouco tempo. Agora era a vez de Zaga. Os três amigos pareciam imitar os gestos um do outro. Cada um deles foi para um canto e o irmão trabalhava no Paraná, em Arapongas. A mãe ficou triste sim, mas resignada. Zé Antônio continuou com a camaradagem antiga e os dois amigos já se julgavam mais evoluídos. Todos achavam que Zaga era inteligente porque havia estudado em seminário. Mas Zaga achava isso uma asneira. Misturou-se no meio dos outros, não sabia exatamente que gesto fazer. Zaga teve uma formação religiosa em casa e uma formação ultra religiosa no seminário. Continuava assistindo à missa todos os domingos, discutia religião com os amigos incrédulos e provava a existência de Deus, provava a necessidade da religião e mostrava como a religião católica era a depositária de toda a verdade. Zaga se defendia de todos os modos, mas achava que as discussões não tinham profundidade ou não encerravam uma situação geral, de conjunto. Ficavam sempre repetindo as mesmas coisas, discutindo sempre. Mas não era bem isso. Zaga sentia que o horizonte dos amigos era curto, não passavam além de determinados pontos. Zaga, no entanto, tinha autocrítica ou pessimismo. Não podia em absoluto julgar-se mais dotado que os amigos, embora eles o dissessem com os gestos e com as reticências. E ele precisava saber em que ponto estava. Não podia ficar ali naquela cidade. Falou muito com a mãe, disse que precisava mudar-se dali. E com seus 20 anos confusos Zaga mudou-se para a capital.

Zaga se ambientou aos poucos, tinha amigos e conterrâneos na capital. A vida de pensão e de trabalho oferecia contato com outras pessoas, formava-se uma espécie de corrente de amizade, uma amizade puxando outra. Os novos amigos estudavam quase todos, discutiam sobre as mesmas coisas, mas tinham horizontes mais largos. As faculdades ensinavam a pensar, a tumultuar. E ele pensava, desde logo, fazer um curso qualquer, seguir uma carreira. Não podia continuar platonicamente, escrever coisas que não tinham sentido, sem saber que espécie de palavras eram aquelas. Leu o suplemento do jornal e gostou das críticas feitas, começou a mandar coisas para eles. Como arrasavam! Terrível saber que nada prestava, absolutamente nada. Não desanimava, porém. Escrevia e rasgava, lia mais do que nunca. Conheceu novas ideias, modos diferentes de vida, foi descrendo descrendo, um pouco de medo, um pouco de despeito contra as coisas. Por que Deus? Por que religião? Descrendo descrendo. Por que os homens se apresentam desse modo? Então Zaga concluiu:

- E o Deus, que os homens criaram, se tornaria o Deus, que criou os homens.

Não acreditou em mais nada, apenas o absurdo de tudo. Não compreendia, não era mais possível endossar as ideias de antigamente. Teria que criar um pensamento próprio ou acomodar-se, situar uma coisa confusa lá dentro, embora os atos fossem contraditórios. O que interessa é o que pensamos. Zaga sentia vagamente e tinha certeza de que não era nenhuma desculpa, não estava fugindo, embora a conclusão fosse perigosa se mal interpretada. Não podia fazer coisas que os outros impediam e agia do modo mais aproximado. Os livros o consolavam, asseguravam-lhe uma tranquilidade até então desconhecida. As noções de filosofia, que tivera, encaminharam-no para esses romancistas filósofos, esses que escreviam não apenas por simples inspiração ou necessidade, mas para levar determinada mensagem. Quer dizer: o livro não podia ser apenas um simples entretenimento, mas uma razão satisfatória que o fizesse ir para este lugar e não para aquele. O importante era não parar de ler, mesmo o que mensagem do livro não fosse lá muito agradável. Lia autores franceses, sentiu qualquer coisa de mais profundo. Conheceu o existencialismo por meio

dos amigos, disseram que Sartre era o papa dessa doutrina. Então leu de Nietzsche a Sartre, não achou mais graça em Santo Tomás e Maritain. Tudo satisfatoriamente superficial. Preocupou-se um pouco e procurou aprofundar-se o mais possível. E o conhecimento das coisas se tornava irrisório e cético, assim como o amor das pessoas, tudo ia perdendo o sentido de antigamente. Um autor afirmava, o outro negava, Zaga procurava iniciar-se no escárnio. Era forçoso rir das coisas. Havia maior facilidade em negar do que em afirmar, assim como quem destrói um brinquedo de criança. Estava tudo destruindo, era necessário recomeçar.

Veio então a presença de Antero de Quental, sempre o mal pior é ter nascido. Zaga já tinha visto essa frase no seminário, non nasci homini longe optimum est. Mas Antero de Quental veio com uma porção de versos nesse sentido e Zaga ficou obcecado com a ideia de nunca ter nascido. Explicava para os amigos que ele nunca queria ter nascido, desejaria ser uma negação absoluta. Citava o verso do poeta português:

- Não-ser, eis o único ser absoluto.

Explicava. O não-ser de Aristóteles era simples potência. Mas quando digo não-ser, refiro-me à ideia de não-poder-ser. Explicava. Pegava o giz e repartia o quadro negro em duas partes. De um lado estavam o ser e o não-ser, como geralmente se concebe. De forma que toda noção sobre o não-ser era uma noção presa ao ser, falamos em não-ser como um oposto ao ser. Do outro lado era o inconcebível, uma coisa que não é e que não pode ser. É inconcebível e, por conseguinte, não pode ser delimitada, qualquer exemplo claudica. Infelizmente temos que usar gestos e palavras, e como explicar? Zaga dizia que desejava uma negação absoluta, infinitamente anterior à qualquer potência, desejava "ser" uma coisa assim. E sentia desespero. Mas o contato com outras ideias, com as opiniões dos amigos e com a opinião dele mesmo, isso aliviava. Vivera 20 anos crendo na religião e na filosofia católica, sofria agora as implicações disso, precisava lutar, esbravejar-se, chorar quando bebia, bater a cabeça na parede e, principalmente, acabar com as ideias antigas e com o medo. Olhava para as coisas pretas e não podia negar a palidez dessas coisas que classificavam como boas. Sentia profundamente essa alteridade que está no homem, a virtude e o pecado, o bem e o mal, e a magnífica

imbecilidade do homem, o animal querendo sobrepujar a razão. Duvidava de tudo, mas não sabia até onde ia esse tudo. Duvidava de tudo, duvidava de alguma coisa, não sabia direito. Duvidava. As Confissões de Santo Agostinho se apresentavam agora como um gesto de homem cansado, mais nada, enroscado nas próprias justificativas. Começou então a duvidar da própria dúvida, ficou desesperadamente confuso. Mas consolou-se, refugiou-se no absurdo. Tudo era absurdo, como é que ele poderia explicar o absurdo? A própria pergunta incorre em absurdo. Como explicar? E perguntava:

- Tenho realmente o sentido das coisas, isso que me faz perceber cada coisa distinta e todos os acidentes no conjunto? Tenho sentimentos humanos? Que tipo de gente sou eu? Por que me querem catalogar e por que desejam rotular tudo?

Depois vinham os regimes políticos, todos falando sobre política, filosofia, mulher e futebol. Via a Rússia de um lado, os Estados Unidos do outro, comunismo e capitalismo, e outros falando em terceira força. Tensão nervosa. Qual o melhor regime para assegurar o bem de todos? Todos apontavam e ninguém sabia. Formou-se uma guerra impossível no coração do homem, uma guerra fria. Zaga pensava em tudo confusamente, porque era impossível ter espírito equilibrado num mundo caduco. Recebia de uma vez todo esse choque de ideias e de atitudes, o corpo como argila à procura de uma forma. Duvidava que pudesse existir um conhecimento perfeito das coisas. O conhecimento dele não podia servir de base e ele duvidava. Nada se conhece e tudo é absurdo. A negação de tudo é desespero e refúgio, mas não resolve. Pensava que existem teorias que poderiam ser aplicadas apenas em conjunto, se todos aplicassem. Isoladamente é impossível. Por isso a prática difere da teoria. Ele pensava uma coisa, mas seu procedimento diferia na vida prática, justamente porque não existe uma ação em conjunto. Cada um tem suas teorias e ninguém pode aplicá-las, porque ninguém quer renunciar-se a troco de uma situação duvidosa. O homem é visceralmente mórbido e caminha para a felicidade em virtude da própria morbidez. No entanto, caminhar não é atingir. Como explicar o absurdo? O absurdo é como a esperança, esperar não é adquirir. É absurdo.

Zaga olhava pessoas e coisas, olhava para si mesmo. Tudo limitava os atos e ele se tornava inconscientemente recalado. Os amigos haviam falado em Sartre, ele procurou Sartre nas livrarias. Depois pensou que existir é tudo quanto resta, existo e pronto. Existência absurda, um Deus que não existe nem como espantalho, só existe o homem dentro de sua vida. Sartre e Bertrand Russell falavam quase a mesma coisa sobre Deus. E porque tudo era terrivelmente humano, Zaga não mais se amedrontava com pecado, inferno, justiça divina. Importava-se com os homens ou com nada. Havia antigamente uma porção de ideias para saturar a vida, agora ele se mostrava vazio. Houve um processo de dilatação, inchação intelectual. E Zaga se lembrava, de vez em quando, da vida de criança que levara. Mais e mais gostava de crianças e detestava adultos, falaram em misantropia ou coisa parecida. Mas não, ele estava apenas desiludido. Comparava a vida de criança com a vida atual de moço, não achava nenhuma graça nisso. A infância existia de modo concreto e não analisava as coisas. Não era propriamente nostalgia da infância perdida, era vontade de acreditar no homem e não poder, vontade de estar à altura da confiança alheia. Uma confusão. Olhava para os homens e notava presunção nos menores gestos. Nem mesmo gostava de olhar no espelho, o espelho falava muito, comparava demais. Zaga se confundia.

No entanto, toda essa confusão buscava escapatória. E Zaga voltava-se para as coisas simples. Angustiava-se, consolava-se. Procura viver, encontrou maior consolação em rabiscar papéis, algumas pessoas conseguiram falar bem do que ele escrevia. Escrever também era consolar-se, necessidade. Lia e escrevia. Firmava os olhos na rua, os homens passavam como se nada houvesse acontecido, como se a vida fosse de uma tranquilidade espantosa. De qualquer modo, era bom ver homens e mulheres, Zaga sabia que era um animal da mesma espécie. Gostava de andar sozinho de noite, a carícia que a noite fazia nos olhos. Apesar de tudo, havia espaço onde repousar a cabeça. Os amigos conversavam, Zaga se divertia e os amigos se divertiam. Simeão estudava Direito na Faculdade Católica, entrou com Zaga na Gruta OK e beberam cerveja com batatas fritas. Os dois estavam sempre falando sobre política, religião, filosofia. Simeão achava que Zaga entendia

mais do que ele e, em vez de trocar ideias, pedia a opinião do amigo.

- Mas isso é questão de estética, muito relativo, dizia Zaga.

Simeão dava aquelas risadas irônicas e retrucava:

- Tudo é relativo, não é? Então uma coisa não é relativa, é sua afirmação de que tudo é relativo. Tá vendo só? Por isso é que o padre lá da Faculdade garante a existência de Deus. Você diz: Deus não existe. Então, desde esse momento, ele começa a existir para você, o próprio gesto de negar confirma a existência de Deus.

Zaga notou que Simeão estava caçoando, falava ria bebia quase ao mesmo tempo.

- Esse negócio de existência de Deus é como a garantia que se dá pela fabricação dos paraquedas. Se os paraquedas não funcionarem, o sujeito pode reclamar na fábrica!

E Simeão aceitou o argumento e disse que achou gostosa a piada. Era assim, os dois idealizavam tudo e não se conformavam com nada. A cerveja mudava o sentido da vida por alguns instantes, Zaga subia para um lugar onde não conhecia homens, não desejava mulheres, não amava crianças, nem precisava suportar a si mesmo. Às vezes, Lúcio também bebia com ele e os bêbados modestos criavam coragem para mostrar as próprias "obras" escritas. Os dois escreviam contos, crônicas e era certamente o que podiam oferecer de melhor. Liam em voz alta, um aplaudia o outro. Mas Zaga ficava triste e oprimido quando bebia, mesmo quando bebia, mesmo quando junto dos amigos. Os dois saíam então na rua, abraçados como dois amigos que se abraçam, escorando-se, trocando ideias alcoólicas e fazendo gestos maiores que eles mesmos, rindo muito. A angústia era mútua, os problemas semelhantes, a única salvação para os vencidos era não esperar salvação alguma. Só mesmo Fernando tinha uma vida regulada, gostava também de discutir, mas era pessoa "normal", trabalhava o dia inteiro para sustentar a família, gostava da mulher e dos filhos. Zaga olhava para Fernando e não podia conciliar a ideia de casamento patriarcal, aquilo para a vida toda e a medida dos gestos no casamento. Gostava de Fernando mas não queria ser como ele, não sabia exatamente como queria ser. Havia uma guerra fria para desviar o sentido de futuro e Zaga vivia porque nasceu, só isso. Ouvia conversas sobre mortes e

doenças de família e viu que estava entre o câncer e a arteriosclerose cerebral. Um pensamento mais pessimista que os outros. Fernando não duvidava da família, do amor pela família, do amor. E Zaga pensava naquela mocinha e dizia:

-Amo-te: que tens com isso?

Não sabia se era um pensamento de Goethe, Cocteau ou Simone de Beauvoir. Sabia que não era possível pensar em amor. Fernando pensava, vivia disso. Tinha ideias católicas, acreditava em Deus, praticava a religião, era convicto. Escrevera alguma coisa para um jornal da cidade e depois não escreveu mais. Escrever por quê? pra quê? Sartre já dissera que escrever era a mesma coisa que tomar cafezinho com creme. Zaga não podia passar sem cafezinho e sem escrever. É lógico, não se comparava com Sartre, em absoluto. Dizia que necessitava escrever, embora tudo fosse uma grande asnice.

Paulinho era o amigo mais sociável, Zaga gostava de observar aquele jeito de contentamento com o mundo, Paulinho discutindo com os outros só para mostrar que não era menos imbecil. Estava sempre bem, sabia lidar com amigos e mulheres. Reunia os amigos em casa e os amigos trocavam ideias, cada um com uma ideia diferente e Paulinho andando de um lado para o outro, como que regendo aquela confusão. Eram amigos, de noite todos os homens são amigos, Paulinho fechava os olhos e chamava todo mundo de amigo. Os amigos se fingiam agitados, preocupados em achar uma solução para as coisas. As moças achavam bonito aquilo. Paulinho dissera para Letícia que Zaga estudara muito tempo em seminário e filosofava profundamente. Ao deixar os dois sozinhos, Paulinho disse baixo no ouvido de Zaga:

- Ela gosta de Bertrand Russell.

E Letícia também achou bonito que Zaga houvesse estudado filosofia. A grande admiração das moças era essa, achar bonito o que os outros estudavam. Zaga riu de leve para Letícia, como se com isso estivesse rindo do mundo. Pois o mundo não era aquilo? A sala entupida de presenças, coxas seios garrafas. Zaga procurou afastar-se de Letícia, já estava com os olhos saturados de carne. Os literatos se acomodaram num lugar qualquer e cuspiam palavras.

- Deus é a solução! dizia Fernando enfaticamente.



Simeão limitava-se a afirmar que compraria qualquer solução barata!

Zaga falava baixo que solução é absurdo. Outros vinham, declamavam as próprias asneiras e tudo era ironizado.

Agora em que Zaga já podia olhar de um lado para o outro, saber que as pessoas andam pelo asfalto e não sentir nada com isso, ver uma fêmea pelada e achar engraçado, agora Zaga era livre em pensamento e ato, completamente livre e completamente limitado. Não sentia mais medo de mitos e fábulas, chegava a admirar-se de ver tanta gente acreditando. Mas salvava-se. Cada pessoa tinha direito de pensar e todo homem tinha direito de ser imbecil. A cidade fazia decoração, como se fora cenário de teatro. Parecia-lhe que morar numa cidade maior significasse melhores meios de evasão, fazer o que ele pensava. Mas Zaga sentia-se deprimido, não acreditava que pudesse fazer alguma coisa e esperava inutilmente, como um pobre que espera pela esmola. Via como tudo era representação e afundava-se aos poucos. Ou emergia. Uma falta de finalidade em tudo, não havia finalidade diante do tempo. Só o gesto louco de ter nascido, a convivência entre os homens. Existir, só existir. E Zaga não tinha força para tanto, o comodismo tolhia. Tudo serve, o existencialismo de Sartre que apontava um modo de vida mais convincente e menos hipócrita, o socialismo democrático de Simone de Beauvoir. E a ideia das coisas se tornava insignificante diante da cidade, porque os homens automáticos viviam e era impossível sentir que pensavam.

- Eu não estou só, pensava Zaga, existem outros que são anônimos como eu, não posso apontá-los nem eles me apontam.

Mas em certos momentos só existia a cidade com suas mulheres lindas e o desejo estúpido que acendiam nos homens, toda aquela raça de machos devorando as mulheres com os olhos. Tudo lindo em determinado momento, como esses sonhos que não tiram o discernimento lá dentro, a gente sonha e no próprio sonho vê que está sonhando. O momento era o segundo de um espasmo e pronto, a cidade volta a ser aquilo que ele vê. A cidade linda assim, todos sabiam que o fim era irremediável e cada pessoa precisava fazer um gesto grande, muito

grande, para que o fim tivesse um significado, minha vontade fosse uma atitude, uma vontade diante do mundo e dos homens, era isso. Zaga se consumia. As árvores na avenida, homens e mulheres desconhecidos, prédios que esmagavam as pessoas, bairros com nomes de feiticeiros. A cidade, exatinho do tamanho de um coração, como dizia Lúcio com voz duvidosa. Zaga achava graça de sofrer, porque viver era estúpido e morrer era mais estúpido ainda. Confundia-se. Não se podia desejar maior tristeza do que nascer e eles desejavam mais. Todos buscavam problemas nos ônibus cheios de moças, nos carros vazios, nos cinemas onde a noite permitia tudo, no teatro. As mulheres eram um descanso instantâneo para a vista. Quando Simeão via passar uma fêmea de corpo bonito, costumava dizer:

- Essa aí eu ia beijando o passeio e lambia tudo, começando nos pés dela!

E tudo se tornava grande dentro de Zaga, os amigos, as mulheres, a ânsia, os desejos, a vontade de que tudo se realizasse imediatamente. Mas, afinal, era preciso esperar. E Zaga esperava, não havia outro jeito.

2º

Jacutinga, no sul de Minas, é uma pequena cidade de interior. Estevão, com seus 50 anos, gostava das cidades pequenas e do silêncio delas. Mesmo lidando com a fazenda do Peitudo, Estevão era desses que têm um verniz de cultura para tapear os outros. Mas a cultura vinha é de suas ideias de progresso, de moral, coisas que hoje causariam riso mas que na época eram bastante arrojadas. Moça, que viajasse sozinha de Jacutinga para Ouro Fino, causava escândalo. E Jacutinga ficava 15 minutos de Ouro Fino, o trem da rede mastigando os trilhos. Estevão achava que as moças precisavam de maior liberdade e fazia os filhos decidirem as coisas mais por eles mesmos. O rosto gordo, os olhos brilhando menos de inquietação que de atividade, porque "atividade" era uma palavra mágica. Pequeno e irrequieto, lembrava o pai

português quando embolava algumas palavras e assobiava ao mesmo tempo, como se quisesse apenas assoprar as palavras e não dissesse nada. Mas dizia, Estevão era um "intelectual", coisa parecida com filósofo de esquina. Egoísta, repartia as coisas que sobravam de casa.

A casa era grande, muitos quartos, assoalho de madeira que lavavam toda semana, e o relógio de parede cantando as horas. Aos sábados e domingos havia a visita dos amigos fazendeiros e dos trabalhadores. Elvira, mulher de Estevão, passava o dia fazendo bolinhos fritos e café, as filhas ajudavam a mãe. Doutor pra lá, doutor pra cá, e Estevão conversava, ria, contava casos, afundado na cadeira de balanço. As crianças menores aumentavam o barulho da casa ou faziam ruído no portão de grade. Apesar de doente e ranzinza, Elvira ia servindo os amigos do marido e fechava a cara de acordo com o cansaço. Os amigos percebiam o cansaço da dona da casa e despediam-se do doutor até a próxima semana, quando tudo seria repetido.

Estevão tinha casado na igreja da fazenda. Era católico e, como bom católico, criou os filhos que a mulher lhe deu. A mulher era mais católica que o marido e por isso tiveram cinco filhos, depois Estevão perdeu a mulher. Como não caía um fio de cabelo sem a permissão divina, as crianças foram consideradas filhas do mesmo Deus. Os filhos, depois de alguma discussão, atendiam por Izabel, Ariana, Maria de Lourdes, Felisberto e Benedita. As crianças viviam a vida delas, de crianças, os pais envelheciam e uma geração empurrava a outra, a engrenagem se repetia.

Quando Elvira morreu de parto, os filhos foram afastados, então comentaram o gesto indecente de Estevão. Porque, quando a mãe morria, obrigavam cada filho a beijar o defunto antes que o defunto fosse beijado pelos vermes. Esse piedoso costume desapareceu da casa de Estevão com a morte de Elvira. A mulher recebeu os sacramentos e, como diz a voz do povo, exalou o último suspiro. O relógio parou por falta de corda, mas disseram que era advertência.

Exatamente um ano depois, Estevão casou-se com Izabel, que morava do lado protestante. Porque Jacutinga, cidade limpa e bonita, dividia-se em duas partes: a protestante com o pastor Ananias e a católica com

o padre Jesuíno. A igreja católica era mais bonita e maior, e o jardim da igreja servia de encenação. Izabel arriscara-se casar com um viúvo e com os cinco filhos dele. Mas Izabel era formidável. Bonita, principalmente meiga, meiguice que nascia da voz e dos gestos mais do que do rosto. E católica. Estevão, no entanto, não teve sorte. Os filhos eram Roberto, Antônio, Simão e Amália. Estes, misturados com os do primeiro casamento, receberam de Izabel o que um filho espera da própria mãe. Depois do quarto filho, Estevão foi morto pela arteriosclerose cerebral, enterrado no cemitério da fazenda, e esquecido.

Izabel tinha uma vantagem, era viúva de nove filhos pequenos, o casarão deixado pelo marido, a fazenda que ela vendeu, e o hotel que ela venderia mais tarde. Só que agora os amigos do marido raramente apareciam, de vez em quando encontravam-se na sepultura do que foi doutor Estevão. Mas os nove filhos ali estavam para exigir a vida da mãe. Explicar pra eles que a morte era aquilo mesmo, a meiguice triste no rosto de Izabel, e o portão de grade rangendo de novo, a mãe sempre de vestido preto ou marrom. E aquela mulher louca, que era vizinha deles e que não deixava a bola bater na parede senão a casa caía.

Os filhos crescendo, a dor de Izabel diminui com o tempo e com as novas preocupações.

- Lembra de uma coisa, dizia a amiga Marlene, você não vai criar seus filhos pra você, você vai criar seus filhos para os outros.

Izabel criava os filhos naturalmente, como a melhor das mães. Mãe era tudo e Izabel sendo isso, era tudo. Os filhos podiam confiar nela porque, também, não havia outra pessoa em quem confiar, e os filhos não sabiam. Mãe era confiança, os filhos apoiavam-se nela para crescer.

Os meninos cresciam sem saber para onde. A outra Izabel, filha de Estevão e Elvira, tinha apelido de Bebé, para distinguir da mãe. Todos viam mansidão em Izabel, contradizendo o que já diziam naquele tempo, madrasta não presta, Izabel prestava. A mãe não se cansava nunca e não parava nunca, os filhos cresciam mais depressa do que a mãe poderia imaginar. Como se, fechados os olhos, ela visse os meninos e,

logo abertos, estranhasse a transformação. Aqueles marmanjos eram os filhos dela.

Bebé casara com Anísio, que também mexia com fazenda. Os filhos vieram depressa, como acontece com pessoas religiosas demais. Com a mania de repetir o nome dos parentes mais próximos (para ter a ilusão de perpetuar-se neles), Bebé pôs o nome numa filha dela de Izabel, a Beinha. Beinha, Luzia, Adélia e João eram o retrato do pai. Licinha, Felício e Pedro pareciam com a mãe. Quando mudaram para Ouro Fino, a casa ficou maior e a solidão tomou gosto de coisa sem remédio. O tempo escurecia a casa, como se fizesse frio e a gente ficasse quietinho num canto. A casa parecia chorar de verdade, tão grande e cada vez mais pobre. Os braços da casa serviam para espantar filhos e netos. Bebé em Ouro Fino sendo o mesmo que Izabel em Jacutinga, e Anísio sendo menos que Estevão. Os filhos se imitavam com uma piedade espantosa, porque a vida para eles era casar e ter filhos, arrumar o casamento dos filhos e esperar os netos. Sem muito esforço os netos repetiriam a comédia.

Pouco a pouco, como doença que progride independente da vontade, os filhos de Bebé casavam e tinham filhos. Mudaram para Pouso Alegre, onde Anísio trabalhava com armazém e alimentava o gado. A estória era a mesma, os filhos cresciam, estudavam, e depois havia uma encruzilhada e a solidão provisória. Depois casavam. Depois tinham filhos. Depois casavam. Depois tinham filhos. Ninguém se perturbava em pôr filhos no mundo, porque pôr filhos no mundo era cumprir a vontade de Deus. De Pouso Alegre mudaram para Belo Horizonte, mas nada tinham de ciganos. As filhas ficaram solteiras. Os filhos casaram, e moravam todos em Belo Horizonte mesmo. Os filhos casados tiveram filhos. Algum tempo depois Izabel mudou para o Rio, levando o que restava dos filhos de Estevão. Ultimamente Anísio trabalhava na prefeitura. Com a velhice, morreu de arteriosclerose cerebral no dia do aniversário de Felício. Bebé, agora viúva, era mulher de cabelos brancos e tristes, as filhas cuidando dela, e aquele brilho nos olhos que mais parecia estoicismo. Se Izabel era formidável, Bebé era o superlativo de Izabel. O rosto ainda mais branco por causa dos cabelos brancos, e os olhos azuis que sugeriam distância de mar, quietinha na

poltrona e apertando a mão dos netos. Dessas pessoas idosas que, tão meigas, dá vontade da gente chorar de contentamento, só de vê-las.

E Jacutinga ficou uma cidade vazia de parentes. Ariana também casara e mudou-se para Niterói. Alfonsus, marido de Ariana, cometia versos, rabiscava contos e, nos intervalos, fazia filhos. Quando morreu de coração, caiu na rua e ficou a noite toda exposto, o vento como companhia do poeta-advogado. Dois filhos de Alfonsus casaram e tiveram filhos. Dos que sobraram, um gostava de política e de bebida, a outra era lésbica, a terceira não suportava o irmão e morava em casa separada. Ariana, irmã de Bebê, carregava o mesmo rosto triste, sofria o corpo que tinha e chorava a solidão pior que a dos parentes. Ela também escrevia estórias sentimentais de coisas que aconteceram havia muito tempo, sozinha em casa, sem a presença dos filhos, velha e doente. Descrevia o mar de quando era menina (o mar que ela imaginava) e descrevia os cavalos da fazenda do pai. O filho chegava à meia-noite e encontrava Ariana dormindo com a caneta nos dedos.

Felisberto, o terceiro filho de Estevão e Elvira, morava no Rio, perto do Maracanã. Elza, mulher de Felisberto, matava as músicas de Beethoven, até que Beethoven vingou-se e Elza ficou surda. Mariana, filha de Felisberto, aprendeu música desde pequena e estava no sexto ano do conservatório, tinha filho mas não tinha marido. Aliás, mãe solteira não era problema que perturbasse. Marido é questão de estética mais do que qualquer outra coisa. Wladyr, filho de Mariana, crescia indiferente ao pai, porque os avós e os parentes substituíam aquela afeição mais convencional que costumeira. Como era modo dos parentes chegados, Felisberto morreu de arteriosclerose cerebral, deixando viúva, filho e neto. Benedita, irmã de Felisberto, foi ao Rio ver se ainda pegava o irmão vivo, mas chegou de tarde e o irmão morrera de manhã, esquelético, sumido nos cobertores.

A morte é natural quando os outros morrem. Quando os outros morrem a gente se consola, porque reconheço que ele morreu primeiro. O enterro é uma piedosa ironia para com o morto.

Essas ideias de morte e inutilidade das coisas empurraram Maria de Lourdes para o convento. Deus era a única certeza e o céu, a única preocupação. Benedita, irmã de Maria de Lourdes, também gostava de freiras e de padres, acreditava em Deus e na salvação pessoal. Mas só

Maria de Lourdes fugiu para o convento das Irmãs de Jesus Crucificado. A freira era noiva de Jesus Cristo e os filhos de Benedita, sobrinhos de Jesus Cristo por afinidade. Feitos os votos, a freira viajava pelo Brasil e educava as empregadas domésticas e ensinava religião para as moças pobres.

Desse modo, os filhos de Estevão e Elvira se separaram, cada qual ruminando a própria vida, porque é costume um homem encontrar-se com outro homem e separar-se dele depois.

Mas agora os filhos de Izabel e Elvira ficaram mais estranhos uns aos outros, não porque se detestassem mas porque seguiam caminhos diferentes. Crescidos, os problemas também cresceram. O ponto de contato ainda estava em Izabel, embora não fosse como antigamente. Antônio, filho de Izabel e de Estevão, casou-se com Matilde em Ouro Fino, era advogado e foi prefeito da cidade, nervoso e metódico. Décio, Afonso e Henrique mudaram com Antônio e Matilde para Arapongas. No Paraná conseguiram dinheiro e saúde, construíram uma casa grande, logo depois foram para São Paulo onde Antônio advogava para o Banco Sudeste. Matilde não podia ter mais filhos, e divertia-se de outro modo. Os filhos cresciam, estudavam, e ameaçavam a próxima fuga, enquanto os pais engoliam solidão. Os pais ofereciam tudo para os filhos e nada recebiam deles, a não ser o que haviam oferecido.

Simão ficara com a mãe no Rio, formara-se também em advocacia e depois casou-se com Cleonice e tiveram duas filhas, Liana e Luiza. As filhas eram mais bonitas que os pais, depois cresceram. Liana era gorda feito a mãe e Luiza, morena. Moravam perto do Jardim Botânico e Simão tinha um frigorífico em Ipanema. Desde mocinho Simão tinha cabelos brancos e sempre foi um sujeito irrequieto. Herdara a simpatia da mãe, educado, boa pessoa. Morreu em desastre de carro. De noite a kombi fugia na estrada, Simão gostava de correr. O caminhão estava com a carroceria no meio da pista e os faróis do outro carro bateram nos olhos. A kombi bateu na carroceria e deformou o rosto de Simão, morto na hora. A viúva e as filhas continuaram no Rio, quatro anos depois seria o quarto centenário da cidade.

Roberto, filho de Izabel, afastou a mãe como pode, não deixou que ela visse o irmão deformado e com o rosto cheio de vidros. Antônio fora chamado para reconhecer o cadáver, o que foi difícil. Anos depois do enterro, Izabel ainda não conseguia falar no filho sem chorar. Roberto ficou uns tempos com a mãe e voltou para Arapongas, onde morava. Era advogado também, Nora e ele tinham dois filhos e esperavam o terceiro.

Amália, a filha solteira, ficou consolando a mãe. Era professora, acordava às cinco horas da manhã, dava aulas o dia inteiro e chegava em casa lá pelas oito horas da noite. Mulher elegante, gostava de comprar coisas caras. Comia vitaminas e tinha o ar de menina. Mas o que interessa em Amália é a dedicação pela mãe. A vida toda cuidando da mãe, com aquela ternura de desesperar um existencialista. No apartamento de Ipanema Amália e a mãe viviam a solidão dos parentes. Para Amália, tão ocupada, talvez nem existisse solidão. Mas Izabel ficava o dia inteiro no apartamento, a morte do filho martelando a cabeça, e as visitas cada vez mais espaçadas.

Restava Benedita, filha de Estevão e de Elvira, e que tinha especial dedicação para com Izabel. Porque Benedita também era madrasta, embora menos afortunada. Benedita nasceu em Jacutinga, não conheceu a mãe e foi criada por Izabel. Em Ouro Fino conheceu José, nome tão comum como chamar um sapo de sapo. José era viúvo, careca, feio, bravo e ciumento ao extremo.

José nasceu em Coimbra, depois mudou para Cambuí, onde se casou com Edina. Os filhos de José com Edina nasciam mortos, e José culpava a mulher, e a mulher brigava com o marido. Os outros cinco filhos assistiam às brigas, sem compreender direito. A mulher doente e raivosa, ele bravo, genioso, brutal. Não tinha ciúmes da mulher, porque não era possível ter ciúmes dela. Edina não era feia, era um amontoado de carne. As brigas criaram rotina e os filhos se desinteressaram. Os filhos foram a plateia espantada daqueles dois. Se José falasse, a mulher respondia. Ele avançava na mulher, a mulher avançava nele. Só foram felizes na hora do casamento, quando prometeram (diante de Deus!) viver um para o outro. Como católicos, não admitiam o divórcio e criaram um inferninho particular. A fúria desses dois diabos diminuiu na geração seguinte.



Os filhos mortos de José e Edina foram enterrados em Cambuí. Os outros eram Wilson, Consolação, Neide, Alzira e Elça, que nasceram em Cambuí e vieram com o pai para Ouro Fino quando Edina morreu. José tinha uma teoria: tantos anos de casados, tantos filhos. Em questões de sexo, José estava abaixo do velho Estevão. E, como não podia ser de outro modo, os filhos tiveram um pouco de cão e gato, vale dizer, um pouco de José e de Edina. Elça, a mais velha, era exceção. Os filhos de Benedita, quando falavam sobre as filhas de José e Edina, diziam "as filhas do meu pai". Não consideravam aquelas mulheres como irmãs, porque nada tinham de irmãs. Mas Elça era diferente, apesar dos nervos que herdara da mãe e aquele gosto esquisito por novelas de rádio. Escutava de quatro a cinco novelas por dia, enquanto costurava ou trabalhava em outra coisa. Elça era gorda e sempre teve mania de remédios e de limpeza. A casa podia estar limpíssima, mesmo assim ela achava alguma sujeira na casa. Os cabelos de Elça eram um problema, o espelho fazia caretas e xingava, a madrasta Benedita ria da Elça. Por ser a mais velha, cuidava do pai com o carinho que as outras nunca tiveram. Tudo de bom estava em Elça, o que não prestava fora repartido com as outras. Cuidava sozinha da casa, defendia a madrasta, amava os filhos da madrasta, e os filhos da madrasta respeitavam Elça como respeitavam a mãe. Elça vivia alérgica em Ouro Fino, usava lençol para enxugar o nariz. Quando veio para Belo Horizonte, sarou da alergia. Dedicada, casou-se com um cego e teve uma filha, Ângela. Com muito esforço conseguiram comprar uma casa na Vila Oeste. Aqueles dois eram o melhor desde Estevão. Preocupados com os parentes, esqueciam-se dos próprios problemas para ajudar os outros. Ivan, marido de Elça, amava música e era professor de geografia, enxergava mais longe que os "videntes". Elça era a soma de Izabel, de Bebê e de tudo o que havia de bom em todos.

As outras eram cão e gato, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Quando Edina morreu e José mudou para Ouro Fino, ele conheceu Benedita, um nome também simples. José se casou com Benedita e trouxe as quatro filhas. Wilson tinha casado com Ione e Ione pariu seis filhos e moravam todos em Ouro Fino. A situação de Wilson não era cômoda porque Benedita, com 29 anos, era extremamente bonita e meiga.

Casado, Wilson fugiu dos ciúmes tolos do pai e refugiou-se no mutismo e no desprezo pelos parentes.

Mais do que nunca, José tinha agora motivos para ter ciúmes da segunda mulher, se é que precisa haver motivos. Em sete anos de casados José e Benedita tiveram sete filhos, bonitos e fortes. José adorava os filhos, e o ciúme era proporcional à adoração pelos filhos. O ciúme era tal que, até quando Benedita tomava banho, José vigiava a mulher pela abertura da janela. Se fossem ao cinema Benedita não podia nem virar a cabeça, José dizia que ela estava flertando com algum homem. E, na cama, falava disso a noite inteira. Mas Benedita era um céu e José, um inferno. O purgatório nasceu dessa mistura, uma edição melhorada do inferno no primeiro casamento.

As filhas de José normalmente gritavam com o pai e apanhavam dele. O que acontecera com José e Edina, acontecia com José e as filhas. José avançou em Neide e rasgou o vestido da filha de tanto bater nela. Benedita intervinha para acalmar o marido, mas Neide continuava xingando e o pai avançava de novo. Os filhos eram a benção de Deus, mas a bondade e energia de Benedita é que controlavam tudo.

Benedita, mulher formidável com quem José nem podia sonhar, era professora e sofria do magistério. Uma professora, dadas as aulas, precisava contar com a irresponsabilidade da secretaria. Se a professora não reclamasse, não receberia o pagamento das aulas. Os papéis ficavam perdidos na secretaria, enquanto não se arranjasse algum amigo para resolver o caso. Benedita ficava habitualmente de seis a sete meses sem receber, e isso quando o marido já havia morrido. Aposentou-se logo.

Dentro de casa as preocupações eram as mesmas, ou maiores. Enquanto José trabalhava no cartório, as filhas dele fechavam-se no quarto e só saíam quando o pai chegava do trabalho. Então começavam agradar as crianças (os filhos de José e Benedita) porque o pai gostava delas, era bom para os filhos pequenos, jogava futebol dentro de casa e deixava os filhos debruçarem nele à vontade. Um homem raivoso, mas que nunca bateu nos filhos do segundo casamento. Benedita não contava para o marido o comportamento das filhas dele. Aquelas filhas eram como cobras peçonhentas que só usavam o veneno

em horas bem calculadas. Quanto mais Benedita ajudava as víboras, mais elas calculavam o veneno. Benedita era o que chamam de santa, embora santidade nada tenha a ver com religião.

Quando Lucília fez quatro meses de idade, José morreu de câncer e deixou a viúva com 11 filhos. Neide talvez tenha sido a pior das filhas de José. Casada com Márcio, vagabundo por instinto, teve dois filhos e morava em Monte Sião. A casa era excessivamente limpa, e ela não deixava nem as visitas pisarem no assoalho, para não sujar. Benedita ia casando as filhas de José, e as filhas esvaziavam a casa. Porque a casa pertencia metade para Benedita e metade pros 12 filhos. Consolação casou-se com Antônio. Dos dois filhos, Marília era pão dura como a mãe e Toninho mancava por causa de uma injeção errada que deram nele. Moravam também em Monte Sião. Consolação e Neide, além de brigarem sempre, repartiam as brigas com a madrasta. Achavam que tinham direito à casa de Benedita e que Benedita era obrigada a recebê-las. Wilson ficara com o cartório do pai, Consolação levou o piano. Neide falou que, se pudesse, levaria a casa. Se não levou mais coisas, foi porque Elça impediu. Alzira, a mais bonita das irmãs, vivia de meiguice fingida. Todas lutavam contra a madrasta, embora reconhecessem que a vida de José e Benedita fora bem melhor que a de José e Edina. Benedita não aprovou o noivo de Alzira e Alzira disse que era despeito. Casou-se com Geraldo e mudou para São Paulo, onde o marido era professor de educação física e fazia massagens nas moças. Com o tempo ficou cega de um olho e usava olho de vidro, além de se esconder nos óculos escuros. Tiveram 12 filhos esqueléticos e esfomeados e, de vez em quando, Alzira aparecia em Ouro Fino pedindo roupas para os meninos. A filha mais prendada de José era agora um verdadeiro farrapo.

Benedita foi, desse modo, casando as filhas do marido dela. Depois de muita luta vendeu a casa, reuniu os filhos e veio para Belo Horizonte. Os filhos de Benedita e José eram Rosária, José, Maria Lice, Maria Benedita, Tereza e Lucília. Quando o pai morreu, a mais velha tinha apenas seis anos. Mas Benedita venceu a luta sozinha, embora afirmasse que São José e Deus é que haviam ajudado.

A filha mais velha, agora com 30 anos, casou-se com Délio. (O tempo passando nos netos de Benedita.) Rosária tinha noivo em Ouro Fino mas a mãe não gostava do noivo e Rosária desfez o noivado e o noivo começou a beber outra vez. Em Belo Horizonte conheceu Délio, amigo de Rubens. Rubens levava Délio para conhecer os filhos de Benedita, porque Rubens era noivo de Tereza. Délio gostou e, um ano depois de casado, nasceu Inês. Rosária, magrinha e baixa, não aparentava idade. Era professora, gostava de música. Enquanto trabalhava na escola, o marido dormia. Mas a vida era aquilo mesmo, parir alguns filhos e esperar a recuperação do marido. Marido com a pasta embaixo do braço, a pasta cheia de papéis, e batendo máquina. Homem nessa posição dá ideia de trabalhador. Se os filhos de Benedita nasceram em Ouro Fino, pelo menos os netos nasciam em Belo Horizonte. De tanto os netos chamarem "vó!" os próprios filhos também chamavam Benedita de "vó". E assim o tempo corria, e em julho Tereza casou-se com Rubens. Tereza era espalhafatosa como o marido, e morena de nariz pequeno. O casamento reuniu parentes e amigos, os homens se imitavam sem saber. Tereza ficou barriguda e o médico examinou a barriga da mulher. A mulher precisava de filhos, era bonito ter filhos, enfeitar a casa de filhos como se aduba a terra com esterco, do esterco nasceriam pobres. A pobre Maria Benedita se casara em Ouro Fino mesmo. Pobre, bem entendido, para a cabeça religiosa de Benedita e dos filhos, porque Fernando comeu Maria Benedita antes do casamento. A mãe levou a filha ao médico, conversou com Fernando, e os dois se casaram depressa, dando assim uma satisfação à sociedade e a religião. Porque havia um dogma respeitadíssimo: não existe amor fora do casamento. E ninguém sabia o que era amor e o que fazer do casamento. A primeira filha morreu antes de completar um ano de idade. Depois vieram Júlio, Estevão, Maria e Aurélio. Esperava-se o sexto. Qualquer rato teria inveja dessa fertilidade, era só abrir as pernas e o filho saía. Mais tarde o filho viveria a vida dele e a mãe não tinha nada com aquilo, na verdade não existe sofrimento coletivo. Mas havia uma hipótese bem comum, o filho seria feliz. Feliz como Maria Lice, solteira, gêmea da Maria Benedita e que ajudava na arrumação da casa e que gostava de fazer amizade com os vizinhos. Mas entre os irmãos todos eram amigos,

as briguinhas não tinham maior importância. Mesmo quando Lucília emburrava e, às vezes, começava a chorar por causa das chateações dos irmãos. Porque os irmãos costumavam chatear Tereza, mas Tereza se casou e a chateação foi pro lado da Lucília. O noivo de Lucília tinha uma vida duvidosa para a casa de Benedita, mas Lucília gostava do noivo e a mãe rezava no convento dos capuchinhos, a mãe era dessa que punha tudo nas mãos de Deus. Boa católica, invertia capitais numa firma segura. José não se importava muito com isso, queria era uma vida burguesa, ganhar dinheiro e casar. Mas, no fundo, temia a Deus, não custava nada fazer o que os outros faziam. José gostava de Ouro Fino por causa da noiva e da cidade Era ótimo sujeito, espalhafatoso como Tereza. Gostava de conversar muito, de comer muito, e de beber muito. A careca e a boca eram as mesmas do pai, e também os ciúmes, e também o gosto pelas festas e pelo carnaval.

O último filho de Benedita, calado e sério, nasceu com mania de escritor, e se não era escritor pelo menos gostava de rabiscar papéis, de ler e de estudar. Chamava-se Reinaldo. Reinaldo sou eu.

3º

Quando entrei para o Seminário Menor de Pouso Alegre, achei o prédio sombrio porque eu estava acostumado apenas com minha casa em Ouro Fino. Um padre de Monte Sião me acompanhava e eu ouvi uma algazarra tremenda no prédio, eram seis horas da tarde e os meninos brincavam no recreio.

Minha mãe era católica, meu pai era católico (morreu quando eu tinha quatro anos de idade), diziam que o Brasil era um país católico. Com a soma de toda essa catolicidade, acabei querendo ser padre.

O padre de Monte Sião e eu fomos para o refeitório grande e frio, depois de guardadas as malas. Os padres riam e acariciavam os meninos. Havia uma espécie de púlpito no fundo do refeitório, de onde um aluno lia qualquer coisa nas horas de refeição. O chão era de ladrilho e três mesas compridas estavam dispostas paralelamente.

Perto do púlpito (cátedra) estava a porta que dava para a cozinha suja. Na cozinha havia um fogão sujo e uma dispensa. Entrei por uma porta. A porta da cozinha ficava perto da cátedra. E ainda havia outra porta que ligava (ou separava) o refeitório dos padres com o refeitório dos alunos.

O padre de Monte Sião sentou-se à mesa comigo, fazendo antes o sinal-da-cruz e benzendo a comida. Mas a primeira impressão que tive daquela comida foi desastrosa. Serviram arroz duro com feijão manteiga, eu nunca tinha visto feijão daquele tamanho. A comida não tinha gosto, mas assim mesmo a coisa foi descendo pelo estômago, misturada de sorrisos e de constrangimento. Padres! Padres! Padres!

Abri a mala e fui arrumar as roupas. Havia um lugar para cada coisa e meu irmão me ajudava. Meu irmão tinha entrado antes para o seminário, minha mãe queria que os filhos fossem padres e as filhas fossem freiras.

Colocavam as malas por cima dos guarda-roupas (que eram um pedaço quadrado pra cada pessoa) e as canastras (malas grandes, de madeira) eram colocadas num porão, bem mais sujo que a cozinha.

O pátio do recreio era grande, separado por árvores. Velhos e novatos vegetavam "no feliz aconchego do seminário", como diziam por lá. Os moços não ultrapassavam os 18 anos, regra geral. Aquela sociedadezinha estava dividida entre menores (os meninos) e médios (os moços). Os velhos riam da inexperiência e acanhamento dos novatos, os novatos choravam ou riam, despediam-se dos pais, e a vida nova ainda não podia garantir nada, tudo era novidade.

Além das árvores que separavam o recreio, havia outras árvores lá no fundo, perto do muro que dava para o portão. Havia também uma cisterna, mais tarde construiriam um barracão perto da cisterna. O recreio era cercado de capim macio, o que absolutamente não comprometia ninguém. Havia campo de basquete, de vôlei (com a rede apodrecendo), uma barra de fazer ginástica e mesa de pingue-pongue (com três pares de raquetes quebradas). Os alunos, comumente chamados seminaristas, também nadavam no rio lá nos terrenos do 8º

Regimento, rio chamado lava-cavalo porque os soldados lavavam os cavalos ali, ou nadavam em outro lugar qualquer. Jogavam futebol também.

Seminarista era isso: moço ou menino de paletó, calça e gravata, cabelo raspado e timidez profissional. Quando sozinhos, eram tidos como piedosos. Mas reunidos, procediam como qualquer internado.

Uma vez por mês o açougueiro, que também era cabeleireiro, vinha raspar o cabelo dos alunos, corte igual para todos, não se podia nem puxar o cabelo porque o negócio ficava muito curto, então começaram usar boina preta. O diretor do seminário (reitor) não gostou das boinas, mas gostava de cabelo curto, falavam na vaidade das coisas humanas. Eu detestava cabelo curto daquele jeito, era um meio que tinham de sufocar minha liberdade. Talvez já estivesse presentindo minha careca futura. A padroeira do seminário era uma tal Nossa Senhora Auxiliadora, a data era comemorada dia 24 de maio, dia de festa e de boa comida.

Entrei para o seminário com apenas nove anos de idade, ainda não tinha completado 10 anos, de forma que eu sentia tudo aquilo inconscientemente, e ficaria inconsciente durante os oito anos em que morei ali.

Na minha vida percorri três espécies de privada. A pior espécie era aquela de casinha, uma porta com tramela e um buraco na tábua. Mosquitos grandes e verdes saboreando as fezes lá no fundo do buraco, a gente ficava agachado segurando os joelhos e a calça. Havia depois a privada patente, com o mesmo processo de agachar, só que eram privadas menos sujas e tinham dois lugares pra colocar os pés. Depois, existia essa privada comum onde a gente senta como numa cadeira e pode evacuar direito. Os padres tinham privada especial, pois as fezes deviam ser igualmente especiais: trata-se a mesma distância entre um seminarista e um ministro de Deus!

No dormitório limpo estavam camas iguais e ordenadas. Num dormitório ficavam os menores, no outro ficavam os médios. Os maiores eram aqueles que estudavam filosofia e teologia em Mariana, e usavam batina. Os alunos é que arrumavam as camas, a maioria era desleixada.

As camas tinham que ficar em rumo certo e os alunos deviam levantar-se imediatamente ao primeiro sinal dado pelo sino velho. Fazia-se uma oração rápida e sonolenta, bocejava-se uma ave-maria e o dia começava geralmente às cinco e meia da manhã. Todos tinham meia hora pra se aprontar, ninguém podia ficar atrasado.

As roupas sujas eram colocadas num saco razoavelmente sujo e deixadas em lugar apropriado. Aos sábados fazia-se a entrega das roupas e mandavam lavar na segunda feira próxima. Certa vez, um dos alunos recebeu umas peças de roupa que não eram dele. A lavadeira enganou-se e, por descuido, mandou também três calcinhas de mulher, a turma ficou excitadíssima.

Quando os alunos trocavam de roupa para dormir, faziam esse exercício embaixo das cobertas. Depois o sino velho batia, apagavam as luzes, e tudo era feito "em silêncio e recolhimento". O sineiro tocava o sino durante cinco minutos e, às vezes, aquele padre (diretor espiritual) castigava um piano desafinado mas sincero. Um padre bastante simpático, e amigo dos alunos.

O regime interno da casa era mais ou menos militar e, de tempos em tempos, distribuía-se um libreto onde os alunos estudavam cada parágrafo do regulamento. Todos tinham o seu libreto, cuidadosamente guardado no fundo da carteira!

Nas horas de silêncio todos procuravam fingir que estavam quietos. Fazia-se fila pra tudo. Os braços tinham que ficar cruzados e a fila obedecia à ordem de tamanho. Um cretino lá atrás da fila gritava "vamos!" e a tropa se movimentava. Havia cabresto na alma da tropa toda. Proíbiam "terminantemente" colocar a mão no bolso da calça, com isso evitava-se a tentação, cruzavam os braços.

A fila seguia do recreio para o refeitório, todos ficavam de pé porque antes deviam rezar. Alguém berrava um benedicamus domino e os alunos respondiam deo gratias e sentavam nos bancos para devorar a comida. A comida era pouca e não prestava, só existia o amor de Deus para encher o estômago. Serviam arroz roxo para comemorar a paixão permanente de Cristo. Serviam feijão preto (nem sempre era feijão manteiga) e carne. Carne não, serviam sebo, desse tipo de sebo que servia para engraxar bola de futebol. Quando vinha uma coisa parecida com macarrão qualquer um podia levantar o prato com o garfo se ele



espremesse muito o macarrão no prato. Se, em vez disso, o aluno virasse o prato ao contrário, o macarrão não caía.

Sempre encontrei na comida uma porção de corpos estranhos: barata, lesma, pedra, cabelo, mosquito. Com o tempo me familiarizei com aqueles bichos, a fome era maior que o nojo.

Os dias da semana passavam assim na monotonia. Havia sempre alguém lendo alguma besteira lá no refeitório para que os outros se comovessem. Mas ninguém ligava, a não ser o padre reitor que de vez em quando corrigia um erro na pronúncia. Estudava-se o dia inteiro e rezava-se pouco. Era necessário pedir licença para sair do lugar onde todos se reuniam, até mesmo para evacuar.

Toda falta tinha o seu castigo e uma advertência severa, dessas de mandar pro inferno. Nem me lembro mais dos vários tipos de castigo, eram muitos e cada um tinha sua gravidade. O castigo predileto era deixar o aluno incomunicável, o aluno não podia conversar com ninguém, não podia fazer nada, ficava isolado por algum tempo, em quarentena. Quem conversasse com a vítima, incorria na mesma pena, espécie de excomungado vitando. Castigavam ainda o aluno obrigando o coitado a copiar alguma coisa tantas vezes. Um dia eu estava brincando com as orações do angelus e o padre mandou que eu fosse rezar um terço na capela. Desse jeito.

Os castigos variavam muito, de acordo com a imaginação dos que castigavam. Fumar era um crime horrível, caso de expulsão, o fumante era como um profanador de templos. O padre reitor soube que um aluno fumava escondido. Chamou o aluno e fez o coitado fumar vários cigarros, até que outro padre interveio. Esse aluno fumante era um cara divertido, tinha bicicleta e brincava com todo mundo. Quando alguém precisava de dinheiro, ele tirava o lenço do bolso, cuspiu no dedo e ia passando o dedo nas dobras do lenço, assim como quem conta dinheiro de verdade. E dizia:

- Quanto é que você precisa?

Eu gostava de ficar perto desse sujeito, ouvindo piadas e rindo, caçoando dos outros.

Havia outro aluno, que era gago, e o colega gostava de chamá-lo minha franga. Se uma turma estivesse conversando ou rindo, o colega chegava perto deles e dizia:

- Há algum embaraço por ai? Eu lhe te pisei?  
E caía fora.

Eu estava satisfeito com esse tipo de vida, não sabia de nada, era muito novo ainda.

O estudo do seminário era de oito anos: um ano de admissão ao ginásio e mais sete anos de ginásial e científico. Depois o aluno recebia batina e fazia três anos de filosofia e quatro de teologia. Então o aluno ordenava-se padre e se enterrava no meio dos bem-aventurados. No entanto valia sempre aquele provérbio ou dito jocoso dos jesuítas: omnia ad majorem Dei gloriam!

Nos dias feriados ou dias santos (e nos domingos principalmente) eu era obrigado a passear no mato com a turma, eles chamavam o negócio de passeio. A turma ia ao Barnabé comprar marmelada, comprar doce de leite no Baganha, sempre com ordem de um superior qualquer. Ou então a turma ia ver a ponte sobre o rio Mandu, enfiava-se pelo Aterrado e chegava até o arvão. Algumas vezes, um padre reitor mais ousado fazia passeios especiais, como aquele na Serra da Mantiqueira. A turma visitava também cidades vizinhas, e o povo recebia aquelas miniaturas de padres.

Tudo isso eu sentia e vivia de modo meio vago, por instinto, por tradição. Lá no fundo alguma coisa me dizendo que eu era alguém, que eu existia, que eu era eu mesmo. Mas o negócio era vago demais para eu perceber alguma coisa, eu agia de acordo com a engrenagem.

Depois das refeições a gente era obrigado a brincar de qualquer coisa, ninguém podia ficar parado, diziam que água parada cria lodo, era preciso estar sempre ocupado para não pensar em coisas más e assim evitar as tentações do Diabo. Chamavam o brinquedo de obrigatória. Eu ficava com raiva por causa de fazer uma coisa contra a vontade, mas não havia outro jeito. Qualquer troço arrebatava

dentro de mim e eu então ficava criticando tudo, não perdoava ninguém, era meu modo de vingar.

Depois o sino batia de novo e a tropinha ficava em silêncio forçado, o carroceiro na rua gritava com as mulas para que andassem mais depressa (do estudo a gente ficava ouvindo o xingatório do carroceiro). Um dos colegas gostava de imitar mula manca, e eu descarregava minha raiva sobre esse colega e gritava pra ele:

- Mula, diaba!

Havia um gosto todo especial nisso, como se eu já vomitasse sobre o mundo, mas era uma compensação que não valia nada. Quando esse colega ia bater o sino para terminar o recreio de uma hora, os outros gritavam:

- Bate o sino, bate o sino.

E o colega não batia, só de raiva. Mas tinha que bater, era a ordem, o regulamento. E ele batia o sino para se ver livre da turma. O colega era de Maria da Fé, uma cidadezinha do sul de Minas que tinha um clima bom segundo diziam, exportava cenoura, lá morava um padre que foi morto por um militar, disseram que o padre fez mal pra moça, e o militar era irmão da moça, e houve uma algazarra tremenda em torno da coisa. Em Maria da Fé nasceu um bispo, e os colegas diziam:

- Maria da Fé deu bispo!

Achavam engraçado.

Quando chegava o fim do mês, eu ouvia um dos padres ler as notas nos estudos, cada matéria com sua nota merecida ou imerecida. Dava-se nota para o comportamento do aluno, para a aplicação e para a civilidade. Depois o padre lia as notas das várias matérias. As notas de comportamento, civilidade e aplicação eram dadas por um sujeito cujo ofício era o de manter a ordem, velar por ela e castigar os indisciplinados. Chamavam esse sujeito de prefeito, que era auxiliado pelo vice-prefeito. As notas do mês eram enviadas num boletim para a casa dos pais, e o padre reitor rabiscava observações em cada boletim.

Toda ordem tinha que ser cumprida. Até mesmo nas sessões literárias eu era obrigado a fazer alguma coisa, se fosse designado para isso. Nessas sessões faziam discursos, sermões, homilias, críticas, citavam poesias piedosas, faziam improvisos. Eu era orador oficial e gostava de empregar palavras bonitas mas vazias. Minha preocupação era literatura, escrever bonito. Eu subia na cátedra, olhava ou procurava olhar para as cabeças de repolho, e um dia comecei assim:

-Para cantar teus dotes, ó Maria...

O verso engasgou e, com muito custo, consegui terminar o soneto. Não há nenhuma lembrança dessa tal Maria, nada de céu nem de inferno. Desci da cátedra, os colegas me aplaudiram por costume porque nunca fui dos piores, e a sessão continuou. Aquilo durava uma hora, todos os sábados havia a mesma coisa.

O lugar onde a gente estudava chamavam de estudo. No estudo os padres também passavam cinema mensal ou semestral, era cinema censurado. A imaginação tinha que fabricar as partes do filme que os virtuosos padres cortavam. Era um ofício duro aquele de passar filme pra turma, principalmente porque os padres eram os operadores mais mesquinhos do mundo, aquela censura me irritava. Cristo crucificado dormia lá no alto da parede do estudo, o quadro negro um pouco mais embaixo. A piada antes do filme foi que desenharam uma careta no quadro negro, uma careta coroada de espinhos, e escreveram do lado: ecce homo! Se Cristo pudesse falar, retrucaria logo e daria um coice nos padres, que passavam filmes duvidosos para os alunos duvidosos. Mas Cristo continuou mudo e os padres pensaram que ele estivesse abençoando a boa intenção de seus ministros. Eram duas mercadorias ali: o cinema e o crucifixo. Eu acabava era indo pra cama e pensando no filme, pensando naquilo que foi censurado, o filme alimentava minha imaginação por algum tempo.

Certo dia surgiu no seminário um padre da Bélgica, e o bispo da diocese deu ordem para que ele ficasse hospedado no seminário. Os mosquitos vinham lá do regimento e não davam sossego, o calor

sufocava. O padre da Bélgica começou distribuindo para os alunos pequenas imagens de santos, medalhas e outras bugigangas. De vez em quando chamava algum aluno menor no quarto e, por meio de presentes, conseguia esfregar-se no menino. Eu ouvia meus colegas comentando a coisa, ficava observando as fraquezas, só então notei que "o seio do seminário" era lugar bastante propício para a pederastia. Através de gestos e palavras vi que vários colegas eram duvidosos.

Uma vez eu tinha ido nadar e depois me escondi no mato para trocar de calção (calção comprido que vinha até os joelhos, com uma faixa branca dos dois lados) e logo apareceu um colega. Vesti a calça depressa e fui saindo. O outro ficou lá, com cara de tarado, as bochechas vermelhas e gordas, louco para encontrar um colega pelado.

Sempre tive vontade de ter um amigo, mas as amizades eram proibidas, o sujeito tinha que ser amigo de todo mundo e não de uma pessoa particular com quem tivesse maiores afinidades.

O padre da Bélgica tirou fotografias, fez amizades e tomou conta dos menores, e o padre reitor não desconfiava de nada. Só três semanas depois é que o padre reitor desconfiou do malandro por causa dos comentários no recreio, e expulsou o padre. Então começou a recuperação moral. Pegaram todas as lembrancinhas do padre belga e puseram numa bacia, fizeram uma hora santa de desagravo pelo sacrilégio e benzeram os lugares por onde andara o tal padre. Enquanto isso, o fogo queimava tudo dentro da bacia. O incenso brincava no ar e todos faziam o sinal-da-cruz e inventavam cara de constrangimento e remorso. A água salgada purificava tudo e um pouco de fumaça dispersava o pecado. A turma estava comovida. Eu olhava o ultraje às coisas e Deus e me chocava com aquilo. Porque eu acreditava naquilo e ainda não conhecia a dúvida nem interrogava.

Eu via os colegas e ficava observando o comportamento deles. As brincadeiras faziam pensar numa porção de coisas. Dizem que para os puros tudo é puro (omnia munda mundis) e se vejo tanto sexo no mundo é porque sou sexualizado. Mas o comportamento dos colegas era mesmo duvidoso. Queriam brincar de modo inocente e acabavam sendo efeminados, tinham que ter um sexo indefinido. A vaca (era o apelido

de um colega) andava se requebrando e com os pés abertos como se fosse pato. Um não podia tocar no outro nem de leve porque isso era "brinquedo de cão", corpo é motivo de pecado. Como o latim era língua muito difundida, dizia-se: ludus manus, ludus canis. Ou então retrucavam dengosos: nolite me tangere. Todo respeito ao afamado templo do Espírito Santo é pouco!

Os sentimentos eram recalçados, atrofiavam tudo. Uma noite um aluno saiu da cama e foi fazer suas necessidades. Outro colega surpreendeu esse aluno trepado num companheiro. No dia seguinte foi aquele comentário doido, e os dois alunos (o passivo e o ativo) foram expulsos do seminário.

Eu gostava desses acontecimentos imprevistos, era modo de quebrar um pouco a monotonia. De qualquer jeito, Deus é bom pai e sabe perdoar a falta dos filhos!

Fiz a genuflexão diante do sacrário e me ajoelhei.

Todos tinham lugar marcado: no refeitório, no estudo, na sala de aulas, no dormitório. Frequentemente trocava-se de lugar, com isso querendo evitar que duas pessoas ficassem muito amigas uma da outra e não criassem a chamada amizade particular.

A missa era celebrada pelo padre reitor, ele levava o negócio a sério.

Todos os dias eu comungava e batia no peito. Me confessava uma vez por semana, nas quintas feiras. Nunca soube dizer se algum dia fizera uma comunhão bem feita ou uma boa confissão. Tudo era uma dúvida sincera, sincera demais para ser dúvida. Não se podia negar também que o padre reitor tinha zelo com a capela, era um homem limpo e fazia tudo direitinho. Ele mesmo pintava o altar, as paredes, o sacrário. Com ele as coisas melhoravam sempre. Mas era um padre irritantemente autoritário, quase arrogante. Pregava bem, preocupava-se com os alunos e procurava ser amigo deles.

Um dos quadros, pintados pelo padre, representava Jesus no meio de seus discípulos. O aluno olhou fixo para o quadro emoldurado, cruzou os braços, enrugou a testa e explicou solenemente:

- Jesus e os leprosos!

Na capela havia um harmônio novo e tudo o mais que se pode encontrar numa capela bem arrumada e limpa. Antes da celebração da missa, os alunos meditavam sobre qualquer assunto devoto. Mas a meditação era o sono dos justos, a turma ficava meia hora cochilando, pensando no café com pão da manhã. O padre interrogava a turma sobre a meditação feita e era aquela catástrofe, porque o interrogado era sempre um dos que estavam dormindo. Todo dia a expectativa era a mesma, parecia exame oral com reprovação.

Depois vinha o café diário, as aulas recomeçavam, vinha o almoço, novamente as aulas, depois o jantar, depois o terço rezado na capela, uma hora de estudo e finalmente todos iam dormir às 9 da noite.

O corpo não se cansava tanto como a cabeça. Eu pressentia alguma coisa sem saber o quê, tudo era inconsciente, tudo fazia parte de uma revolta muito íntima.

O pior negócio que havia no seminário era o modo como falavam em moral, e também o incentivo para o pessimismo, o temor de Deus. O medo dos castigos, o medo do inferno, o medo de perder o céu, o medo de pecar, o medo de morrer impenitente, o medo de ser mau padre, alimentavam o medo dentro da gente. O medo, o temor de Deus, princípio de toda sabedoria. Repetiam: Initium sapientiae timor Domini.

Sempre fui pessimista, parece que a tristeza de meu avô Estevão veio por cima de mim, sempre gostei de coisas tristes. E, ainda por cima, os padres falavam sistematicamente sobre o lado negativo da religião. Falavam sobre o pecado, o castigo, a severa justiça de Deus, o terrível fogo do inferno, as heresias horripilantes, os sacrilégios que provocavam a ira divina, o grande perigo das confissões mal feitas. Quando falavam sobre castidade, repetiam que os hospitais andam cheios de pessoas impuras. Diziam que não existe rosto mais bonito que o rosto das freiras. Tudo era de uma falsidade desgraçada, e eu engolia aquilo sem nenhum constrangimento.

O pessimismo era assim largamente cotado. Pintavam a mulher como se ela fosse a própria figura do Diabo. Citavam um tal de são Bernardo:

- Estar com mulher e não pecar é maior milagre que a ressurreição dos mortos!

Com toda essa enxurrada em cima da cabeça eu cheguei até a odiar as mulheres, porque mulher era coisa perniciososa. A única mulher recomendável era Nossa Senhora, pois tinha um corpo sem carne e já estava comprometida com o Espírito Santo. A mãe de cada um refletia Nossa Senhora. Maria Madalena e Santo Agostinho não eram bem vistos. Eu gostava de Nossa Senhora das Dores, desde então eu já gostava de coisas tristes e que falavam de dor.

Um padre afirmou solenemente que nos temos um M na mão para que nos lembremos, continuamente da morte. (Piada indecente!) Diziam que se a igreja não fosse divina, os padres acabariam com ela. Ouvi um católico dizer que acreditava na igreja porque os padres sempre tentaram destruí-la e até hoje não conseguiram. Um padre me perguntou:

- Você sabe por que rabo de cachorro não se congela?

- Por quê?

- Porque está acima de zero!

Um padre falar desse jeito pra mim era um escândalo, afinal eles eram ministros de Deus.

O padre reitor, sempre procurando melhorar as coisas do seminário, colocou no recreio três barquinhas de balançar, dessas que a gente costuma ver em parque de diversão. Um aluno (que, por sinal, nem tinha irmã) estava balançando na barquinha mas não tinha força pra empurrar. O companheiro então gritou:

- Força, cunhado!

Só porque falou em cunhado, o padre chamou a atenção do aluno e proibiu que ele falasse aquela palavra. Cunhado dava ideia de mulher e não se podia nem mesmo pensar em mulher, era perigoso, a pureza de pensamentos exigia essas artimanhas. Eu achava aquilo pitoresco e não me importava de ser castrado por amor de Deus, fui formado para aceitar tudo.

As pessoas do mundo (essas que não estudavam para padre) falavam que no seminário cortam o pênis do aluno e colocam um canudinho no lugar. Falavam também que no seminário era regime de nitro, punham o



troço na comida para diminuir o instinto. Mas não tinha jeito. Por isso é que diziam:

- Se batina fosse bronze, que badalada!

A verdade é que nunca na minha vida vi uma pessoa religiosa pensar honestamente sobre sexo, não são capazes de ir às últimas consequências de nada, têm medo, são cordeiros de Deus.

As comemorações festivas eram sempre bem vindas. Comemoravam alguns santos mais importantes, o aniversário de alguns padres, as grandes festas religiosas. Nesses dias de festa havia feriado, a gente fazia alguma coisa fora da rotina ou recebia um olhar rápido de moça.

A semana santa era a melhor do ano, três ou quatro dias feriadados. Os alunos tomavam parte nas comemorações da paixão e morte de Cristo e tinham lugar especial na igreja. O bispo velho e de mãos trêmulas presidia as várias cerimônias. Nunca vi esse bispo encostar-se no trono, o bispo ficava sentado no meio do trono, aquela infinidade de vestes vermelhas e brancas. No alto da cabeça o solidéu dormia.

As procissões divertiam bastante. O padre reitor chamava os cantores pro meio da procissão e eles ficavam cantando e andando, um livro na mão, terço, batina e sobrepeliz (cota) sobre o corpo e um colarinho branco (voltinha) ao redor do pescoço. As procissões quase sempre passavam perto do colégio das irmãs doroteias e, às vezes, as meninas do colégio ficavam paradas ali em frente da igreja delas vendo a procissão. Eu gostava daquilo, andava sério como se não ligasse pra nada. Mas minha vontade era olhar direto para aqueles rostos bonitos, que eram o símbolo mais lindo do pecado.

A procissão do enterro era a mais esperada, porque antes de começar o movimento davam chocolate com bolachas para os seminaristas, e a sacristia se transformava em cantina. Uma velha ajudava servir os seminaristas. Havia um cara que também ajudava, sujeito de uma simpatia tremenda, chofer do bispo, bom nas piadas, alegre, sorriso de aristocrata, tinha pompa até no nome, Mirabeau.

Os alunos procuravam enganar os padres e escondiam bolachas no bolso da batina para comer durante a procissão.

As velas, as coisas velhas e novas, as flores murchas e frescas, o bafo da multidão, tudo se juntava para formar essa catanga toda especial das igrejas.

O ofício das trevas já tinha sido rezado, as luzes se apagavam, e os alunos se agrediam com os livros para que os fiéis se lembrassem daquilo que aconteceu na morte de Cristo.

A procissão avançava de noite e, de vez em quando, uma vela queimava o véu branco da moça ou queimava um pouco dos cabelos. A semana toda era terrivelmente santa!

A batina dos alunos não tinha cor definida de tão suja, desajeitada no corpo, usavam sapatos sujos, colarinho solto, barrete quebrado, faixa apertada na cintura.

Na porta de entrada da catedral esperavam o bispo chegar de carro. O bispo chegava e os sinos batiam, então as cerimônias cansativas começavam. A semana era agitada e os alunos se aproveitavam de todo jeito.

O bispo daquela diocese tinha uma irmã que morava com ele, chamavam a casa do bispo de palácio, e era grande. Os alunos diziam que a irmã era mulher do bispo e por isso chamavam a mulher de dona Diocésa, ela era autoritária e gozava o prestígio do irmão.

Eu ia vivendo no meio dessa bagunça, não gostava nem desgostava. Havia rotina, uma hora seguida de outra, mas tudo na base da festividade, eu não sofria com nada. A hierarquia dos padres continuava intacta, os padres acatavam as ordens do velho bispo e depois o criticavam pelas costas. Eu me divertia com aquela santa hipocrisia, os padres gostavam de provocar o riso fácil dos alunos e aproveitavam-se também da ignorância deles.

Eu já me revoltava contra uma porção de coisinhas, então me limitava a criticar tudo, um colega e eu criticávamos amigos, padres, freiras e os bichos todos.

Dez minutos antes de terminar o recreio eu corria para ouvir as estórias que um padre contava. Os colegas se agrupavam na janela, apagavam as luzes e o padre contava a estória. Esse padre tinha uma habilidade impressionante para contar estórias em série. Esfregava as mãos grossas uma na outra, tirava o cigarro da piteira e criava o clima. Eu gostava muito de ouvir esse padre contar estórias misteriosas ou qualquer coisa parecida com Miguel Strogoff. Tempos depois ele parou de fumar, parou de contar estórias, eu crescia. A adolescência era esse período cretino em que os adultos suportam os meninos e os meninos se julgam os donos do mundo. Comecei a ser o dono do mundo, eu era um adolescente tremendamente cretino, mas os padres me suportavam por amor de Deus. Com a adolescência veio a tristeza uma coisa mais bem raciocinada, eu queria fazer uma porção de coisas mas tudo já estava feito, era aceitar ou negar, e eu jamais poderia negar aquilo que me ensinavam como certo.

Havia também aquele tempo em que os alunos passavam alguns dias na casa dos pais, duas vezes por ano. As férias eram escrupulosamente reduzidas, durante as férias a vocação corria perigo. Eu arrumava as malas e ia para a estação da Rede Mineira pegar o trem. A partida era tristemente alegre porque incluía a ideia da volta. No dia de ir pra casa, tudo ficava mais alegre, as charretes da cidade pareciam rir, o dia era bonito. Eu morava em Ouro Fino, pertinho de Pouso Alegre, saía de manhã e ia almoçar em casa com minha mãe e meus irmãos.

Em Ouro Fino havia uma igreja grande e bonita. Dois padres tomavam conta da paróquia. O monsenhor havia morrido quando se preparava para celebrar a missa das 10 horas. Depois veio outro padre, depois outro. Agora estavam aqueles dois, uniformizados, profissionais que ganhavam pouco. Um deles era boa prosa, boa pessoa, mas doentio e sofrendo dos nervos. As cerimônias da igreja eram caricaturas, com gestos de louco. O padre estava tirando os paramentos do corpo e o sacristão disse que não havia feito a coleta, era dia de benzer vela e garganta, e o comércio aumentava dentro da sacristia:

- Olha a vela de cera pura/quanto mais queima mais atura!

O padre ficou impaciente com aquela bagunça dentro da sacristia e mandou o sacristão pôr todo mundo pra fora. Depois o padre procurou a caixa onde se guarda o cálice e não encontrou, o sacristão apalermado mostrou a caixa. O padre jogou a caixa no chão e deu um golpe no cálice. Cálice e caixa tombaram, abençoados pela mão que transforma farinha de trigo em corpo de Cristo! O doce representante de Cristo estava encolerizado, acho que bebeu muito sangue durante a missa.

As missas eram obrigações sonolentas, o breviário uma leitura sem gosto e o sacerdócio daquele padre um aborto. O outro padre era coadjutor, batina suja, gestos rudes e violentos. As cerimônias da igreja eram, para ele, uma coisa qualquer. Ele gostava das crianças e as crianças gostavam dele.

Esses dois padres me mostraram como o sacerdócio pode ser uma irrisão, uma piada, um naufrágio elegante: eles não acreditavam naquilo que estavam fazendo, se acreditassem procederiam de outra forma.

Durante as férias eu também ficava triste por causa do modo como os outros me encaravam, todos os meus atos tinham que ser limitados. Não podia fazer isto, não podia fazer aquilo, seminarista deve ter tais e tais pensamentos, não se pode ter muita familiaridade com eles porque são sagrados, não pode, não deve, não deve, não pode. Eu voltava sempre triste pro seminário, pensativo, oprimido, aquilo doía dentro de mim, mais tarde eu me acostumaria e esperava não ficar assim tão triste.

No fim de cada ano a gente passava mais da metade das férias numa casa de campo, alguns maliciosos chamavam a casa de fazenda do bispo. A gente ficava ali em dezembro, nada de natal em casa. Engraçado é que nunca senti saudade de coisa alguma nem de pessoas, saí muito cedo de casa. Eu queria liberdade, eles bitolavam demais e eu sempre fui rebelde.

A casa de campo chamava-se Faisqueira, uns 15 minutos de Pouso Alegre. Havia uma igreja bonitinha, o casarão antigo e a casa nova, pastos verdes ou secos, cavalos e vacas, seminaristas e padres. Havia um lago sujo, ornamentado de lodo, foi ali que aprendi nadar.

Depois construíram uma gruta, limpavam a mina e colocaram uma bomba de puxar água. Um homem tomava conta daquilo e o filho dele ajudava.

O regime interno continuava fiscalizando o comportamento dos alunos. Havia mais liberdade e mais folga. O padre reitor dava trabalhos forçados para os alunos, os trabalhos serviam de exercício físico e descanso mental. Os alunos arrancavam cupins do pasto, consertavam estradas, e ajudaram a construir a casa nova de dois andares. Como recompensa, nadavam 15 minutos!

À tarde o povo da roça vinha rezar o terço na igreja e assistir a benção. Eu subia na torre e tocava samba nos dois sinos. O povo humilde e retraído cantava salve rainha mãe de misericórdia, era uma confusão agradável que fazia a gente rir.

Eu continuava me confessando uma vez por semana com os padres do Santuário. Os padres vinham da cidade, confessavam os alunos, batiam um papo e voltavam pra cidade.

De noite os alunos iam para o refeitório beber leite com um pedaço de pão. Depois faziam uma reunião literária no próprio refeitório. Um aluno lia o diário, que contava os fatos mais pitorescos do dia e as piadas mais apimentadas (apimentadas para a turma do seminário). Cada aluno tinha que fazer qualquer coisa ou dizer alguma asneira.

Domingo, como era um dia sagrado, eu dizia minhas blasfêmias em latim e conversava na minha língua profissional, eu era um esgrimista no latim macarrônico.

A turma não era triste não, era até alegre. Ninguém pensava nada, Deus era um fato preestabelecido, as dores entristeciam muito pouco e ninguém sentia profundamente nada.

O fato mais pitoresco eram as visitas que os alunos faziam aos moradores do lugar. As visitas eram proibidas, mas visitavam assim mesmo. Eu gostava de ficar no meio das crianças que vinham aprender catecismo e brincar em frente da igreja, era tímido demais para visitar as moças. Alguns visitavam a casa de um sujeito do lugar porque lá moravam quatro moças bonitinhas, uma viúva e um rapaz. Eram companhias agradáveis, aliviando um pouco o celibato incômodo. Nunca

fui lá, ficava só olhando, sem coragem de ir, ficava vermelho e sem jeito perto das moças.

Eu não percebia direito o tempo, a coisa ia passando sem eu notar. Janeiro era o mês das férias, agosto também, dezembro a gente ficava na casa de campo. Qualquer motivo era suficiente para reduzir as férias, pois o contato com o mundo enfraquecia a vocação dos seminaristas, como se repetia sempre.

Os acontecimentos pitorescos é que tapeavam a monotonia. Um rato, que apareceu no estudo, desviou a atenção da turma e distraiu um pouco. O padre quis ficar sério mas não conseguiu. Um aluno pegou o besouro, amarrou um pedaço de papel na outra ponta do barbante e soltou o bicho que tinha a perna amarrada pelo barbante. O besouro saiu voando por cima dos alunos e aterrissava nas carteiras. Outro colega, em vez de estudar, fez um carro de boi pequeno, miniatura, e colocou dois mosquitos puxando o carrinho. O padre elogiou a habilidade do aluno, mas ficou bravo do mesmo jeito.

Eu me divertia bastante com tudo o que era contrário ao regulamento, uma revolta inconsciente. Desde pequeno fui revoltado, coisa sem fundamento, questão talvez de gênio raivoso. Mas sempre fui um sentimental que se esconde como pode, que disfarça. O diretor espiritual me chamara no quarto e disse que eu precisava ser másculo, peguei o dicionário e fui ver o que era másculo, aprendi, então criei despeito contra tudo, meu ressentimento começou nascer.

O aluno estava alegre e disse pro padre reitor:

- Vamos jogar sério?

- Vai jogar sério no inferno! respondeu o padre.

O padre desconfiou de alguma coisa: um homem não podia ficar olhando pro olho do outro, era perigoso!

O aluno se levantou da carteira e disse pro professor:

- Olha um bichinho, seu João!

E tirou o bichinho do ombro do professor. Os colegas cochichavam:

- Ai! Ai!

Os padres queriam que os seminaristas fossem ou hermafroditas ou eunucos, ou que não tivessem sexo, o que seria muito melhor.

O padre reitor tinha um carro velho, clerical e celibatário, mulher não andava no carro dele, só padre e homem. A irmã do padre precisou arrumar um cara para ficar entre ela e o irmão-padre-chofer, só assim o padre reitor concordou levar a doente para o tratamento de saúde.

Monsenhor era um santo, fazia milagres. O povo pensava que o nome dele fosse padre monsenhor e chamavam o homem desse jeito.

O bispo velho, com as mãos trêmulas, costumava visitar os alunos de vez em quando. A turma estacionava diante do príncipe, escutava o palavrório dele e ria de tudo, mesmo que não houvesse graça. Os padres também riam, e o bispo vinha com aquela xaropada sobre pesca, todas as vezes que aparecia no seminário falava sobre pesca.

Ladeado de padres e corredores, o velho bispo saía do seminário para o palácio. O ginásio ficava em frente do palácio, e o seminário ficava ao lado do ginásio e da escola profissional. O bispo foi embora e o recreio continuou.

Se os alunos estivessem no estudo, não podiam sair de lá sob nenhum pretexto. Se estivessem de pé, não podiam ficar sentados. Se estivessem sentados, não podiam ficar de pé. Estavam no recreio e não podiam sair do recreio, era uma droga. O sujeito vivia sob controle, sob ordem, sob regulamento.

Ocupei vários cargos no seminário, mas sempre fui demitido porque não cumpria as ordens direito. O padre reitor me nomeou sacristão. Eu bebia religiosamente meu copo de vinho canônico e comia hóstia. As hóstias eu buscava no colégio de Jesus Crucificado onde a irmã me atendia, uma freira bem bonita aquela.

Antes de ser nomeado sacristão, o padre reitor me colocou pra tomar conta dos menores, e eu não quis. Obediência era uma coisa que não se discutia, o sujeito tinha que acatar as ordens com humildade.

Mas eu nunca me simpatizei com humildade, e não obedeci mesmo. O padre disse:

- Você vai tomar conta dos menores.

E eu respondi mentalmente:

- Não vou.

O mundo podia desabar que eu não obedecia, nunca fui de receber ordens diretas desse jeito. Mesmo assim, o padre me nomeou prefeito. Mas, por desaforo, fiz tudo diferente do que devia fazer. Então o padre me chamou e disse que os futuros padres tinham que lidar também com crianças. Saí do quarto do padre sem falar nada e escrevi uma carta pra minha mãe dizendo que não queria mais ser padre. O reitor não deixou que a carta fosse posta no correio, porque as cartas eram sempre censuradas, tanto as que chegavam como as que saíam. Já que o padre não deixou pôr a carta no correio, apelei pra ignorância, e continuei fazendo tudo errado. Eu não conversava com o padre nem ele conversava comigo. Depois outro padre veio perguntar o que estava acontecendo e eu expliquei. No fim acabei renunciando meu cargo e fui nomeado sacristão, para ficar mais perto de Deus!

Um colega de Borda da Mata dizia que um homem rico da terra dele leiloou uma das filhas, o pai da moça pagaria pra quem casasse com as filhas. O colega acabou casando com as três filhas do homem rico, morria uma, casava com outra. Com o dinheiro dos três casamentos ficou noivo da Cuta. Com aquela voz de violoncelo desafinado, ele recitava a poesia que fizera pra noiva:

- Eu amo a Cuta/a Cuta me ama/eu fujo da Cuta/a Cuta me chama!

Esse não deu padre, pensava demais em mulher.

Se alguém quisesse ofender profundamente um colega, bastava chamar o cara de hipócrita, era mais ou menos como xingar a mãe da gente, coisa parecida com pecado mortal.

Mas o que eu via era o mundo com alguns metros de batina e uma rodela na cabeça (tonsura), imagens de santo e voz de consciência. Não se podia duvidar de certas verdades, o seminário cheirava



heresia e sacrilégio. Os padres diziam que os alunos foram chamados por Deus e quem desprezou esse honroso convite irá para o inferno.

Eu acreditava em tudo. Não era propriamente acreditar, eu engolia tudo passivamente. Duvidar é tentação diabólica. Não se pode argumentar porque a argumentação procura, procurar é duvidar, duvidar é tentação.

Mas eu lia as cartas de minha mãe e ficava enternecido vendo tanto amor a Deus. Lia as cartas, alguns colegas também liam, e esse amor de Deus contaminava a tropa.

Eu começara a pensar em mulher, mas com muito remorso e dor de consciência. Via certos colegas usando nomes femininos para indicar um troço masculino qualquer. Diziam, por exemplo, mosquita em vez de mosquito, no masculino. E assim outros nomes de animais inofensivos. De qualquer modo o sexo estava presente, o sexo reinava até mesmo no mundo dos eunucos.

Os alunos estavam vestidos de batina porque iam rezar na catedral. Eram sete horas da noite e já estava escuro, não havia luz no recreio e nos corredores, não se distinguia direito o rosto dos colegas. O passatempo dos alunos, esperando a hora de ir pra catedral, era bastante arrojado para a época. Eu erguia a calça debaixo da batina e depois ia levantando a batina aos poucos, assim os outros pensavam que eu estava sem calça ou apenas de calção. Os lugares menos escuros eram os melhores lugares para isso, claro. Outros se juntavam nos cantos, conversando, cochichando, fazendo hora. Alguns se divertiam levantando a batina dos colegas como se fosse saia e dizendo com entusiasmo:

- Descobri a América!

Um dos colegas não percebeu a presença do padre reitor vigiando a turma e, por engano, levantou a batina do padre. Na hora que o coitado ia dizer descobri a América, o padre reitor iluminou o rosto dele com a lanterna.

Um colega brincava com o outro, cheio de movimentos duvidosos. O paletó de um deles abriu e o bolso interno apareceu costurado com linha. Dentro do bolso havia a carteira de dinheiro, costurava o

bolso para que não roubassem o dinheiro dele. O cara pão duro era filho de um fazendeiro rico de Santa Rita, ele era inteligente e até piedoso. (Piedade era uma gíria muito usada em seminário, pra consumo interno.)

Aqueles meninos, parentes de camaleão e de papagaio, procediam de maneiras estranhas, como qualquer homem encarcerado. Eu e meus colegas mudávamos de cor e falávamos muito. O sexo escorria da boca, entrava nos olhos e caía no coração da turminha. Mas o temor de Deus paralisava a alma.

As mesas estavam sempre cobertas com toalhas sujas, os alunos eram sujos. Os bancos não tinham encosto, de vez em quando o banco caía com a turma. Para se pedir comida ao colega usavam gestos apropriados. O gesto para pedir água é obsceno, se for feito por outra pessoa que não estude em seminário. Se o aluno pedia comida ao colega e o colega servia antes dele, chamavam o negócio de carneira. Não sei menos se isso chegava a ser matéria de pecado, pelo menos os teólogos não discutiram o caso.

Por falta de campanha o padre reitor bateu no prato com a colher. O cretino, que estava lendo uma besteira lá na cátedra, vomitou um benedicamus domino por cima dos estômagos e os estômagos responderam deo gratias.

Às vezes, certos padres simpatizavam com algum aluno bonitinho ou inteligente e pediam que o aluno limpasse o quarto deles, arrumasse os livros na estante e conversasse. Esse aluno diziam que estava na manga (na manga da batina, pertinho do coração do padre!). Os alunos inteligentes eram sempre bem vistos e os outros eram desencorajados porque não tinham apoio, qualquer coisa que ajudasse, um incentivo qualquer. Os padres ficavam rindo um risinho de gozação, como quem diz: esse não tem jeito. Mas, por honra da firma, diziam alguma coisa abstrata, um conselho ou encorajamento para as múmias.

Ouvi um padre recomendar:

- Fiz um pacto com os olhos de não pensar em mulher.

Achei a frase bacana, só isso. Mas que opinião podiam dar os eunucos sobre a relação física entre homem e mulher? Eles viviam desprezando as mulheres.

Me ajoelhei no banco da capela e olhei a hóstia na hora da consagração: aquilo era Deus! Abaixei a cabeça e o sininho tocava. Um mosquito pousou no banco, outro mosquito veio atrás. Os dois mosquitos, macho e fêmea, se cheiraram e se rodearam como fazem os mosquitos. Depois um mosquito trepou no outro. Fiz um gesto com a mão e os mosquitos voaram grudados um no outro. O sininho continuava tocando. Ergui a cabeça, Cristo havia aterrissado na terra.

Saí sozinho pra fazer qualquer coisa na cidade. A tentação fez com que eu entrasse numa livraria e comprasse algumas revistas em quadrinhos, dessas que têm aventuras com mocinhos e mistérios, minha imaginação tinha sede e religião era pior que deserto. Depois fui no campo de futebol do colégio São José e fiquei vendo meus colegas. Não sei como, mas o padre reitor soube que eu havia comprado coisas proibidas. O escândalo foi o diabo, desobediência era sacrilégio, eu havia profanado o corpo com imagens perigosíssimas. Acho que fui castigado, de acordo com as exigências da moral. Eu não podia supor que grande pecado havia naquilo. Os erros eram castigados e não se explicava a relação entre uma coisa e outra. Mas o que então já me interessava era a revolta, dar um sentido negativo às coisas. Eu tinha 19 anos, vegetava, e ainda não conseguia negar a divindade e outras bugigangas, o temor de Deus me impedia. Procurei negar tudo até onde fosse possível, a revolta estava na indisciplina.

Na primeira quinta feira de cada mês os alunos faziam retiro espiritual: ficavam quietos o dia inteiro, meditando, rezando, dormindo e comendo, nada de aula, só rezar.

A turma estava no recreio e andava de um lado pra outro, como era normal em tempo de retiro. Logo ali perto do muro, um pedreiro acabava de construir uma casa e colocava pedaços de madeira sobre as vigas de construção. Lá de cima da casa, no outro lado do muro, o pedreiro olhou para os alunos e começou a assobiar a música Escandalosa. Os alunos se olhavam e se riam. Alguns minutos depois,

o padre reitor veio mastigar o breviário ao lado dos alunos, o padre também andava de um lado pra outro. Quando o pedreiro percebeu a presença do padre reitor, mudou de música e começou a assobiar Louvando a Maria. Os alunos riram alto e o padre reitor ficou bravo com a quebra do silêncio.

Duas vezes por ano os alunos faziam três dias de retiro espiritual: três dias antes das férias do meio do ano e três dias antes das férias do fim do ano. Mas, muito raramente, aparecia um pedreiro amigo para assobiar Louvando a Maria em ritmo de samba!

Certos alunos tinham hábitos estranhos. De tempos em tempos mostravam uma lista com nomes de outros colegas. Na cabeça da lista escreviam em letras grandes: LISTA PARA QUEM EU VOU DAR DOCE. Depois diziam para os outros:

- Você não está na minha lista.

Mais ou menos como o Bolinha escreveu:

- Clube do Bolinha. Menina não entra.

Eu ficava ruminando aquilo tudo. Naquele tempo gostei muito de um padre, o cara era bom pra turma, ajudava e animava todo mundo. A família desse padre de Pouso Alegre também era formidável. A mãe do padre quanto mais velha mais parecia moça, muito simpática. O padre era amigo mesmo. Educado, simpatia que herdou da mãe, riso de amigo e alegre. Mas, quando tomava uma decisão, não voltava atrás. Mesmo assim, era um companheiro. Quase todos os padres pecavam por afetação, embora inofensivos. Esse padre era diferente, pelo menos eu sentia desse modo. Dava-se atenção mais aos moços que estavam fora do seminário do que aos que estavam dentro e depois ainda falavam sobre a importância da educação dos futuros padres, sem que pudessem ver nisso uma contradição entre teoria e prática.

No guarda-roupa havia duas batinas pretas, esperando chegar o dia 8 de dezembro, o dia chegou e me vesti de preto. Eu ainda não era um homem, apenas um cara fantasiado de batina, ensaio de padre. Mas já desconfiava de mim mesmo, embora personalidade fosse coisa má vista em seminário. Que liberdade seja angústia ou dúvida, não interessa. Primeiro é preciso que haja alguns centímetros de liberdade, senão não vai. A verdade é que tudo já estava latejando.

No Seminário Maior de Mariana o aluno estudava filosofia e teologia, fazendo um curso de sete anos. O seminário ficava logo depois de Itabirito, perto de Passagem. Em Mariana havia também o Seminário Menor onde os alunos faziam o ginásial e o científico. O Seminário Maior era consagrado a São José e os padres lazaristas dirigiam a casa. Perto do seminário, numa elevação, estava o palácio velho do arcebispo velho. Palmeiras e coqueiros por toda parte. Naquele ano o reitor tinha o apelido de Pagodinho.

Mariana era uma cidade moribunda que todos conheciam como monumento nacional de velharia, continua agonizando até hoje. As casas são velhas, as crianças são velhas, o ar é velho, parece que houve um colapso no tempo. Ruas calçadas com pé de moleque e passeios geralmente de pedra. Casas grudadas uma na outra, ruas empinadas e tortas, árvores velhas. Só lá perto da estação de trem, depois do rio, é que a paisagem muda um pouco. Mas aquilo nem era paisagem, era traumatismo. A água do rio tem cor de barro, ainda procuram ouro na água. A estação está com pintura nova e por ali as ruas têm paralelepípedos.

Mariana é uma terra onde nunca faltam burro, badalo e batina. Carregam tijolos nos burros e os caminhões são raríssimos. Carros de praça ou carros particulares não existem, só existem o carro daquele médico e o caminhão lá do hotel. Só um cinema, pequeno e pulgento. O orgulho dos habitantes são as igrejas, uma olhando pra outra, dá impressão de que há mais igrejas que casas. Parece que todos são músicos e católicos. Tudo ali cheira religião, antiguidade e mormaço. A igreja de São Francisco está de perfil para a igreja do Carmo. Logo em frente da igreja São Francisco está a cadeia. Ao lado da cadeia há uma espécie de casa paroquial. A maior parte da população é de pretos. Ou escuros, como dizem por lá. É difícil encontrar uma pessoa toda branca, cor de leite. Há o colégio das freiras, com uma porção de moças bonitas. Há também uma porção de freiras. Lá no alto do morro está uma cruz iluminada. A cidade não tem vegetação, é cercada de pedras. Mariana fica no fundo de um buraco, alguns minutos de Ouro Preto. O povo é amigo. No rio há uma ponte de pau, de onde o poeta regularmente se inspirava. A rua mais

movimentada e mais torta era a Rua Direita, a catedral velha ficava por ali. Tudo cheirando igreja de estilo barroco. O Seminário Maior era um contraste com as velharias da cidade. Na entrada do seminário havia um mata-burro, por onde se seguia uma rua sem nome e calçada com paralelepípedos desnivelados. Mais adiante a rua sem nome seguia para a direita e, então, a gente enxergava o prédio bonito do seminário. As palmeiras formavam aleia. Ao lado das palmeiras estava o jardim desleixado mas ainda bonito, só que preferiram deixar o jardim para recreio dos sapos. Havia um caminho, horizontal à porta de entrada, e dois outros caminhos laterais, conjugados com o caminho do centro e formando mais ou menos um círculo. Os dois caminhos laterais se perdiam através do prédio, ao longo do recreio e da horta. No jardim havia dois repuxos e o capim crescia à vontade. Os caminhos laterais eram seguidos de cipreste até certo ponto. Ali por perto havia também um cruzeiro grande. A capela ficava no mesmo local do prédio do seminário.

O interior da casa era bem cuidado, os alunos mais moços tinham 19 anos. O chão tinha tacos escuros, avermelhados, ou era de ladrilho limpo. Existiam vários campos de esporte do outro lado do prédio, muitas salas de aula nos dois andares do prédio. Havia o dormitório comum dos filósofos, esses homens de batina que estudavam filosofia. Os teólogos (os que estudam teologia) dormiam nas camas colocadas em biombos e repartidas de acordo com uma ordem dos padres. Entre os teólogos, os diáconos e subdiáconos dormiam em quartos separados. Os salões de estudo e de aulas eram igualmente separados para filósofos e teólogos. Todos usavam batina e vinham de várias partes do país e de algumas partes do exterior.

O seminário tinha de 100 a 200 alunos, devidamente espremidos.

Eu pertencia à diocese de Pouso Alegre e meus colegas gostavam de formar colônias, viviam separados dos outros. Às vezes, as várias colônias promoviam briguinhas e os padres precisavam aconselhar a tropa. A turma de Pouso Alegre se dizia muito amiga da turma de Campanha. Geralmente as turmas eram amigas, mas o instinto de formar colônias independentes era sempre bem alimentado pelos alunos.

O refeitório era comum, quatro pessoas em cada mesa. Chão de ladrilho. Num canto estava uma cátedra alta de onde se lia qualquer

coisa, enquanto os alunos comiam ou conversavam escondidos. Lá no fundo ficava a mesa dos padres. Em determinados dias um diácono ou subdiácono fazia um sermão na cátedra, preparando-se para o futuro apostolado. Esses sermões de ensaio acabavam cômicos porque eram apenas ensaios. O padre, por exemplo, tinha apelido de Pelacho e o orador apostou que falaria esse nome no seu sermão de ensaio. Os colegas ficaram esperando. Lá na mesa o padre estava ao lado do reitor e já sabia do apelido que os alunos tinham posto nele. O orador prosseguia. Finalizando, o orador disse:

- Pois é, meus filhos, andemos sempre com o pé firme, nunca com o pé laxo!

A refeição era arroz, feijão, carne e outra coisa qualquer. Às vezes, essa outra coisa qualquer se chamava pleonasma. Os alunos diziam isso porque vinha arroz, feijão, carne, e feijão com farinha. Feijão com farinha era pleonasma.

Os próprios alunos serviam os colegas. Eu estava na mesa com outros três, Baldaquino era o apelido de um deles. Baldaquino era barbeiro nas horas vagas, pois os próprios colegas cortavam o cabelo da turma. Um dos colegas me contava longas estórias da terra dele, do vigário, da empregadinha e dos conterrâneos - e comigo não havia acontecido nada. Era um sorriso gordo e alegre, óculos verdes escuros. Imitava o professor de filosofia: punha a mão direita coçando o queixo e beliscando as bochechas, entortava a boca e dizia qualquer coisa naquele tom de sarcasmo todo próprio do professor. Do outro lado, Baldaquino imitava miado de gato tão bem que os próprios ficavam na dúvida.

Para variar um pouco os padres começaram dar nas refeições uma coisa que parecia chuchu mas era mamão. Então os alunos cortaram todos os pés de mamão que havia na horta, aquilo era comida pra porco! O padre reitor não gostou do que fizeram, mas o mal já fora eliminado. Como castigar aqueles inescrupulosos homens de batina?

Todos ficavam parados perto das mesas. Gritavam o nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo e era aquela confusão de cadeiras e batinas.

Às vezes, o padre reitor mandava colocar a radiola no refeitório e a música clássica substituía a leitura. Naquele tempo eu pensava que só pessoas religiosas sabiam apreciar música clássica.

O padre reitor gostava de Beethoven. Eu tomava conta da radiola e gostava de Tchaikovsky, a gente discutia bastante por causa disso. Mas o padre reitor é que tinha razão com o Beethoven dele, sem desmerecer o meu Tchaikovsky.

Os atos agora eram mais livres, ninguém vigiava ninguém. Cada um devia fazer o que devia, ninguém impunha diretamente nada. Deitava-se cedo, levantava-se mais cedo ainda. São Vicente era o santo protetor dos padres lazaristas. Os seminaristas diziam que São Vicente nunca permitiu que o sol o despertasse por uma razão bem simples: o santo dormia com as janelas fechadas! Tudo era piedosamente ridicularizado, as coisas mais santas pareciam desajustadas ali.

A vida era rotina do mesmo jeito. Missa de manhã, café com pão, depois o almoço, outro café, o jantar, e a noite. Aos domingos, missa duas vezes. Estudava-se o dia todo, cada aluno com sua mesinha e com a estante de livros.

Nas horas de aula (quatro aulas por dia) eu me sentia distante, longe de tudo, alheio. Todos tinham que dar a lição marcada e o professor era para mim a figura de um carrasco amável que acariciava antes de matar. Os professores eram instruídos, entendiam da matéria, o que não aconteceu no Seminário Menor. Saboreavam a cabeça dos caras e era chato eu ouvir meu nome no meio daquele silêncio. Decretada a sentença, os outros respiravam aliviados. E eu era sempre condenado porque nunca sabia a lição direito, nunca fui de estudar para prestar contas do que estudei. Minha única preocupação era me ver livre daquele incômodo o mais depressa possível.

O prédio estava enfeitado de luto por causa das batinas e dos carrapatos, as batinas punham sombra em tudo. Mas ainda havia o riso sem graça da turma, um equívoco, o rosto eram reticências. Os padres contavam anedotas, os alunos sonhavam com algum gineceu, e o velho bispo ficava de binóculo examinando o procedimento dos alunos e dos



padres. Quem mandava era o imperialismo religioso. Os padres tinham medo do arcebispo velho, um homem quase oco por dentro de tanta operação que tinha feito. A ciriema do arcebispo dava nostalgia, não sei por que. No fundo era triste, tudo começava ficar triste.

Alguns padres eram sentimentais e se magoavam com a indisciplina dos alunos. A vida individual dos futuros padres era de pouca importância. O que importava era a presença do velho arcebispo, repetido sempre que naquele ano ia morrer, sentia-se mal. Até que, um dia, morreu mesmo. O arcebispo vivia brigando com os padres (é o que os fiéis chamam de zelo) e proibiu a leitura do filósofo católico Jacques Maritain, porque o filósofo tinha ideias avançadas demais. Pediu que cada aluno fizesse uma lista dos próprios livros pra que ninguém lesse o tal filósofo. Havia um padre que era o rival predileto do arcebispo, era um padre inteligente, voluntarioso e que gostava de contar anedotas sujas.

A capela do seminário era o lugar mais bonito do prédio. Muito bem cuidada, com genuflexórios para cada aluno, genuflexórios dispostos dois a dois, de forma que a turma de um lado ficasse voltada para turma do outro lado. Não havia luz no teto côncavo, as luzes eram indiretas. O teto era todo decorado com figuras humanas e representava o céu. Nesse céu pintado existiam anjos de toda espécie, o papa, alguns padres e a cara horrorosa do arcebispo. Cada dia eu encontrava uma figura diferente no teto, de tantas que eram. Os alunos diziam que o pintor havia colocado a filha dele naquele céu. E a perícia dos alunos era descobrir onde estava a filha do pintor. O que queriam era ter mulher à vista, mesmo que fosse uma anja.

As portas de saída eram quatro. Nas horas solenes da missa os alunos cruzavam as mãos com piedade e o harmonista tocava o segundo movimento da sétima sinfonia de Beethoven. Tudo em surdina: a devoção dos alunos e o solo do harmônio. Depois cantavam uma coisa qualquer. A turma cantava muito bem e eu assistia a segunda missa dos domingos só pra ver a cantoria da turma. Gostava também de ouvir a pequena orquestra tocando Jesus, Alegria dos Homens, de Bach. Eu gostava de Palestrina, da missa de Cezar Frank, do Agnus Dei de Bizet, e outras

músicas bonitas. O canto gregoriano também era muito bonito, eu delirava com aquelas notas quadradas. Quando pequeno eu gostava do Despertar da Montanha, de Eduardo Souto, depois delirei com a Pavana de Ravel, depois continuei devorando música.

Eu tinha colegas de todos os tipos, caras alegres, sérios, avacalhados, quietos, salientes. Uma sociedade onde havia de tudo, e tudo mascarado pela religião, porque religião era uma finalidade.

De vez em quando, o padre passava um filme escolhido para os alunos. A tela era móvel e ficava no fundo do estudo. O padre era um sujeito simpático e amável, gostava muito de cinema. Ele fumava, e isso o fazia mais simpático ainda. Os outros padres não fumavam e tinham aquele rigor de etiqueta. Os alunos, sempre vestidos de batina, juntavam-se no estudo e esperavam o cinema. No meio deles e confundidos com eles ficavam os padres. A censura era mínima. Na tela branca projetavam o filme. Apareceu uma cena em que o homem e a mulher estavam deitados na cama de casal, fazendo gestos e tomando atitudes cada vez mais evidentes.

- Eta ferro! disse um dos alunos, protegido pela escuridão.

O padre reitor estava bem perto dele e no outro dia houve um sermão para castigar a insolência do aluno.

Eu comemorava as grandes festas religiosas com cigarro e vinho. Ficava atrás da capela e bebia meu vinho e fumava meu cigarro, junto com o colega. Depois ficava sozinho na noite, ao lado das palmeiras, perto da lua cheia. O encanto de Mariana está naquele silêncio de lua cheia, uma cidade onde não há prédio para atrapalhar a visão do céu (embora eu prefira cidades com prédios por causa do contraste e, afinal, Mariana não tinha encanto nenhum). Era formidável aquela lua, o clarão da lua batia nas palmeiras e as palmeiras ficavam mexendo as palmas por causa do vento. O vento nas palmeiras parecia balbuciar no meu ouvido. Como se as palmeiras estivessem molhadas por causa do reflexo da lua.

As tardes também eram bonitas, quando não havia nem mormaço nem frio nem chuva. O sol ainda iluminava o céu, e o céu ficava meio vermelho meio azul, as duas cores se fundindo, enquanto se ouviam

sons cansados de algum sino tocando. Nessas horas, entre cinco e seis horas da tarde, eu punha o livro de História da Filosofia embaixo do braço e ficava com os olhos parados, tentando compreender aquilo que sentia ou explicar aquilo que estava vendo. Mas nada havia para explicar. Uma tarde que está morrendo é como um naufrágio, é irremediável. Por isso eu ficava melancólico, terno e lírico, a noite ia escurecer tudo. Eu antecipava a tristeza, só a leve presença de Deus não punha revolta naquilo tudo.

Eu estava mesmo era suspenso entre dois mundos, um mundo concreto e fictício ao mesmo tempo, e outro mundo concreto mas ausente, o mundo ausente tinha mais sabor. Não era bem sabor, tinha mais naturalidade nos gestos, embora esses gestos fossem tomados como pecaminosos.

Eu estudava filosofia e começava duvidar da razão última das coisas. Não era dúvida ainda, mas ensaio, uma angústia inicial diante do inexplicado, o ser contingente duvidando do ser necessário. Tudo começava ficar nebuloso: tudo é incognoscível e a perfeição está na contingência.

Eu me revoltava. Não sabia, por exemplo, o que era a palavra chato. Conhecia apenas a expressão: e o tipo do sujeito chato. Os padres me reprovavam, dizendo que aquilo era feio. Mas não explicavam por quê. Por isso eu continuava empregando ostensivamente essa palavra, por despeito, por revolta, por ironia. Eu não tinha nada a perder e os padres não queriam prejudicar uma preciosa vocação!

Fazia muito calor e os carrapatos passeavam no ar, os carrapatos substituíam os chatos. Mas os chatos são anticlericais - pelo menos em teoria.

Mariana fica entre montanhas de pedra, o vento passa por cima e a fumaça se aloja na cidade. O mormaço queima os olhos e impede a visão. Muito frio e muito calor. As chuvas não traziam frio, mas tapeavam um pouco o calor. Em tempos de chuva, em outubro ou novembro, os sapos ocupavam boa parte na vida dos alunos, faziam

parte da rotina, pareciam até pessoas da família. Coaxavam, martelavam, orquestravam a chuva. Os sapos ficavam no jardim e o barulho da chuva fazia coro com eles. Dava uma sonolência na gente, e parecia paz. Paz coisa nenhuma, só existia o ruído dos sapos no ruído da chuva e eu ouvindo aquela orquestração.

Um dos alunos pegou um pequeno vidro de remédio e num impulso tirava a tampa do vidro. O ruído, que o gesto provocava, parecia o coaxar de um sapo. O sapo coaxa lá fora, o aluno imita o sapo de dentro do estudo. E os dois ficavam assim, um brincando de sapo e o sapo imitando a chuva. Eu ria desse negócio todo porque achava bacana, depois também esses divertimentos eram raros.

Uns eram contra a existência dos sapos e provavam a tese por silogismo. As premissas eram secundárias, só a conclusão interessava, e a conclusão era sempre a morte. Espécie de inquisição de sapos, sumariamente condenados porque eram inúteis e não eram católicos. Enforcaram um sapo no repuxo e depois o costume se agravou.

Dia dois de novembro era dia dos mortos, os fiéis se acotovelavam no cemitério, colocavam flores nas sepulturas, choravam, rezavam, mas o desgraçado do morto não ressuscitava de jeito nenhum. Toda a cidade era um cemitério, mas era um dia festivo. Homens e sapos.

Os alunos estavam divididos entre filósofos e teólogos e uns não podiam conversar com os outros, mas conversavam assim mesmo, um filósofo não pode entender o que um teólogo está ruminando. As proibições eram muitas e teóricas. O aluno tirou a batina e pendurou aquela coisa preta num galho de árvore, e foi assistir cinema em Ouro Preto.

No Itacolomi havia um lugar que os alunos chamavam de azulão. Era no alto do morro, água gelada, pedras e cachoeira, um lago pequeno e transparente, aquele baiano fazendo comida apimentada, bebidas esporádicas, acontecimentos pitorescos. As amizades íntimas e os cigarros corriam de corpo em corpo, era agradável cometer

alguns pecadinhos e arrepende-se depois. No fim do dia dava-se o balanço: as consciências pesavam.

Os dois colegas, o baiano e eu entramos na enfermaria e fizemos uma refeição e tanto na noite daquela quinta feira.

No lugar onde guardavam canastras e malas os alunos também tinham fogareiro e comestíveis. Pois a horta estava cheia de caqui e os padres davam caqui de sobremesa!

Formigão era o apelido de um padre, ele explicava as lições e eu não entendia nem o que ele falava, o padre mastigava as palavras em vez de falar.

A semana santa era a época mais cobiçada. Vários dias feriadados, missas por atacado, cantoria de toda espécie. Um mês antes da semana, os alunos ensaiavam músicas e cerimônias litúrgicas. A sé era muito frequentada pelo povo, e as comemorações tinham estilo próprio, coisa parecida com espetáculo. Todos tomavam parte nas festividades religiosas, o povo, os seminaristas, os colégios, as escolas. O deputado costumava irradiar as principais cerimônias. Tudo exótico. Nas procissões os alunos dos dois seminários formavam uma fila enorme, uma turma de cada lado. As moças do colégio ficavam paradas no passeio do jardim, brincando com os alunos, rindo pra eles, procurando encontrar nos futuros padres um possível pai. Moças lindas e feias, mas eu sempre fui tímido e não tinha coragem de olhar para elas diretamente. Afinal, eu ia ser padre. Os alunos ficavam sérios, disfarçando sorrisos e evitando um gesto menos digno. Eu tinha tanta vontade de olhar aqueles rostos, sorrir pra eles, ter liberdade de movimentos, agir sem afetação nem constrangimento. Mas as moças olhavam e riam com insistência, o coração dos alunos pulava feito cabrito. Era o amor de Deus, a fé na perfeição divina! Mas a decoração salvava tudo, as aparências eram perfeitas.

E lá ia a procissão com vela acesa, porque todas as procissões tinham vela acesa. Uns amoleciam a vela com o calor da mão, faziam a vela tomar a forma de bengala, e colocavam a bengala no braço. Na mão direita ele levava a bengala, com a esquerda brincava de rezar o terço. Outros trançavam a vela no braço, em espiral, e

faziam o pavio da vela coincidir com o dedo indicador, a gente não ficava sabendo de onde vinha o fogo.

As imagens dos santos eram ridículas e causavam riso. Maria Madalena parecia estar brincando de cow-boy, empunhando o dedo como se fosse revólver. Os alunos riam das imagens dos santos. Aqueles andores pesados, grandes e grosseiros, levavam caricaturas de santos, vestidos com roupas de verdade. Cristo, carregando a cruz e com uma túnica roxa, tinha cabelos de barbante. São José se equilibrava nos dois pés, quando o andor era sacudido pelo cansaço dos fiéis. Atrás da procissão ficava a banda, músicos uniformizados e músicas simples. Eu gostava de ouvir as músicas, não me importava com mais nada.

As músicas dentro da sé eram bem tocadas, lá dentro meus olhos ficavam barrocos, esse estilo de igreja que parece amassar a gente na terra, sério mesmo. Caricaturas de anjos bochechudos e pelados povoavam a parede e as colunas da sé. Certos anjos sustentavam colunas com uma força incrível! Igreja cheia de nus artísticos. Não era ainda nu propriamente, era um strip-tease no meio do caminho. Nem mesmo dentro da casa de Deus eu podia ter liberdade com os olhos, em cada parede eu via um mau pensamento, eu via sexo em tudo.

Os andores da procissão entravam na sé com as costas viradas para a porta da igreja. O povo delirava, os alunos gozavam a presença do povo, e os sinos velhos se esforçavam por aparentar juventude. Mas tudo era velho, até o sorriso das crianças era velho. Mariana é assim mesmo, a Rua Direita é torta, as crianças parecem velhas.

A semana era assim um espetáculo diferente, bastante movimentada. Os alunos se vestiam com alva, o cingulo apertava a barriga, vestiam também o amito. Cada aluno, que ficava vestido assim, representava um apóstolo. E cada um levava um instrumento da paixão de Cristo. Diziam que o aluno, que carregasse o galo, sairia do seminário. Depois representavam a crucifixão e um dos alunos era simbolicamente crucificado no lugar de Cristo. Lá estava o Cristo, vestido de paramentos litúrgicos, de óculos sem aro e com relógio de pulso!

Havia também uma procissão ao meio dia, que era a mais demorada. Os fiéis iam até a estação de trem e voltavam para a sé. Nessa procissão me socaram numa casula bordada a ouro. Me deram ainda, pra carregar, um castiçal de prata com uma vela grossa, o castiçal e a vela eram maiores do que eu. Fiquei na frente da procissão, arfando sob o peso da casula, do castiçal e do sol. Eu acreditava na fábula e fiz tudo por amor de Deus. Eu não conhecia outra coisa, e todas as uvas estavam verdes!

As moças nadavam na piscina do colégio das freiras e os futuros padres. arranjavam algum pretexto para ver a água azul da piscina! Olhos clericais, olhos artísticos, não viam carne, viam criaturas de Deus! Uma das moças visitava um aluno simpático do seminário, ela dizia que o aluno era primo dela, os primos ficavam horas e horas conversando. Logo depois o primo saiu do seminário, à procura da moça. Mas aí a moça falou:

- Eu gostava de você quando você estava de batina!

A moça era bonita ou a cidade era feia. Reconheci a tentação do Diabo e pedi a Deus que me protegesse da carne.

Quando um aluno ia ser ordenado, diziam que o Espírito Santo estava fazendo aterrissagem forçada!

Outubro era o mês das missões. Todos se movimentavam, inventando qualquer coisa de útil para os missionários, esses que enfiavam a palavra de Deus nos índios e nos incrédulos. Rezavam também. Os alunos expunham quadros, livros, coisas que fizessem lembrar os missionários e as missões. A exposição era feita no salão apostólico, assim chamado porque na parede estavam desenhadas as figuras dos apóstolos. Durante o dia o povo da cidade, as escolas, as crianças, todos vinham apreciar a exposição, e os alunos explicavam cada quadro ou objeto exposto. As moças do colégio também vinham. A turma disputava o divino prazer de explicar pra elas o conteúdo de cada coisinha. As reticências deliravam, os alunos não

tinham muita prática! Eu só ficava olhando de longe, arquitetando sonhos nada recomendáveis.

Colocaram num canto um pedaço de papel higiênico e escreveram por baixo: pergaminho de Adão!

Os cachorros do seminário vigiavam o prédio e só respeitavam os homens de batina. O menino que entrou no seminário foi mordido pelo cachorro no lugar certo. O gato solitário era amigo do cachorro.

Era o padre reitor que chamava os alunos de homens de batina e não de seminaristas. E repetia sempre:

- Os senhores me conhecem muito bem...

Ele sempre dizia que juventude é um estado de espírito. Seguindo sempre a mesma regra, ele alimentava o pessimismo na turma e, principalmente, em mim. Frequentemente ouvia-se falar sobre padres apóstatas, o drama do padre apóstata, aquele miserere mei Deus descarregado contra a comida, o medo de se tornar mau padre, os pecados, as negligências, o mau comportamento. O céu não existia, só existia a ameaça do inferno. O doce Cristo ou era um Cristo justiceiro ou era açucarado demais. Fazia-se um paralelo entre a vida presente como seminarista e a vida futura como padre, a conclusão era negativa. Tudo recalque, a opressão das coisas mais simples e dos sentimentos mais naturais, a completa desvalorização do temporal. O homem vive no tempo, mas eles distinguiam unicamente a eternidade, abstraindo a necessária contingência da matéria.

Nos dias de retiro espiritual o cansaço e a monotonia eram completos. Os alunos batiam queixo (rezavam) durante o dia todo. Somente a eternidade prevalecia.

Eu impunha respeito aos fiéis por causa da batina. As crianças me beijavam a mão:

- Me dá um santinho!

E eu colocava as mãos postas, de brincadeira.

Os colegas, que não usavam batina, invejavam a situação e sonhavam com o dia deles, coitados!

A consciência de cada aluno era cantada em prosa e verso. Não agir de acordo com a consciência era um crime ou, antes, uma



humilhação. Consciência era também um nome puro para significar nádegas. Como aquele padre que, em vez de dizer Chicago, dizia Chícago (acentuando a primeira sílaba), e isso por excesso de pureza! Os padres então pediam que os alunos pusessem a mão na consciência, e os alunos pensavam em outra coisa!

O vocabulário era de mau gosto, eles tinham o universo reduzido limitado, ideias limitadas. Quando vinham das férias, traziam boa bagagem de piadas e pensamentos arejados.

Pensei comigo que negar a Deus não é eliminá-lo, apontar o vácuo não é afirmá-lo, assinalar a utopia não é garanti-la. Tudo são gestos vazios, irrefutáveis e vazios. Frasinha bonita, não há dúvida, mas na hora certa.

Eu estava mais triste.

Naquele tempo de seminário conheci vários alunos estrangeiros e baianos. Dois da Guiana Holandesa, dois de Portugal, um alemão, um polonês e, naturalmente, vários baianos.

O cara da Guiana Holandesa precisava traduzir o latim para o holandês e o holandês para o português, só assim podia ser entendido pelos professores. Ainda não entendia direito o sentido das palavras portuguesas. O padre reitor estava adoentado e, solícito que era, perguntou ao colega:

O padre reitor endureceu?

- Quê?!

- O padre reitor endureceu? frisou ele com a língua desajeitada.

- Endureceu não. Adoeceu. A, do, e, ceu.

O português caçoava com o hino nacional, dizendo que o Brasil deitara eternamente em berço esplêndido e não acordava nunca. Depois contava estórias sobre Portugal.

O baiano tinha cor de coco, voz fanhosa. Resolveu, várias vezes, apostrofar as musas. Poesia era doença muito disseminada entre os alunos. Ele compôs então uma série de poesias do tipo de Bocage e disse que eram Inspirações do Claustro. O título se justifica, pois ele viera do mosteiro de São Bento, no Rio. Segundo ele, no mosteiro

saía vinho da torneira em vez de água. Garantia que o título de suas poesias nada tinha a ver com as inspirações de Junqueira Freire. Uma das poesias trazia estes versos sublimes:

- Segunda fêra fui cagá na rua/seu delegado me mandou prendê/seu delegado, bota a mão e chêra:/isso é cagada de segunda fêra?

Para cada verso desses havia música apropriada, mais sublime ainda. Eu gostava mesmo era da poesia de um colega do Rio:

- Vagalume/luz que vaga/pelo escuro/sempe ao léu/o seu lume/só se apaga/se o procuro/pelo céu.

O colega do Rio conhecia poetas de que outros nem desconfiavam.

Um cara gostava de flores e discos, cometia poesias, mordida e fazia cenas. Não sei se eram normais, deviam ser.

Afirmavam ainda que há três sexos: homem, mulher e padre. Os futuros padres ridicularizavam o futuro sacerdócio, como quem não crê naquilo que pratica.

Eu odiava as mulheres porque elas representavam o pecado mais sujo, a maior ofensa que se podia fazer contra Deus. Os padres, fomentando o pessimismo, fizeram do sexo uma nódoa profunda no corpo humano, uma droga perniciososa, contrária à virtude.

Eu era um rapaz como todos os outros. Estava tão vivo que não podia suspeitar a morte. A morte era um acontecimento desejado, porque era o encontro com Deus. Mas ninguém pensava profundamente nisso, a fantasia atrapalhava tudo. Apenas o medo religioso conseguia me aproximar dessas coisas. Morte verdadeira era o pecado, e pecado era fantasia. De qualquer modo, os alunos se divertiam com as verdades eternas.

Os alunos costumavam também chamar os colegas com nomes de mulher. Cada um tinha um nome feminino, nome de guerra, todos sentiam a necessidade de se pensar em mulher, de uma forma ou de outra. Os comportamentos eram duvidosos, os homens se castravam por causa da moral.

Os padres pediam muita cautela com as mulheres (principalmente com as priminhas), como se as mulheres fossem bicho. Colocava-se a

mulher na lama, mas a mãe de cada um estava salva, o corpo da mãe era um mito porque não incutia desejos, o desejo era pecaminoso.

Eu estudava minha filosofia tomista e aprendi duvidar das coisas, sempre fui um sujeito inquieto. A autocrítica fez com que eu duvidasse também da minha dúvida, eu estava ficando desamparado.

Havia um bispo que costumava contar piadas sujas e que exibia sua grande inteligência. Para ele o futuro padre precisava distinguir-se principalmente nos estudos. Tanto falava na inteligência que pouco mencionava a virtude. Certa vez esse bispo ministrava o crisma na catedral, quando uma loira aparece na fila, moça mas feia. O jovem bispo virou-se para o seminarista e disse:

- Tota pulchra!

E riu. Há um canto de igreja em que os fiéis dizem a Nossa Senhora: tota pulchra es, Maria! O bispo talvez estivesse comparando a beleza da loira com a beleza de Nossa Senhora!

Eu ainda sentia a presença de Deus, mas essa presença nada podia fazer contra minha vontade. Não queria mais saber de seminário, aquilo saturava qualquer cristão bem intencionado.

Então saí do seminário. Só havia aquela revolta contra tudo, me ensinaram ser cínico. Havia ainda a crença inconsciente e temerosa na onipotência divina. O grande patriarcado, a tropa acatando gestos e curvando a cabeça.

Escrevi uma carta pra minha mãe explicando por que saía do seminário. Tomei o ônibus das seis horas perto da estação e vim para Belo Horizonte. Depois fui para Ouro Fino. Ninguém falou nada, me abraçaram: o terno desajustado no corpo, a surpresa de tudo, a resignação de minha mãe catolicíssima. Mais um macho tímido para aquela cidade de mulheres fogosas.

E a vida aparentou ter um significado, mundo novo e criaturas novas, sentimentos novos, palavras reticentes, suportar a opinião dos imbecis. Modo negativo de pensar, revoltar-se, negar.

Então vim definitivamente pra Belo Horizonte, de tempos em tempos mudava de pensão, morei dois anos na casa de minha irmã

casada e voltei outra vez pra pensão. Deus agora não existia, era um pensamento que não me incomodava mais. A moça ficou perto de mim e eu não sabia o que fazer perto dela, não tinha costume de ficar assim tão perto de mulher.

Aos poucos, com muita raiva e muita decepção, consegui viver no meio dos outros. Libertei-me de certas ideias bestas que já não me atormentavam. Vomitei contra tudo, estava livre para xingar tudo, eu era eu sozinho, eu é que seria senhor das minhas besteiras. A cabeça sufocada de dúvidas. Eu, que gosto esquisito na boca! Ri feito um doido: aquilo era o mundo! Eu era centro do universo, mas os outros eram também centro de uma porcaria qualquer. Não existe nada, eu existo dentro de mim mesmo, essa minha afirmação refuta tudo o mais, o erro sou eu, bem e mal são coisas que aponto, mas não quero impedir a liberdade de ninguém. O seu mal é meu bem, sua liberdade é minha escravidão.

Pensando na minha vida de seminário, eu sentia depois uma repugnância desgraçada, e nos sonhos tinha pesadelos.

Agora é um dia atrás do outro, só isso. Tentei começar, não havia tabus nem obrigações morais, eu existo, que descoberta! Vida, alguns momentos de euforia e constrangimento. Fiquei pensando o que seria tudo isso, o que significava tudo isso, que repercussão podia eu adivinhar em tudo. Esses sentimentos de ternura ou de loucura, essa vida que coloriram tanto.

Seria melhor a gente nunca ter nascido.

Mas vivemos.

4º

Ele não gostava de ninguém. Quando pensava em amor pensava desse jeito: je n'aime personne, dizendo isso não por esnobismo mas porque a frase já era viciada nele e ele nunca tinha dito a ninguém, havia apenas pensado nela. Durante oito anos lubrificara a engrenagem que a mãe oferecera, a mãe fez o que era melhor mas ele fazia a lubrificação com raiva, como se aquilo fosse levá-lo ao suicídio.

Durante esses oito anos (entre 20 e 28 anos de idade) cometia os mesmos gestos e não se envergonhava deles porque havia muitos companheiros na mesma situação. Mas os próprios companheiros eram sintoma de uma doença qualquer, ele nunca morou em roça, nunca apascentou carneiros, apenas de vez em quando visitava cidades de interior, mas visitava com a preocupação de quem não quer esquecer a cidade adotiva que era a cidade de origem. Visitava os amigos de infância que eram grandes e que tinham filhos, os filhos engatinhavam na terra e não levantavam a cabeça, os pais achavam bonita a brincadeira das crianças e imitavam os meninos. Um deles nasceu morto e o amigo ficou triste por alguns dias, depois esqueceu.

Nestes longos oito anos ele se anulava para contentar a mãe, tanto que os amigos batiam a picareta no corpo para polir as arestas e fazê-lo semelhante aos outros, caso contrário ririam dele. Frequentemente a espuma subia no copo e molhava a mesa do bar, ele não entendia por que mas continuava agindo do mesmo modo. Sempre teve mania de piscar o olho esquerdo com mais força. É verdade que sofria da vista e precisava de muito esforço para enxergar as imagens que se postavam na frente. Esfregava a mão no rosto para tirar o suor ou para aliviar a cabeça ou mesmo, para desviar o pensamento. Ia falando alguma coisa e rabiscando a testa do companheiro no bar, com o tempo a dor de cabeça fugia do companheiro. Lá pelas três horas da madrugada os dois pagavam a conta e iam embora pra pensão, naquele tempo ainda havia bondes na província.

- Se você fosse tão velho quanto eu, garanto que nos entenderíamos melhor. Aquela mocinha é muito bonita, concordo, mas ela tem menos de 20 anos.

- Em geral a idade não conta.

- Assim, superficialmente, não. Quando eu tinha 20 anos ainda havia bondes na cidade, não sei se você lembra. Essa menina já nasceu com avião a jato e computadores, ela tem uns 18 anos e sente-se velha. Tenho razão de sentir-me velho porque tenho costume de olhar pra longe.

- Isso é desculpa.

- Não, não é isso... Velho não quer dizer desiludido, quer dizer um sujeito que toma um copo d'água sem pestanejar e sem desejar outro copo d'água naquela hora.

Quando terminava de engraxar a máquina e se despedia dos chefes com aceno de cabeça, ele tirava o cartão de presença e batia o cartão no relógio. Às seis horas da tarde todos saiam pelo portão de ferro, conversavam aliviados no portão e se dispersavam. De tal modo estava metido na engrenagem que saía quase correndo do serviço e ia direto pra casa, como se tivesse uma coisa muito urgente pra fazer. Corria pra casa, sentava-se na cama e ficava à toa, esperando o jantar. Não tinha nem mesmo o expediente de procurar um amigo que não tivesse as mãos sujas de graxa, e beber com ele duas ou três latas de formicida e pedir um e outro tira-gosto, enquanto se conversava sobre qualquer coisa sem importância ou, pior ainda, sobre assuntos próprios do serviço. Os casados falavam na mulher e nos filhos, e se reconheciam covardes. Mas não era bem isso, pois o casado pensa em si nos filhos e na mulher, e o solteiro não pensa, procura sempre alguma coisa para preencher o vazio. Se perguntassem como se fez tal pessoa, ele não saberia dizer, a convivência estragava o rosto ou então ele é que deturpava tudo. O vidrinho de ácido que carregava no bolso era para espantar os mendigos, às vezes bebia um traguinho de ácido e o hálito enrugava o rosto dos companheiros. Os companheiros ou não percebiam ou não tinham capacidade pra retrucar. Porque de tanto mexer com as máquinas e de tanto ouvir o alarido das máquinas, os companheiros ficavam inutilizados pra tudo o mais, insensíveis, só sabiam fazer coisas de cidadãos pacatos. Um dia mostrou um livro para o companheiro e o companheiro deu a maior das risadas, o companheiro passava os dedos grossos nas folhas e dizia: letras, letras, letras. Como se livro fosse espantalho. De certa forma tinham razão, não entendiam o que aquilo queria dizer, porque afinal aquilo não funcionava com os dedos nem reagia. Máquina sim, máquina era dar um toque ou um murro e ela caminhava, mas livro não.

Durante oito anos ele saía pelo portão de ferro e corria pra casa como se tivesse uma coisa muito urgente pra fazer. Não se podia negar, o portão era limpo, os serventes viviam limpando o portão, e

o portão até brilhava. O portão aberto dava sensação de liberdade. Mas, com o tempo e com o hábito, até mesmo essa sensação de liberdade ele perdeu. E, talvez mais do que isso, perdeu a iniciativa de olhar a tarde por trás dos prédios e ver os prédios pegando fogo por causa do sol. Além de ter perdido a iniciativa, perdeu a oportunidade, porque às seis horas da tarde a cidade ficava escura. Em certas épocas do ano ainda conseguia pegar a tarde desprevenida, mas o problema era desviar-se dos carros e, ao mesmo tempo, olhar o céu. Precisava desviar-se não só dos carros que eram muitos mas, principalmente, dos homens que caminhavam tontos no passeio, e ele vivia esbarrando nos outros, tropeçando nas crianças, aborrecendo as mulheres bem vestidas e bem penteadas.

- Tá querendo morrer, meu filho?

- Não não. Estou só olhando.

- Olhando o quê?

- Olhando.

O homem fez um gesto brusco com a mão, mordeu a língua e o pneu chiou no asfalto. O guarda veio e cobrou a multa.

- Toma. Paga lá no departamento. Some!

Ele riu um risinho sem graça, riso assim de displicência e, mais do que isso, de coisa menor que melancolia mas com o mesmo gosto de melancolia.

- Que coisa! Multado por causa de olhar a tarde.

Não é isso não. Você não foi multado por causa de olhar a tarde, entenda. É que você não vive sozinho e se você não prestar atenção nos outros eles te passam por cima.

Fixamente e com os olhos arregalados olhou para o macaco que estava na jaula e depois arregalou os olhos para o amigo, mas o amigo não entendeu. Ele tinha aprendido essa piada num livro, gostava muito de livro, livro também embriagava. Olhava as pessoas como se estivessem envolvidas numa nebulosa que não tapasse inteiramente a imagem, e ele também sentia-se envolvido por qualquer coisa parecida com nebulosa. Relação semelhante a sonho, porque nos sonhos ele raciocinava melhor ou supunha raciocinar melhor, pelo menos era bom raciocinar em sonho, resolver problemas, refutar argumentos etc. Se entrasse na livraria para comprar um copo d'água ou uma laranja mas

sem ter dinheiro, ficava cobiçando a água ou a laranja e torcendo pra que não saíssem ali da prateleira. Quando arranjava dinheiro, já não sentia gosto nenhum em comprar, e sofria com isso.

Oito anos demoravam bastante. Mas, agora, vendo esses oito anos, pensava em brinquedo de criança, uma criança que brincasse de jogar fogo nos outros e risse do espanto provocado. Ele não podia reclamar da mãe, porque mãe era uma coisa que fazia tudo do melhor modo mesmo que esse modo fosse o pior, porque a mãe não pode fazer o que o filho pensa e o filho não pode fazer a mãe pensar diferente, então dá-se um atrito. Cada um vai para um lado e, mesmo assim, se entendem. Ele via a mãe desse jeito, e não podia culpar a mãe, a mãe também foi um acidente, abria a mala e mostrava para o filho espantado: olha, foi isso que me deram e foi a melhor coisa da minha vida. Ele olhava para a mãe com piedade e tristeza, porque havia tão pouca coisa e a mãe achava muito. Discutia com a mãe, às vezes ficava bravo, com raiva, depois se escondia no quarto e os parentes até chamavam o quarto dele de toca. Todos faziam o que todos deviam fazer, não reclamavam nem entendiam direito o que se passava. Ele saia feito doido, esperava a noite chegar, e os olhos se acalmavam com a noite. Havia ruas escuras e bairros com gatos e cachorros, ele podia passar por ali, andar na sombra, andar muito até ficar cansado. Então chegava em casa e jogava o corpo na cama. Gostaria que não houvesse fim, mas que a noite também não passasse, de forma que todos os problemas se resolvessem, precisamente porque não havia tempo para passar. Que o tempo de dormir fosse tempo de eternidade. O descanso dele era aversão aos dias passados. Até o modo de dormir era de quem quisesse apagar o tempo no travesseiro: encolhido como se estivesse com frio, os braços apertando o travesseiro contra a cabeça e, de vez em quando, a respiração que vinha de repente lá de dentro e era cuspidada pelo nariz, como um jato de sangue. Estava em paz com a mãe e com os irmãos e com os amigos e, até mesmo, com a cidade. Paz significava a distância necessária entre as pessoas. Como não tinha nada contra a mãe e apenas discordava dela em pensamentos, pegou aqueles oito anos de serviço e



jogou pro primeiro cachorro, de qualquer modo era um ato de caridade que selava a libertação.

Foi então que se viu livre, ou por outra, sentiu a sensação de liberdade e de alívio. Agora podia olhar a tarde e não ser multado, as moças estavam muito mais bonitas e a própria falta de dinheiro aguçava a revolta dentro dele. Uma revolta lírica, sem dúvida, porque ele tinha receio de ofender a mãe. Era estudante, todos eram estudantes, todos revoltados como ele, embora a revolta dele partisse do ateísmo. Havia sempre a repetição, mas agora ele não sente desse modo, pelo contrário, vê ruas de verdade, asfalto de verdade, homens mulheres e crianças de verdade. Reconhece que tudo melhorou mas que surgiu uma novidade englobando todas as demais: a nebulosa. A nebulosa era uma coisa estranha, pelo menos ele sentia desse jeito. Reconheceu a nebulosa quando notou que só ele era ateu e que todos tinham sentimentos religiosos e que, se os religiosos não o tratavam mal, no entanto tratavam com piedade, condescendência. Não ficava nada cômodo ser uma pessoa única no meio de tudo o mais, e por isso ele não reclamava das pessoas que riam, elas forçosamente teriam que rir, era o argumento mais forte neles. A nebulosa era a mesma relação entre ele e a mãe ou, melhor ainda, entre o foguete espacial e o astronauta que adquire uma mobilidade não só aparente como transitória. É quando um homem sobe a escada até perder o fôlego e depois, com o restinho de voz, se dirige a um público que não está na praça. A teimosia dele era teimosia de nebulosa, porque olhava de todos os lados, furiosamente, como se fosse possível encontrar seres humanos na rua ou parados na esquina. Ele ainda ignorava, por comodismo ou por medo, que a irradiação atômica não revela apenas um fato científico mas também um gesto corriqueiro como mandar roupa pra lavanderia. Ele chamava de medo aquela falta de percepção. Só mesmo quando espetava o dedo nas feridas que a bomba fizera, só então os outros desconfiavam. Mas desconfiavam de alguém e não, dele. Ele não era do tipo vulnerável, porque o corpo nasceu uma chaga só, havia nem lugar para os outros espetarem o dedo, como ele espetara o dedo nos outros. Ele não se sentia mais chagado que os outros, mas é que ele era ele só, por isso sentia mais dores.

Apesar disso, achava os companheiros bonitos, principalmente as mulheres, as mulheres eram lindas por causa da fome e da subnutrição, a cidade sendo o lugar onde havia as mulheres mais bonitas. A nebulosa era um sentimento macabro, pois não se compreende como, numa situação dessas, ainda se possa achar beleza nas coisas. Mesmo assim, os homens deformados rezavam ou pediam misericórdia, e tudo era normal, nada espantava ninguém. Essa falta de espanto inquieta qualquer um. Falavam em sinal dos tempos e ele olhava a estratosfera pelo binóculo que ganhou de presente. Houve uma ruptura, uma cisão brusca entre aqueles oito anos e a vida de agora. Via as coisas desse jeito, mas os companheiros trabalhavam como se não houvesse acontecido absolutamente nada. Nem ele podia garantir alguma coisa porque, afinal, a nebulosa dava coceira nos olhos e enganava a paisagem. Só mesmo às seis horas é que se reconhecia olhando tarde e prédios, o cheiro da multidão colando no corpo como suor, mas ele não podia garantir ninguém. Os outros achavam apenas engraçado, mas não era assim, em absoluto. Uma pessoa que estende o braço para cumprimentar outra pessoa e só então se lembra de que é aleijado: não sei que graça possa haver numa coisa dessa. Pois eles riam e não era possível condenar ninguém por causa disso, o riso era espécie de recurso. Na mudança das estações sempre se resfriava, por causa da mudança. Oito anos eram um longo tempo, tão longo que nem se percebia, então dava-se o choque e o sujeito podia morrer até mesmo numa cadeira elétrica. Carregava o mapa-múndi no bolso da calça, levava o mundo em qualquer lugar que fosse. Nas horas de refeição falava do mapa, o tempo todo falando do mapa. Um dos maiores motivos por que gostava de sair de noite era que dava um grito e o eco respondia.

- É indiferente que você faça uma criança dormir. Por mais que você embale esse punhado de pano, jamais você conseguirá fazer dele um filho seu.

- Mas não estou pensando em filho.

- Não em filho propriamente, mas em pai, o que dá no mesmo.

Apontava um lado e as pessoas olhavam do lado oposto. Chegava em casa e contava pra mãe que entenderam completamente errado, mas a mãe defendeu os companheiros e ele se fechou no quarto. O melhor não

era ler os livros, era olhar pra eles, saber que seriam lidos, saber que bastava levantar o braço e apanhar o livro que quisesse, e ler as páginas em branco. A coisa mais clara existia no quarto dele, o mundo lá fora gemendo barulho desconexo dentro do quarto. Ele não podia confundir-se no quarto, não podia confundir-se com coisa alguma, mas percebia o quarto se entregando. Como quem diz: eu vivo minha vida e você vive a sua. No entanto havia compreensão até mesmo nos tacos encerados e na radiola estragada, e também na poeira envelhecendo os livros. Os amigos entravam no quarto, sentavam na cadeira de balanço que estava furada e, como cientistas, procuravam conciliar o assunto, tentando ligar um fio no outro, o que demorava anos e anos e nunca podia satisfazer nenhuma das partes. Nem mesmo se sabia qual dos dois era o réu, não havia julgamento. O mundo era um fato cometido, ele e os amigos ilustravam o pecado original dentro do quarto, dava pena. O esforço não resolvia a questão, aumentava a distância. Ele já vira em filmes que o homem faz força pra sair do pântano e que a própria força empregada faz o homem afundar cada vez mais. O esforço e a inutilidade, a vida e o modo de cada um morrer. O quarto estava cheio dessas coisas e esperava-se que os morcegos empestassem tudo. Mas não. Um quarto comum: cama, mesinha de escrever, estantes e livros, guarda-roupa, radiola, cadeira. Na porta do guarda-roupa o retrato de dois meninos se beijando, e na parede o padre barbudo olhando com ternura pra moça nua. A própria persiana, que isolava o quarto do mundo, dava ideia de frio. Muito raramente apareciam pernilongas. Havia uma aranha preguiçosa, sem veneno, que servia para pôr medo nos sobrinhos. Só mesmo a familiaridade é que fazia ver os bichinhos minúsculos, desses que grudam no corpo enquanto se dorme e que depois se acostumam com o sangue. Ele olhava o quarto cheio de luz e na parede nascia uma ameiba, depois um monstro, depois um homem e finalmente, um cogumelo cor de rosa. Em cima da estante havia a escultura de um homem nu, pensando.

- Você quer que um sapo não peça esmola na esquina, porque a baba do sapo causa nojo. Isso é mal, muito mal. O que interessa não é a paisagem que fica distorcida, pois sapo é uma coisa que não

convém. Quando eu estudava em seminário, faziam até inquisição de sapos, esgoelavam os sapos, chutavam os sapos. Você já viu matar gato? É mais ou menos desse jeito, com a diferença de que o gato resiste mais, é muito mais escorregadio. Corriam atrás do gato, cercavam o gato, e jogavam tijolos em cima do coitado. O gato miava de dor e corria feito doido, e a turma castigando o gato como fariseu que apedrejasse adúltera. Exausto de tanto correr e sem esperança alguma, o gato perdia o fôlego e recebia a tijolada de misericórdia, o sangue saindo da boca e o corpo todo amassado. Depois o padre dava um prêmio qualquer. O crime do gato no cio foi ter importunado a turma na hora de dormir. Não estou defendendo gatos, mas não deixa de ser sádico aquele barulho todo por causa da criatura que não tem raciocínio para se defender ou para atacar. E o seminário cheirava incenso, farinha de trigo e vinho.

Passados aqueles anos, ele olhava para o quarto como um condenado que recebe comutação da pena. O barulho que vinha da rua era um barulho distante e amargo, dia de festa em que as pessoas se afastavam da cidade para descansar do trabalho. A buzina dos carros vinha atenuada por causa da distância, as vozes se propagavam como chuvinha miúda que enerva. Ainda por cima estava no mês de agosto e, na falta de calor, veio um frio repentino e mais forte. Os meninos que vendiam jornal apalpavam a barriga dele, aquela voz aguda que fazia nascer uma coisa bem lá dentro. Parecia igreja na parte da tarde, aquele silêncio, aquele frio que vinha mais do silêncio que da temperatura, e toda essa coisa misturada, um corredor de seminário, as colunas do corredor, o pátio vazio com algumas árvores, e um grito que vinha perturbar a calma transparente. O cinema pegava a câmara e fixava a tomada em grande plano, mas o livro continha mais de 100 páginas bem distribuídas. O céu nublado e seco, reflexo de sol em algumas nuvens mais salientes, e os prédios como que estáticos, como se a finalidade do prédio fosse andar, embora o prédio estivesse parado como coisa muito antiga e escura. Apesar dos barulhos e apesar dos homens que se cruzavam no passeio, estava tudo padecendo paralisia mas vivendo como se não houvesse sofrimento coletivo. Aquela hora da tarde era uma hora única, no entanto ele perdia todas

as outras horas em outras partes do mundo, era como se estivesse sendo ludibriado mas reconhecendo que era improvável possuir todas as tardes do mundo, nem seria desejável que tal acontecesse. Em certos lugares havia homens com bombas e satélites, e cobaias quase inocentes serviam de pretexto para a matança, olhinhos oblíquos escondendo o corpo no mato ou furando túneis muito bem cavados. A felicidade dos macacos era pretexto, o livro explicava os pormenores e ele acreditava no livro. Tanto acreditou no livro e nas palavras do livro que olhava as pessoas como prédio fixo mas instável. Não havia a imagem e a reação que a imagem provocava nele, havia primeiramente os olhos dele conformando a imagem dos outros e do mundo, como se pelo fato de ter olhos imensos ele aumentasse gradativamente as coisas a tal ponto que não se percebia mais o tamanho da escuridão, a não ser que se riscasse um fósforo. O olho não concordava com o corpo, porque o olho era mais brilhante, daí dizerem dos olhos como janela da alma. É que os olhos sempre brilhavam mais, o corpo eram os olhos. E os olhos, nele, eram mais brilhantes que os olhos dos outros. Não havia qualquer pretensão nessa ideia um tanto poética, da mesma forma como não há pretensão alguma em se dizer que os olhos do marinheiro são quase fechados por causa do horizonte que carregam. O pensamento, que é coisa abstrata, feria os olhos, desenhava os olhos. Não se queria imediatamente tal ou tal coisa, mas ele agia em direção de tal ou tal coisa, por isso os olhos brilhavam. Várias vezes já queimara a mão quando esfregava o rosto para esconder o choro, um choro que o rosto não queria reprimir de modo algum.

Agora já sabia que os oito anos haviam passado e podia repetir com menos amargura: nunca mais terei 30 anos. Era um alívio sentir o tempo passado mas, ao mesmo tempo, doía a instabilidade com que se equilibrava no trapézio. Porque, em toda a vida, nunca trabalhou em circo e poucas vezes foi a circo, e não sabia como os artistas faziam para cometer malabarismos daquela espécie. Não que invejasse homens de circo, apenas queria ter aquela serenidade, mesmo aparente. Não tencionava conter-se, desejava somente encontrar-se, como quem se alimenta por ser esse o único modo de continuar vivo. A

instabilidade do trapezista dava arrepios, mas o trapezista nem ligava pra isso, não lhe ocorria fazer de outra forma. Só que o trapezista não fazia malabarismo para arrancar aplausos do público, o público é que sempre se inquieta diante de gestos estranhos, quer dizer, qualquer gesto fora da linha normal afeta o público. E, mais ainda, o público sente-se ofendido porque o trapezista obriga olhar a vida sob outro ângulo e seria bem incômodo que todos tivessem de adotar o ângulo do trapezista. Por isso o público, ao mesmo tempo que aplaude, se arrepia todo. O equilíbrio ficava principalmente nos olhos, na cabeça e no peito. A mãe não falava muita coisa, mas ele sabia o que a mãe estava pensando, a mãe queria que ele saísse do trapézio e andasse em terra firme como os outros, desejava isso, queria que se encontrasse com Stela e se casasse e tivesse alguns filhos e fosse feliz, que fosse um homem apenas ocidental e que comentasse as coisas sem maiores sofrimentos.

- Você pensou que fosse fácil arrumar, não é isso? Já passaram seis meses e até hoje você não arrumou nada.

Ele então começou a falar de pessoas, de projetos, disse que havia muita coisa pra frente e que, guardando as proporções, a liberdade valia a pena, mesmo que fosse pra reconhecer a inutilidade dela. Ele pensava de um modo e falava pra mãe de outro, a mãe ouvia novelas e periodicamente ficava doente e podia morrer a qualquer hora por causa da idade. Ele não queria acusar a mãe, porque a mãe nascera num dia em que houve claridade de lua cheia, num dia desses, era bonito ver a lua cheia engordar e alumiar a tarde mas, por outro lado, não se sabia absolutamente o que viria depois nem se pensava nisso. A mãe fora empurrada sem querer, e as costelas da mãe doíam por causa do desastre. Ele, sendo filho, nasceu também com dores na costela, embora a mãe jamais pudesse conceber que as dores do filho fossem dores herdadas. Mas, passados os oito anos, ele canalizou as dores pra outro lugar e coloriu a dor de modo diferente, o que a mãe também não compreendia nem jamais podia compreender. Ele não acreditava em culpa, mas não pedia a benção da mãe, porque não gostava que a mãe repetisse "Deus te abençoe, meu filho". O máximo era acariciar o rosto da mãe, como quem faz a ternura mais triste do

mundo: nem mesmo essa ternura a mãe podia compreender, era ternura de gente cansada, cansaço que veio se acumulando se acumulando até parar diante dele. Então ele viu tudo aquilo, pensou o que poderia fazer de tanto barulho ao redor do corpo e tomou a iniciativa primária: caminhar. Começou andando por um asfalto todo quebrado porque o prefeito da cidade não cuidava dos buracos. Depois cortaram as árvores e ele sentiu outra sensação de alívio, e continuou caminhando. Com muito custo aprendeu desviar-se das pessoas e dos carros e, ao mesmo tempo, resolver qualquer problema que aparecesse na esquina ou fabricar uma solução provisória. O que havia de mais forte dentro dele eram justamente as coisas provisórias que fabricava, resolver uma coisa agora e preparar-se para outra coisa depois. Não contava os dias pelas horas do relógio mas pela idade do universo, por isso tinha os dedos tão longos e a testa larga. Depois acostumou-se com tudo, ou por outra, foi obrigado a sentir-se humano e partilhar a vida dos semelhantes. A salvação dele estava nas mulheres que passeavam e que eram realmente muito lindas, a beleza das mulheres sendo de tal modo que ficava desorientado. O convívio com elas não diminuía o espanto, pelo contrário, aumentava o espanto de acordo com a idade. Às vezes ficava sem saber se o que existia era a beleza das moças ou a necessidade que sentia da beleza delas, não sabia se era beleza de verdade ou beleza fabricada. De qualquer modo, sentia-se bem com a cidade e com as moças na cidade, criou o hábito estranho de morar num lugar sem nunca sair dali, não havia tempo suficiente para olhar e sentir tudo o que existia. Os amigos chamavam poeta, outros falavam intelectual por causa dos livros na estante, alguns diziam existencialista por causa da barba crescida e também por causa da eterna discussão entre essência e existência. Era agradável sentir que se tinha um corpo apontado, da mesma forma como um espinho fere o dedo e chupa-se o sangue na falta de lenço.

- Mônica veio dizer que a Stela mandou um abraço bem apertado pra você.

Certos amigos falavam que ele era misógino, ou diziam que os carecas são inteligentes, os insultos eram sempre muito simpáticos. Stela era amiga de Mônica e Mônica prometeu arrumar um marido para Stela, e Mônica pensava nele como provável marido de Stela. Ele

pensava em mulher e não pensava em esposa, e não pensava em depravações a não ser em sonhos, mas que não o provocassem porque então ele não saberia que ônibus tomar, ele não conhecia o bairro, não tinha dinheiro para pegar um táxi e, principalmente, tinha vergonha de não ter dinheiro. Isso foi nos primeiros tempos, mas agora a situação havia melhorado porque ele chegara num ponto quase limite, exercitava-se na pobreza como aqueles monges que maceravam a carne à procura de um deus sempre desconhecido e, por isso mesmo, apetecível. Se vivia num mundo de ideias, o que não era correto dizer, vivia igualmente num mundo bastante concreto e estúpido, o que era mais correto. Não que estivesse interessado em correção de frases, mas estudou muito tempo em seminário e no seminário ensinavam filosofia, correção de frases e bons costumes. Foi lá que aprendeu não se importar com frases corretas que não levam à parte alguma, não se importar com filosofia de rendinhas de paramentos e de ostensórios brilhantes ou de turíbulos cheirosos, nem com bons costumes que geram dúvida na vida particular de qualquer monge. Pensava nas revistas, no cinema, nos homens importantes, embora fosse tido como intelectual porque colecionava papéis acetinados e vendia máquinas de escrever, das antigas. Pensava também nos músicos e na música desesperada que compunham, sonhava ser um deles como quem sonha com a morte de algum parente, era uma coisa lírica e cômica. Como se alguém não acreditasse que existe e você desse nele um chute pra que ele acreditasse: mais ou menos desse modo. As histórias que falavam de artistas passando fome e passando necessidades eram histórias boas para serem ouvidas mas que não resolviam a fome e a necessidade. Ele nunca passou fome mas começava sentir necessidades, mas não tinha coragem de cortar o barbante que feria os pulsos porque os outros eram ainda muito presentes e ele gostava imensamente de si mesmo e tinha uma vaidade bem gorda que pedia alimentos de minuto em minuto. Aquela tristeza antiga havia desaparecido quase por completo, a pior angústia topava com os livros na estante, e então era como se visse guerrilheiros morrendo de liberdade mas ele aqui e os guerrilheiros lá longe, os guerrilheiros vinham em forma de notícia nos jornais e viravam



assunto de conversa ou pretexto para um gesto mais violento que, afinal, acabava não violentando ninguém. Ele estava comprometido com tudo, mas não participava de quase nada, queria um gesto imenso mas sofria de ananismo. As tentações se acumulavam nos olhos surpreendidos e ele esperava que alguma coisa acontecesse para só então resolver essa coisa. Resolver sendo questão de tempo, o fato do tempo passar era a solução de tudo. Não mais pensava nos dias seguintes, porque os dias seguintes eram apenas suposição, e o outro dia era somente a certeza que tinha dele mesmo e de hoje. Houve uma inversão, até certo ponto benéfica. Antigamente ele sofria as coisas, agora a falta de solução era sintoma de coisa resolvida.

Com boa dose de estoicismo pensou na semente que a mãe dele enterrara no quintal da casa. Apesar do mato e das ervas, a semente conseguiu nascer ao lado das árvores. No quintal havia jambo, mexerica, manga espada, pera e um tanque de lavar roupa e de brincar. Depois que foi para o seminário, o quintal e a casa perderam o interesse, mas os olhos nunca se acostumaram com o casarão, um casarão que era velho e frio por causa do silêncio e das crenças da mãe, a religião é sempre uma coisa silenciosa e cheia de mistérios, e ele não gostava de mistérios. A vida dele se fez de casarão, mas o temperamento era bem outro. Esse temperamento só conseguiu manifestar-se durante aqueles oito anos, depois então nasceu uma tarde que tinha o mesmo significado da noite mas que era uma coisa mais humana, ele sugando a vida e sentindo o vento bater no rosto. A idade procurava equilibrar o entusiasmo de jovem e a velhice própria da terra, e principalmente a juventude de tudo o que existia, que era uma juventude provocada pela velhice ou, melhor ainda, por essa tendência em medir as coisas e em querer comparar o homem com esse tempo que não era nem tempo nem espaço mas apenas o espanto em sentir-se tão diminuído. O problema era olhar as coisas, sentir as coisas, viver as coisas, ele sendo um homem postado ali na esquina por tempo indeterminado, e o mundo inteiro jovem demais para acreditar na própria velhice. E ele, afinal, era tão feliz quanto se possa aguentar uma palavra dessas, aguentar sem sentir calafrio e

sem desejar mais nada a não ser, paradoxalmente, o gradativo aumento de desejos e o equilíbrio na corda bamba ou no trapézio.

5 °

De paletó para frio e calça escurazeitona mas sem gravata, veio para os dois amigos, Felizardo e Maria Tereza. Ela de cabelos compridos soltos, meias pretas e blusa preta e saia escura e blusa de manga comprida e de costas viradas para Reinaldo que vinha para os dois namorados. Felizardo sentado no muro e brincando com os cabelos e com o pescoço de Maria Tereza que ria nos dentes e na gengiva. Os dois eram altos e magros e conversavam sobre cinema e literatura.

- Tudo bem?

Entravam dentro do cinema. Não, que é isso? Pode fumar lá dentro que não ligam não. Puxa! Você sumiu hem? Esta é minha noiva, e mostrou a moça magra com o rosto vermelho de pintura, os olhos encabulados cumprimentando sem tirar a bunda da cadeira e Reinaldo encostou a mão direita na poltrona vazia. Eu vou ficar lá na frente porque aqui detrás eu não enxergo.

Descendo a rua até beijar a avenida, levavam cadernos no braço. A pensão de Marco Antônio fica no centro da cidade, e as duas moças moravam em bairro. Gordo risonho, e debochado nos dedos e gestos do corpo, o corpo acompanhando os gestos da mão. Celinha, quando ria, colocava a ponta da caneta nos lábios e olhava para o asfalto, mas tudo rápido. Iza carregava uma pasta cheia de cadernos e livros, a pasta controlava o corpo. Os quatro dominavam o passeio e a vida de cada um era importante para cada um. A filha de Celinha, com dois anos, estava doente, mas Celinha preferia não falar. A outra vivia reclamando da vida, uma gozação aquilo, de tão insistente. E Reinaldo.

- No meu tempo

Quando a freira deu aula de anatomia, a mocinha saiu da sala porque era indecente, feria a virgindade dela, de Deus e da família.

- Não podia nem ficar de braço dado
  - Trocava a roupa no escuro
  - Tomava banho de calção porque não podia ficar pelado diziam
  - Mandava a menina vigiar a freira
  - Não me toques
  - Brinquedo de mão é brinquedo de cão
  - Quem fica perto de mulher peca
  - As internas às vezes eram piores que as externas
  - Acabei tendo raiva do corpo de tudo quanto é mulher
  - Fazer a gente ter vergonha do corpo só espírito medo que têm de olhar o corpo e se você falar
  - É colégio de padre também?
  - Isso é besteira
  - O Heitor vive falando que é macho mesmo que pega mesmo
  - É uma fuga
  - Acho que é mais do que fuga
  - Se pudesse eu ia viver pelada por aí
  - Por que então fazem vestidos decotados? mostrando as pernas?
- Tinha mania de passar a mão na minha perna depois eu falei que negócio que é esse?

Celinha, a cabeça olhando o asfalto e caneta nos lábios, virou a rua e Marco Antônio seguiu logo depois. Iza e Reinaldo desceram a rua ruminando as mesmas coisas. Iza disse uma vez pra Reinaldo: te amo. Reinaldo sabia, mas era como se nada houvesse acontecido, ele não tinha disposição para magoar os outros. Quer dizer: ninguém era perfeito ali na rua, impressionante! Falasse em casamento, falasse.

O professor continuava:

- Depois pegaram a puta e puseram dentro do caixão e levaram para o cemitério, e abriram o caixão para foder na puta dentro do caixão, queriam sentir o máximo com aquilo. A puta morreu de medo,

levantou-se com calma e foi saindo do cemitério às 2 horas da madrugada do dia 25 de dezembro.

- Depois ficaram bebendo cerveja e vinho nos crânios que encontravam.

Com a mão direita apoiando o queixo e sentado na privada, Ernani pensava. A pia branca na frente dos olhos e a torneira pingando. O banheiro num canto, o chuveiro do outro lado. O papel higiênico perto da privada. Camisa esporte e calça arregaçada até os joelhos, a marca vermelha na bunda de ficar sentado. Limpou o cu e olhou no espelho, havia espelho em toda parte, até no rosto dos amigos, e principalmente no rosto dos amigos, como se o rosto dos amigos pudesse ao mesmo tempo lembrar o sexo de Luci e a beleza de Beatriz e também o rosto das pessoas mais (des)conhecidas. A porta assobiou quando ele abriu. Andando pelo corredor encontrou-se com Marilurdes na esquina, ela com sacola na mão dizendo que ia à feira.

Marlene, prima de Ernani, morava no Rio e estudava jornalismo, levava vida livre até certo ponto, os amigos frequentavam o apartamento dela. Quando morreu de câncer ou falta de amor, escrevia poesias para Ernani e Ernani explicava o que era dolo estudava direito e a palavra dolo fez sucesso no meio deles por falta de uso. As crianças choravam, e o silêncio era ideia isolada, Marlene com vestido pra cima dos joelhos, e a borboletinha voava em torno da chama da vela até ficar queimada na chama da vela quando a chama da vela dava estalinho por ter queimado o corpo da borboleta. As crianças choravam, a menina fazia boca de sapo quando chorava e ferindo mais o coração que os ouvidos.

- Mãe bô, diz a criança de noite.

O choro das crianças dentro do apartamento o riso das crianças dentro do apartamento o menino dando corda no despertador e o despertador pedindo mais doce pedindo tudo o que viam dentro do apartamento.

- Mãe mãe inho inho, continua Aurélio dentro do apartamento.

Ah os congregados marianos! repetia Reinaldo entre um copo e outro. A cidade mineira e católica, o asfalto católico, as pessoas uniformizadas de acordo com a irmandade a que pertenciam, terços, véus, livros sagrados, Reinaldo passou a mão na bunda da velha e sentiu mistura de gente. Os carros desviavam do povo, as casas comerciais fechadas por causa do dia santo. Reinaldo vê Beatriz de véu branco e terço na mão: você também? Beatriz falou de gestos, queria experimentar alguma coisa com aquilo, aquela afobação toda.

Se a mãe parava no portão de casa e com as mãos escondidas atrás e chamando Zaga vem cá, Zaga vinha pelo passeio e passava correndo perto da mãe porque a mãe escondia a varinha na mão para bater no filho teimoso. Os pés descalços e sujos de terra e poeira, calça com suspensório de pano e sem camisa, a marca do suspensório no corpo de Zaga por causa dele tomar muito sol na rua e malandrando com os amigos de escola ou com os estranhos.

#### Despertar da Montanha

A cidade onde Zaga nasceu com sete oito anos de idade tinha a igreja mais bonita do sul de Minas, o jardim na frente da igreja e a cidade no morro. Um cinema, dois padres, alguns postos de gasolina, a igreja são Benedito da cor do santo, e a Rua Treze de Maio onde o povo andava pra cá e pra lá aos sábados e domingos antes do cinema das oito. E a cidade tinha o trem que passava duas vezes por dia e as pessoas que iam ver o trem.

Os amigos de Zaga jogavam bolinha de vidro e futebol, a bola de futebol caía no bueiro ou rolava no morro. Encontrava os amigos na escola, na rua, na igreja ou em casa. A irmã de 11 anos "namorava" Humberto e Humberto dizia que Rosária gostava dele. Zaga fazia cara meio de indiferença meio de aprovação, como se não quisesse perder o amigo ou pouco se importando com o amigo que nem era amigo, conhecia de vista.

Etevaldo vinha com a bolsa no braço e conversavam sobre as aulas, aquela menina que gostava de Zaga e Zaga ficava com vergonha, Anita. Os amigos cantavam a música que falava de Anita e Zaga ficava encabulado, não olhava para Anita e Anita não conversava com ele, de vez em quando Olga virava na cadeira e brincava com Zaga e Zaga

puxava os cabelos compridos de Olga e Olga disse que Zaga judiava dela mas Zaga queria mostrar que gostava de Olga e sem saber de que jeito. Tanto Anita quanto Olga moravam longe de Zaga e bastava chegar em casa pra Zaga esquecer.

Marina era amiga mais vezes e Zaga tinha medo da arrogância dela. Marina mexia com Zaga, puxava a roupa dele, implicava com ele. Benedita, mãe de Zaga, ria quando as irmãs falavam de Marina. Depois Marina se mudou e Zaga achou falta, pouco tempo.

A filha magrinha do casal protestante gostou de Zaga e os amigos caçoavam de Zaga, Noemi unhou o rosto de Zaga e Zaga avançou nela, o irmão grande de Noemi apartou a briga mas Zaga só sentiu quando estava com o rosto queimado de unhas e um pouco de sangue. Paulinho atiçava o cachorro dele nos protestantes porque o cachorro era católico Paulinho era católico e o pai de Paulinho era veterinário e os meninos se divertiam.

Eneida saiu da casa de Zaga dizendo que vira Zaga tomando banho, e Zaga não sabia como sair de casa agora que todo mundo sabia. Falavam de Eneida com Zaga porque Eneida mancava e era magrinha e deu o braço pra Zaga, porque o pai de Eneida achava bonito os meninos andarem de braços dados.

E a cidade tinha o maior campo de futebol do estado, diziam.

O povo ficava na janela espiando alguém passar e criticava, fazia piadas, inventava. Falavam do sexo de solteiros e casados. A família do seu Antônio, a mulher separada do marido porque o marido bebia demais e as filhas andando com qualquer um. Farejavam escândalo. E a mulher do seu Antônio comungava todo domingo, rezava, purga os pecados da família e se santifica. Zaga não sabia e a mãe era católica.

Zé Antônio enterrava bichos. Celeste, irmã dele, aguentava alguns beijos de Zaga, e Reinaldo só olhava, doido pra beijar mas ficando de lado como se não quisesse, Reinaldo sempre foi de olhar as coisas e Zaga fazia as coisas proibidas pela mãe, por isso Reinaldo sempre se entendeu melhor com Beatriz, apesar de Marina.

Chamavam Waldir de buldogue, por causa da cara, o corpo gordo, até as palavras saíam gordas, a roupa desajeitada no corpo como se nunca tivesse usado roupa que servisse.

E Zé-Mé, que não perdia comícios nem churrascos, punha a mão direita no coração, respirava fundo e dizia com o chapéu na cabeça:

- Eta ferro!

Ficou louco manso porque uma vez quebrou a cabeça e então puseram pau de fósforo na cabeça dele. Viajava pra Colônia, dormia em qualquer buraco e comia quando arranjassem. Garantia que ia casar com a filha do prefeito. Quase sempre de paletó muito comprido e calça amarrotada, gravata vermelha e um lenço desajeitado no bolso do paletó.

Veio o cachorro, cheirou cheirou a cadela, rodeou a cadela, a cadela enfia o rabo no meio das patas e o cachorro cheira a cadela e trepa em cima da cadela indo e vindo indo e vindo, o cachorro e a cadela se arrastam grudados um no outro, gemendo com a força empregada. Os meninos, amigos de Zaga, fazem algazarra tremenda diante dos dois animais e olham para as mulheres que passam envergonhadas na rua quando veem aquela coisa. Paulinho, mais resolvido, mete uma paulada no lugar onde os cachorros estão grudados e o cachorro sai da cadela ganindo como doido. Os meninos se olham como entendidos no assunto vão brincar.

Apresentou as amigas que vieram para o casamento da irmã. Dora morou muito tempo na casa de Reinaldo e apresentou as amigas, Edna e Solange, magrinhas e loiras, não bonitas mas simpáticas. Solange ria estridente, Dora já era pessoa da família e espalhafatosa nos traços grossos do corpo e do rosto, pouco frágil pra mulher.

- Bossa é a coisa mais espetacular. De qualquer época.

E Edna. Menor que a irmã Solange e mais reticente, o corpo nem muito nem menos, a casa cheia de parentes e conhecidos, saíam de noite passear no escuro e com agasalho para proteger do frio que não era muito, principalmente pra quem veio do Paraná, como as duas irmãs. O Chat Noir com uísque de capim que era a especialidade da casa, Dora com o vizinho Mauro do 4º andar e Solange com o irmão de Rubens, os casais se atropelavam nas mãos e na disposição do corpo ainda jovem.

- Sua mãe tem ciúmes de mim.

- Ciúmes?

- É.

José com a noiva no Sagarana. As mãos de Edna enlaçando o pescoço de Reinaldo e grudados um no outro, dançando e beijando ao mesmo tempo, roçando o corpo para sentir o escuro da boate. Sentados na cadeira e beliscando frango a passarinho e uísque, a cabeça de Edna encosta na poltrona.

- Você deve ser muito bom de cama.

- Você deve.

- Bom.

Mordendo chupando o pescoço de Edna que fechava os olhos.

- Você está sempre de olhos abertos.

A mão de Reinaldo explorando a barriga de Edna, os seios pequeninos quando ela apertava a mão de Reinaldo fechando os braços, a mão de Reinaldo sentindo a meia de Edna e procurando a pele e a calcinha.

- Você beija como se eu fosse uma coisa muito delicada.

Careca na parte superior do crânio e muito cabelo dos lados. Orelhas grossas e escancaradas, como as do pai. Gogó não muito saliente, verruga em cima do gogó, rodeada de cabelos. Ponte para substituir os dentes que faltavam para o céu da boca. Língua amarelenta de café e nicotina. Olheiras enterrando os olhos, cílios pretos, pálpebras ultimamente inchadas e vermelhas, sobancelhas pretas. Nariz grosso e longo, lábios grossos e rachados, a língua aliviando os lábios. Barba cerrada, rosto chupado. Queixo português, testa francesa, olhos mundanos, castanhos, olhos da cor dos objetos vistos. A cabeça formava pirâmide invertida. Peito cabeludo, costas menos cabeludas que o peito. Meio corcunda, talvez de ficar muito tempo sentado e sem fazer exercícios físicos. (Cifose lordose, diz o médico.) Magro, com tendência para o esquelético. Costelas visíveis. Braços e pernas cabeludos, pouco músculo. Braços finos e mãos de dedos longos, e pés brancos por falta de sol.

Ontem sonhei com você e uma cobra perseguia você dentro do quarto e eu torcia pra cobra te morder, depois você entrou dentro da



gaveta e a cobra também entrou dentro da gaveta, depois nós ouvimos uns gritos desesperados lá dentro da gaveta e você morreu com o veneno. Eu queria que a cobra te mordesse mas senti um aperto na garganta quando vi que a cobra te mordeu. Meu irmão espremeu com raiva a outra cobra vermelha e a cobra soltou veneno pelo rabo, o veneno enfumaçou a sala.

Naquele tempo misereor super turbam a miséria me perturba fero fers tuli latum fere quem com ferro fere com ferro será ferido cor contritum et humiliatum Deus non despiciat couro curtido e molhado nem Deus espicha omnia munda mundis todo mundo é imundo qui quae quod comigo ninguém pode.

Na Faisqueira, casa de campo dos futuros padres, Zaga e os colegas conheciam a menina Geni que era mais ou menos da idade deles, turminha de uns 11 anos, deliravam com a vizinha.

Na hora da benção, o ostensório exposto, cantavam Tantum Ergo, e a segunda parte do canto começava no cheiro do incenso, na sonolência que dava o turíbulo balançando, e no sonho, desse jeito: GENitori GENitoque, os meninos se olhavam e compreendiam, pensavam na menina Geni.

- Ave Maria cheia de graça o Senhor é convosco bendita sois entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre Jesus.

Mas seu Joaquim avançava antes do povo e respondia num arranco:

- Aiaque santa Maria mãe de Deus.

Saaárve raiiiinha mãeda misê rincóóórdia.

O povo assassinava o canto e os seminaristas riam.

- Quer comais quer bebais, fazei tudo em honra do Barrabais.

O padre ficava bravo.

O tomista blasfemava: o sapo, na sua sapeidade, é um ser belo. O aluno traduzia errado e afirmava que o sapo é belo para os olhos da sapa, o sapo agrada à vista da sapa. E concluía: quod si fallor, sum.

O guarda-roupa antigo e pequeno com espelho na metade da porta, os ternos dentro dos cabides e cada um esperando a vez. Discos num

canto do guarda-roupa e dormindo verticais. No espaço que sobra dos discos estão três pastas cheias de papéis escritos e muitos papéis avulsos esperando palavras. Em dois cadernos o diário, e um livro de capa vermelha que serve para equilibrar a mão direita quando Reinaldo escreve no caderno. Dentro do guarda-roupa há giletes usadas que servirão para abrir livros, vidro de água para depois da barba, creme de barbear, aparelho de barba, pincel de barba, vidro de perfume, lata de talco, duas tesourinhas, canivete, capa de papel com carbonos, pasta preta cheia de documentos e outros papéis esquecidos, remédio pra calo, pente grudado na escova, caixinha com botões e agulha, outra caixa com quatro abotoaduras para as quatro camisas de punho duplo, sete pedras de isqueiro e uma caixa de fósforo. Na parte interior do guarda-roupa estão enforcadas 10 gravatas. O guarda-roupa tem gavetas pequenas, uma grande, com camisas cuecas lenços meias. O tapete verde, de borrões brancos, protege os tacos avermelhados da cadeira de balanço. Benedita ganhou a cadeira de balanço da mãe dela e deu pra Reinaldo. A flâmula da faculdade foi Luci que deu. As estantes ocupam a parede, expõem livros e sugam elogios como esponja. Livros divididos por autores. Em cima das três estantes a máquina de escrever palavras, jornais e papéis empoeirados. Na estante perto da cadeira de balanço o cinzeiro com tocos de cigarro e cinza, que eu ainda não sou pó. Revistas na primeira prateleira. As duas camas, de Reinaldo e do irmão. Uma cadeira entre as duas camas. A radiola cor marfim enchia o quarto de sons estereofônicos. Num canto as roupas sujas se escondiam, mas o cheiro ficava. Cheiro de homens e de sujeira, ou falta de dinheiro pra comprar roupa e trocar de roupa todo dia, o perfume desviava o mau cheiro, era essa a finalidade. A cueca escura de bosta, as meias duras de suor, a camisa amarelenta nas axilas. As persianas levantadas e a janela metade aberta. Da cadeira de balanço Reinaldo erguia os olhos com desânimo e vendo a parede branca e alta do prédio vizinho, o outro prédio em construção e os trabalhadores andando no esqueleto do prédio, luzes acesas de dia e de noite. Um pedaço de céu com nuvens. Reinaldo sentia as pernas balançando e a cadeira parada. Vem a dor de barriga e sai do quarto pro banheiro.

Arnaldo e Marilda pensavam seriamente em casamento e filhos, o rosto redondo e satisfeito dos dois. Decentes, como diziam os amigos. Conheceram-se porque a família deles era amiga e Arnaldo e Marilda namoraram, um não tocava no outro porque isso era coisa pra depois do casamento, comungavam na igreja são José e confessavam com o padre dominicano da Serra, frei Euzébio, bom sujeito por sinal. Só assistiam filmes permitidos pela censura religiosa, não diziam palavras feias e combatiam os maus pensamentos. Arnaldo era trabalhador e ajuntava dinheiro para casar, era virgem porque queria oferecer o corpo para Marilda e desde logo aceitava os filhos que Deus lhe desse. Namoravam só no alpendre da casa de Marilda ou dentro de casa, conversavam sobre coisas honestas, estudavam religião e faziam um curso especial para noivos. Só liam obras piedosas e não eram fanáticos, mas defendiam a religião católica como única verdadeira, e rezavam pelos pecadores.

Heitor: mais para magro e óculos ocasionais, raramente usava terno, calça era de cor extravagante, o relógio no pulso direito, nada de gravata, cabelos lisos e rosto chupado, irrequieto. Heitor representava, dos conhecidos, o macho que usa tabuleta nas costas pra que ninguém duvide. Contava casos de sexo, não podia ficar um dia sem meter porque não aguentava, gostava de mostrar o tamanho do pau dele para os amigos e vivia abraçando as amigas para se convencer da macheza. Um dia ficou só de cueca e entrou na geladeira: sou macho mesmo! Bêbado, pôs o cano do revólver no ouvido e a roleta russa apertou o gatilho, nada: sou macho pra burro! Repetia que era, arregalava os olhos e fazia algazarra quando via na revista mulheres de biquíni, gozava os viados. O assunto predileto era macheza. Não se gabava apenas de pegar mulheres, mas contava casos e casos de animais no pasto, ele era macho, não perdoava nem as éguas da fazenda. O pai seguia a cavalo e Heitor esperou que o pai sumisse de vista. Desceu da égua e enrabou a menina, ôba quieta quietinha ôôba quietinha ôôb ai!

Lambreta era louca porque tinha mania de abraçar os outros e fazer discursos e assistir reuniões nos sindicatos. As pernas pesadas e o vestido pra baixo dos joelhos. Corpo redondo, cabelos curtos, mãos que gesticulam de impaciência mas alegre de louca, e suja. Trepada na cadeira do engraxate e com a varinha na mão, fazia discurso para os estudantes que aplaudiam muito beeeem! já ganhou, reganhou, as palmas e os braços cruzados perto do banco. Lambreta cansou de falar e foi levada em triunfo pelos estudantes. Andava com bruta solenidade, não que ela disfarçasse mas a gente via desse jeito, feliz com a popularidade dela. Revolução quartelada golpe, prenderam Lambreta e Lambreta foi solta no dia de Pentecostes. As mulheres cultivavam piedade em Lambreta, os moços gozavam Lambreta. A cidade procurava sentido em Lambreta, nos viados do edifício Maleta e na rima dos poetas, nas lésbicas que se escondiam muito bem, a partitura não conhecia tradição, era tudo misturado e dissonante mas era a cidade com a hipocrisia da cidade, com a tradição família e propriedade da cidade, com as montanhas servindo de desculpa, com a pedra lascada, e o amor de mineiro por carioca porque carioca era o que mineiro não era, amava a devassidão e a loucura, e as aparências, Lambreta era amiga de todo mundo e abraçava todo mundo como político abraça, as eleições seriam na quarta feira de cinzas e Lambreta recebeu a condecoração do Cruzeiro de Minas. Como diriam os teólogos: as espécies que estão em Lambreta não são Lambreta, quem não tiver culpa atire a primeira pedra Iaiá.

As pessoas dentro da sala principal da casa e o cantor italiano chorando voz no rádio. Rubens, a mulher de Rubens, Soninha brincando com os tios, José, Benedita, a voz procurando bem lá em cima onde não há contato porque é muito lá em cima sempre lá em cima afinal é o que interessa, o rádio chorando na voz do cantor italiano, os dedos de Rubens estalando para chamar Soninha, Rosária brigada com o marido porque Benedita falou que o umbiguinho do nenê estava com pus e precisava acordar cedo pra chamar o médico e Délio não gostava de acordar cedo e saiu da casa da sogra e não voltou mais e ficou brigado com a mulher Rosária. Rubens agacha perto do rádio e muda de

estação. Benedita e José leem revista e o sol entra pela persiana descida, Rubens brinca com a bola de Soninha e Soninha bate palmas eu sou craque diz Rubens, Rosária dorme triste, Maria Lice chega com a amiga do 4º andar e Tereza toma café na cozinha, a geladeira fede quando abrem, os cantores modernos e menores e populares a melhor música popular do mundo eu não nasci em Pernambuco. Música falando de amor flores artificiais no jarro de vidro a sombra que vem das persianas cachos de banana apodrecendo por falta de bocas, a mesa sem toalhas e os dois nenês dormindo no quarto, Tereza entra na sala com o copo de café e com o pedaço de pão com manteiga e ri para alguma coisa que Reinaldo não percebe o dedo bate no cigarro para jogar a cinza da ponta vermelhão relógio de pulso encostado na mesa o progresso da cidade depende de você pague em dia seus impostos um rombo de 110 milhões serviço de utilidade pública os cantores cabeludos o solo de violão vão jogar palavra cruzada vão lá no quarto lá dentro o quê que é Soninha? José não desgruda os olhos da revista ó seu tio olha você aí sua vó tá te chamando põe ele aí Maria Lice saxofone histeria as sombras na sala escurecem mais as conversas espaçam mais o solo do violão no rádio tocando samba triste ajeita os óculos no nariz a toalha branca em cima da cadeira poucos cigarros no maço a porta bate com força Soninha fica brava e faz rram na garganta pedaço de sol dentro da sala as vozes que vêm da cozinha uma porta lá no quarto que esbarram e ruído a voz de Rubens José calado eu ia falar qual? o locutor diz a música que tocou vem o anúncio a primeira loja os papéis na mesa o máximo de qualidade o máximo de garantia a certeza de sua boa visão quatro e quinze cantores o jornal jogado no sofá José de pernas cruzadas Reinaldo morde a língua quêde a revista? té logo! essa é muito bonita essa miss não?

Adélia era conterrânea de Reinaldo, gorduchinha e fofa mas não tanto. A rua escura do bairro e Adélia agarrada em Reinaldo como a proteger-se de outro macho. Útero, você é útero. E você? Eu sou mijo. Como é que pode sair alguma coisa desse negócio?

Quando começou o namoro no baile, Reinaldo disse que ela deu show de buceta, uma esfrega daquelas com o rosto colado. Reinaldo

levava Adélia pra casa, as coxas se agredindo e quase impedindo de andar. Adélia também falava em rolar na cama. Reinaldo não sabia beijar, mas quando Adélia beijava Reinaldo dizia você me beijou! Reinaldo segurava o cuspe pra não babar. Em pé no portão da casa Adélia encostava a bunda no pau de Reinaldo e Reinaldo esfregava. No carnaval Reinaldo se desculpou que não ia brincar por isso por aquilo, Sebastiana (nome doido, meu!) esperava Reinaldo no outro clube, mas a verdade é que ele estava com gonorreia. Sentado na escada Reinaldo abraçava a fantasia de Sebastiana e inventava mais coisas no meio do barulho, mentindo nos ouvidos de Sebastiana com a maior sinceridade.

Penumbra. As pernas esticadas, o corpo no sofá, vodca e gelo no copo, cigarro exalando dedo, a poltrona recebe o braço, a cortina mexe no vento, a janela aberta com a noite, os olhos comprimindo a noite, música na radiola.

Acendeu a luz. Olhou a moça com raiva, foi despertado, mas a moça era filha da casa, ele forçou o riso.

- Perdão!

Ficou esperando que dissesse que não era nada que estava bem assim. Ele não falou, olhou sem expressão como se não visse, a elegia tocava, a vodca e os vapores, felicidade de copo.

Penumbra, eu só, afasto os outros de mim, me afasto dos outros, grudam como chiclete no cabelo, ou como chato no saco.

Sinto falta das coisas que tenho, penso no que acontecerá daqui um ano por exemplo, José tem os tiques da cidade onde nasceu, Maria Lice de sutiã depois do banho e enxugando as pernas, abriu a porta do banheiro e Benedita enrolada na toalha de banho levou susto porque esqueceu a porta do banheiro aberta, Luzia riu, a novidade dos primeiros dias depois a rotina ou inventar novidade para ferir o pudor, faculdade católica, chama-se (um nome russo).

Coçou a barba. O esqueleto brigava com a carne, o esqueleto vencia a longo prazo, o pó vencia o esqueleto, o tempo vencia tudo, não era nada.

A camisa suja os punhos sujos andar na avenida o barulho diminui com a noite, não sabe o que faz.

O carro gritava no pneu.

A moça de braços cruzados dentro do quarto.

- Ele é louco! disse a menina de 13 anos, por causa dos cabelos desarrumados de lado e da careca em cima, a camisa pra fora da calça e os óculos escuros.

Eu sou louco.

A moça olhou a imagem passando ele passou e o carro estacionado sumiu dos olhos.

- Aquele senhor leu minha mão e disse que eu ia casar com um velho, tá doido! eu casar com velho, não quero ser pajem de velho não, pôs a mão na boca para esconder o riso as pernas eram finas mas ela sabia mostrar as pernas eu vou casar com tuas pernas com teu peito

Mordi o bico dos seios e a puta disse que doía. Chute no saco também dói, pô!

- Essa camisola é muito chique, 46 e 8, e essa malha é malha boa, você tá suspirando hem? nossa! mas eu fico com essas camisolas desse jeito é? e ela é bonitinha, lingerie, na Clara tem mais barato mas na dona Ivone pode pagar depois, eu engordo né? a senhora vai gostar mais desta malha, é do tipo que a senhora queria, pode usar abertinho, a senhora fica com a cor de rosa, com a sainha justa amarela vai ficar bacana, é presente de aniversário, precisa comprar uns vestidinhos de casa, sutiã de náilon você tem? isso aqui é pra mim dormir com as baratas no sofá ri ri!

Quando peidava sem ruído, o peido cheirava carniça, o perfume disfarçava o mau cheiro, a barriga não funciona direito. A moça peida e ele sente a falta de estética ou a barriga desarranjada. As irmãs contando piadas e rindo da ousadia delas, porque Reinaldo contava piadas na mesa da refeição e as irmãs aprenderam. Comiam e falavam em baratas, arrotavam, abria a boca cheia de comida e mostrava o bolo dentro da boca iiii que nojo! A moça deu um grito quando viu o rato morto, o livro contava como pegar marido.

Celinha brincava na sala, literatura aguçava a esperança de Reinaldo, e Iza não sabia por que estudava. Marco Antônio rindo e chateando a Mércia baixotinha. Maristela desprezando jornalismo a

troco do conservatório de música, piano, lábios grossos e pernas finas, encabulada. Laertes e Nadir, subversivos para a época. Lídia, casada e três filhos, riso especial como do Marco Antônio. Vany de cabelos curtos e as palavras arrumadinhas no caderno de espiral, óculos. Maria Amália, racista ou depreciação de cor, "propaganda que se proponha a alimentar preconceitos de raça e de classes". Magra e alta, cabelos escorridos, Sílvia. Toninho, "seco por mulher", contrário do Castidade. Heitor, o macho, pupila do reitor, os amigos chamavam de James Bunda 0024. Maria Elisa, os amigos diziam Lisa, loira sem oxigênio, míope, requebrando e noiva de cabelos desarrumados. Bernardo e Francisco, café com leite. Inês, que oferecia presentes e gostava de notas na caderneta do professor, gordinha, carro preto, rasga a boca quando ri. Ceição, óculos, rindo novidades, apressada.

Pimenta na boca de Zaga e do irmão, ardia, queimava os olhos, peido peido, xingava a mãe, cu, xingava, AAai! pimenta, sentado de castigo na mesa da cozinha.

Mas, Laura, que aparição, você deu uma sumida grande hem? O que tava fazendo? A turma tem perguntado por você, ninguém sabe por onde você anda, coisinha difícil! Precisa aparecer mais, tudo bom? Sabe que o Carlos morreu? Não? De vez em quando a Regina caçoa um pouco de você, aquela lá não quer nada com nada. Você precisa aparecer, Laura, que diabo! Eu vou indo, meio desorientado, mas vai. Você tá mais magra, não? Preocupações. Ah sei, é, a vida é essa bosta mesmo, não tem jeito, a gente faz uma porção de coisas pra nada, não acha? Pois é, a turma fica sempre ali no Maleta, não tenho aparecido mas Regina falou que todo mundo vai lá. Quando é que aparece? Aparece, menina, tem muita gente com saudades de você, não acredita não? Sério mesmo, tou contente de ver você outra vez, você some e não fala nada. Que isso! Me importo sim, só que você me conhece, gosto de ficar calado mas gosto que os amigos fiquem por perto. Quando é que vai aparecer? Hoje mesmo? Tá bom, contanto que não suma de vez. Tiau, Laura. Aparece mesmo. Tiau.



Tinha 60 e tantos anos, professora primária muito tempo, desde os tempos de Zaga, agora estava aposentada, baixa e gordinha, tinha medo de ficar velha e não queria ficar velha, enfeitava-se como as mocinhas mas não exagerava como as mocinhas, gostava de vestidos novos e roupas decotadas, toda semana arruma o cabelo, pinta o cabelo de preto para esconder os fios brancos, cantava, falava sozinha como o pai falara sozinho, quando saía pra rua dizia para os de casa que voltaria logo, repetia para os de casa que voltaria logo, chamava o elevador e abrindo a porta do elevador dizia para os de casa que voltaria logo, ela queria que os outros se importassem com ela e ela fosse importante como animal de estimação, estava mais perto da morte porque tinha 60 e tantos anos mas não queria morrer não queria ficar velha não sabia por que a gente nasceu pra que tudo isso afinal mas pensava assim com tristeza não com angústia, jogava palavras cruzadas com Benedita, Benedita fora amiga de infância, infância era coisa que ficou longe demais, Adelaidinha, até o nome era de quem tinha 60 e tantos anos de idade e ia morrer de arteriosclerose cerebral e ser enterrada em Ouro Fino, no sul de Minas, onde nascera.

Cláudia faria o namorado de acordo com ela, religioso, bom, honesto e carinhoso, dois ou três filhos, delirava com criança, queria uma casa só pra ela, ter alguém só dela, ria muito de contente, nunca teve problemas financeiros e os pais eram formidáveis, a saia apertava o corpo, quando sentava na cadeira Carlos costumava furar as coxas dela com os olhos, os joelhos de Cláudia, Cláudia e as amigas como que inconscientes do desejo que provocavam nos machos, provocativas sempre.

Lucí feria os outros sem saber ou, se soubesse, não demonstrava. Dentro de casa o pai era sujeito ótimo, tranquilo, mas a mãe falava sobre aventuras e Lucí acusava a mãe por isso, a mãe não conseguia segurar o pai dentro de casa, a mãe vivia reclamando, que o pai não compreendia os sacrifícios, não ligava pra nada, não procurava mais. Os três irmãos menores pareciam com o pai, também

não ligavam pra nada, e a mãe sofria, nem os filhos gostavam dela, que vida! A mãe não tinha aptidão para o vício e por isso falava em virtude.

O calor sufocava e Maria Lize escutava rádio, Luzia e Benedita foram visitar Elça e Ivan, o rádio ligado, as luzes da casa acesas apesar das cinco horas da tarde, a chuvinha que caiu de repente e o barulho dos carros na rua, sinal de que ainda há vida no planeta. A solidão do homem era bem menor que o mundo.

Reinaldo, eu sou Reinaldo, troço besta.

(Zaga, Reinaldo, Marina, Beatriz, Regina - como saber?)

Hoje é sábado, amanhã é domingo. Tanto faz. Eu sou a maior piada que já conheci! Os pensamentos me atrapalham o sono, fico pensando e não durmo direito. Todos os dias tenho que fazer tais e tais coisas. Por quê? Pra quê? Eu não pedi o mundo!

Ora vejam, estamos grávidos.